nio Diniz

ilos

e Esthetas

DECUS IN LABORE

Zoilos e Esthetas

Do mesmo Auctor:

Poente, I, **Eterno Incesto**, Bahia, 1902 *(Exgotado)*.

Genese hereditaria do Direito (monographia), Bahia, 1903 *(Exgot.)*.

O passado, o presente e o futuro do helleno-latinismo em lucta com o germanismo, Bahia, 1903 *(Exgotado)*.

Raio de Sol, romance publicado no jornal *A Bahia*, 1903.

Sê bemdita! symbolo tragico dramatico, Bahia, 1905.

Ensaios philosophicos sobre o mecanicismo do direito, 2 volumes, Bahia, 1906.

Crises, romance, Lisbôa, *Guimarães & C.ª* editores, 1906.

Para publicar-se:

Sciencia e Dogma, questões philosophicas.

Psychologia social, diversos estudos.

Graça Nova, romance.

Sonhos de Medusa, romance sobre um caso de precocidade litteraria.

Amen!, romance heroico dos tempos de Canudos.

Psychologia do rubro, espolio de um nephelibata.

Amachio Diniz

Almachio Diniz

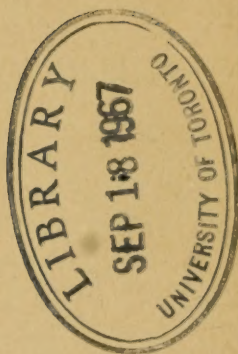
Zoilos e Esthetas

(Figuras litterarias)

SUMMARIO

PORTO — 1908

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão

editores. — Rua das Carmelitas. 144

Ao grande politico e eminente estadista

Dr. Severino dos Santos Vieira

O. D. C.

Bahia, janeiro de 1907.
(Brasil).

Reuno, nas paginas que aqui se abrem, cuidadosamente, as lettras que, em diversos numeros, em diversas epocas, sob diversos emocionamentos, finalmente, em crises diversas de minha formação litteraria, dispersei, como um dia se fez com os trechos deliciosos de **O Poema do Ideal,** *pelas seáras ingratas se não inglorias, fastidiosas se não aniquilantes da Imprensa.*

O Leitor Amigo vae revolvel-as.

A primavera da minh'alma, com a sua tulle de violetas delicadas — com o seu scepticismo inextinguivel — as rebuscou e lhes deu ascenção do jardlm das pallidas luzes do esquecimento para o ninho alcandorado da recordação contínua. N'ellas ainda se encontrará algo de novo, algo de inedito, trechos puramente actuaes de minha apreciação litteraria.

Mas, apezar de escriptas e editadas — em diversos numeros, em diversas epocas, sob diversos emocionamentos, finalmente, em crises diversas de minha formação litteraria — ellas são harmonicas, representando o seu conjuncto uma passagem d'aquellas em que mais caprichei por fazer valer a minha theoria de critica.

Eil-as, pois, não mais como fragmentos, mas como um longo trecho de livro...

Bahia, abril, 1907.

As duas moraes: a do scientista e a do litterato

«La morale ne peut-être unique».
S. SIGHELE.

Depois de vantajosamente haver desenvolvido a caprichosa these — la morale ne peut-être unique — SCIPIO SIGHELE teve a trabalhosa preoccupação de provar que «todo o homem tem necessidade de tantas moraes differentes quantos forem os meios differentes em que fallar ou agir»[1].

De facto, quem quer que leia, com a precisa attenção, as paginas bem escriptas do moderno auctor italiano, se convencerá de que ha uma completa duplicidade de moral nos homens, e mesmo nos mais puros, justificada plenamente com o espirito de conservação do individuo, «porque a vida de todo organismo é feita de acções internas e externas». Ha uma moral de amor, de

[1] *Psychologie des sectes*, trad. franç. de LOUIZ BRANDIN, Paris, 1898, pag. 115.

affeição, de sympathia, de affinidade, entre os homens de uma mesma nação, assim como ha uma outra de odio, de antipathia, de repulsão entre os individuos de nacionalidades differentes. Ha tambem uma moral do pólo e outra do equador. Uma moral do passado e outra do presente. Uma dos neutros, outra dos partidarios. E, referindo-se, especialmente, á moral dos politicos, asseverou muito bem aquelle fogoso escriptor: «Ainda é assim relativamente á mentira: na vida privada só se tem desprezo á mentira; em politica, os equivocos, a duplicidade, todos os meios de alterar a verdade fazem parte da sciencia do diplomata»[1]. De mais a mais, na proporção do justo prestigio que o citado escriptor gósa entre os modernos psychologos, lê-se, ainda assim, em suas paginas, que as duas moraes — politica e particular — prevalecerão e renovar-se-hão sempre; que o homem ficará sempre o homem e que a moral politica será differente da moral particular, bem como duas linhas parallelas (expressões do auctor) que, por mais prolongadas que sejam, jámais se encontrarão.

A maior parte dos leitores reconhecerá, á primeira vista, a certeza das palavras do publicista italiano, de modo que, assim, não precisarei rechciar o meu esforço, ou confirmar aquellas con-

[1] Op. cit., pag. 110.

clusões com factos e idéas, tão communs na nossa coexistencia social. A minha vontade, pois, será muito outra: será dar aos principios correntes de profunda psychologia, que colhi no erudito livro de SCIPIO SIGHELE, um desenvolvimento lateral, uma applicação propositada a casos diversos, nos quaes o homem não varia o seu regimen de moral dupla, conforme o ambiente e a epoca...

Ora, se no politico ha uma moral differente d'aquella que tem o individuo particular, do mesmo modo, no atheu ella é diversa da que faz uso o religioso, e ainda n'este, ella varía conforme as situações do peccado, da penitencia ou da absolvição.

O famoso padre ANTONIO VIEIRA, no Sermão I do quarto sabbado da quaresma, prégado em 1640, na egreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia, define, exactissimamente, a moral do religioso que pecca, com os seguintes periodos brilhantes: «A causa ou occasião não é outra senão que assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, assim o demonio inventou e nos dá outros quatro para adormentadores do esquecimento: aquelles espertam o endimento, para que sempre vigilante e com os olhos abertos nos não consinta peccar, e estes adormentam a vontade, para que frouxa, descuidada e céga, nos facilite o peccado. E que motivos infernaes são estes quatro? Para serem mais

infernaes vão todos fundados na verdade da fé e experiencia. O primeiro é a dilação do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o proposito do arrependimento, o quarto a facilidade e promptidão do remedio»[1]. E, depois de perpetrada a falta, vencida a dilação do castigo, e obtida a misericordia divina, explóde a moral da penitencia, e o peccador de antes é o mais justo dos mortaes...

Corollariamente, existem duas moraes muito diversas no litterato ou no poeta; ellas são: a do escriptor e a do individuo, sendo esta a que mais condiz com os seus mistéres profissionaes, com os seus actos de familia, de sociedade e de profissão.

Quem acreditaria na sinceridade das palavras de um poeta ou de um romancista, cuja moral fôsse o applauso lato e sem condição, do suicidio, do assassinato, do roubo, do jogo, do adulterio? A VICTOR HUGO, o applaudido e consagrado romancista francez, os seus contemporaneos e posteros dão as honras de grande philosopho, além de poeta e romancista. Julgando-se, porém, pela philosophia de seu livro *L'âne*, quem quererá, para escandalisar a sua sociedade, ser sectario de sua engraçadissima e extravagante moral? Hugo,

[1] *Sermões*, tomo I do padre ANTONIO VIEIRA, pag. 38, da edição de H. GARNIER, do Rio de Janeiro, 1906.

no emtanto, é applaudido como philosopho e como poeta, de onde o nenhum valor da consagração que lhe fazem as turbas. Ácerca d'este assumpto, ainda são de SCIPIO SIGHELE os seguintes interessantes conceitos: «A psychologia collectiva é raramente guiada pela logica e pelo bom senso. A occasião, o acaso, a inconsciencia, determinam suas manifestações na maior parte dos casos. O grito de um só provoca todos os mais para soltarem o mesmo grito. O contagio da approvação ou reprovação é fulminante, da mesma forma que em um bando de passaros, o menor batimento de azas produz um panico geral irresistivel»[1]. Estude-se bem, todavia, o caso da moral do applaudido romancista francez. Ás vezes, ou quasi sempre, a bôa ou má philosophia de um escriptor está no que de mais ridiculo ha na sua obra de muitos volumes. É o que se poderia dar com toda a philosophia de VICTOR HUGO, fazendo-se o seu julgamento pela conversação, tão inverosimil quanto desastrada, de um *asno* com EMMANUEL KANT, o activo investigador da razão humana, o alto espirito que concebeu o direito como uma consequencia da egualdade dos homens. Certamente uma philosophia assim feita, não se assemelha, nem mesmo á *sciencia do universo* de

[1] SCIPIO SIGHELE, op. cit., pag. 206-207.

Platão, condemnada por sua antiguidade, ou á *sciencia das cousas divinas e humanas* de Cicero, quanto mais ás correntes philosophicas de seu tempo e da hora actual... Apregôa-se, pois, a philosophia de Hugo porque escreveu — *La lègende des siècles* — e não se lembram do *asno* em detida conversação com o *investigador da razão humana*, e, por isto mesmo celebrisado na historia philosophica do mundo inteiro. Incontestavelmente, porém, Victor Hugo foi um philosopho e como tal teve uma outra moral que não é a do escriptor fantasista de *L'âne*. Ha, então, duas moraes — uma do poeta, do litterato (na accepção mais vulgar do termo) e outra do philosopho que escreveu *La lègende des siècles*.

Ora, generalisando este facto do auctor de *Châtiments*, em todo e qualquer escriptor ha duas moraes: uma com que apparece ao publico em seus livros de litteratura, ou de arte, respeitando os principios da crença litteraria (bôa ou má, que importa no caso?) a que se filiou, dentro d'estes limites tendo ampla liberdade de dizer, a mais plena franqueza no modo de expôr o seu pensamento; outra, que é a moral do individuo, a moral com que elle apparece no que possa haver de mais solemne em sua vida de particular, em sua obra definitiva de cidadão e de homem escravo das leis da sociedade e da familia suas contemporaneas.

Poder-se-ha dizer, emfim, que as moraes firmam a sua duplicidade, principalmente quando se tratar d'um determinado typo, cuja actividade voltar-se não só para a sciencia como tambem para a litteratura[1].

---

[1] Penitencio-me hoje do quanto escrevi algures sobre o cabivel desdobramento de personalidades no genial bahiano que é AFRANIO PEIXOTO. Não nego que, mal preparado ainda para investigações de certa ordem eu errei quando escrevi as linhas abaixo sobre o delicioso poeta mystico da *Rosa Mystica*, como eu disse então, «a obra litteraria que determinou o culto do Symbolo, na Bahia»:

«Talvez que se os desencovando do já esquecido appareça alguma luz sobre os dous trechos seguintes: 1º. «ROSA MYSTICA — Abaixo publicamos o que acerca do mimoso romance (?) do nosso presado companheiro de trabalho dr. AFRANIO PEIXOTO—a *Rosa Mystica*,—disse o sr. JOSÉ VERISSIMO, severo critico litterario» (*A Bahia*, janeiro—30 - 1901); 2.º «O nosso intelligente conterraneo dr. AFRANIO PEIXOTO pede-nos a publicação da seguinte carta: «Em 1.º de janeiro de 1901. Ex.mo sr. redactor secretario d'*A Bahia*. — Um lastimavel engano de vossa redacção identificou-me hontem com o sr. JULIO AFRANIO auctor de um trabalho litterario muito avêsso ao genero de preoccupações que me dominam o espirito. Peço-vos a rectificação do vosso erro, com o que muito obrigareis ao vosso patricio e amigo, dr. AFRANIO PEIXOTO». Como explicarmos aos nossos leitores esse desdobramento de individualidades é que não saberemos... Em todo o caso é anti-symbolico...»

Muita razão tinha o grande medico e escriptor: JULIO AFRANIO era o litterato; AFRANIO PEIXOTO, o scientista... As moraes se distinguiam.

Frederic Nietzsche assegurou: «Os poetas mentem muito» [1] e Meaterlinck escreveu mais: «Os livros não teem na vida, a importancia que a maior parte dos homens que os escrevem ou que os lêem, lhes quer dar» [2]. Não alcançam estes conceitos, todavia, ao homem de sciencia, a quem, só a grande verdade, só o que realmente possa interessar á humanidade, nos seus predicados estaticos e dynamicos, deve ser referente, satisfazendo á sua experiencia e observação.

No choque, no attricto das duas moraes — a do scientista e a do litterato — prevalecerá como pura e verdadeira a do scientista; a do poeta ou romancista está, principalmente, «na perfeita despreoccupação que ha n'elle de dar um aspecto sensato aos seus pensamentos, por tornar-se menos absurdo aos olhos do vulgo» [3]. N'um mesmo escriptor, n'um mesmo homem, ha, indiscutivelmente, as duas moraes: a do *util* e a do *agradavel*. D'ahi um certo pudor para alguns que velam a sua auctoria n'um pseudonymo. N'este assumpto, sou inteiramente de accordo com um outro pensador italiano: «O medo do nú é uma especie de

---

[1] *Also sprach Zarathrusta*, traducção franceza de *Henri Albert*, Paris, 1898, pag. 117.

[2] *La sagesse et la destinèe*, trad. brasileira de Nestor Victor, Rio, 1903, pag. 16.

[3] Id. id., prologo de Nestor Victor, pag. XXXIII.

obscenidade, porque aquelle que o teme mostra pensar em outra cousa que não são a arte e a esthetica. Entre certas dissimulações do nú e o nú completamente descoberto, o nú sem véos é infinitamente mais casto»[1]. O pseudonymo é a mascara do anonymato litterario, pois não será?

Que eu conclúa em tempo.

A moral do escriptor da *Genese hereditaria do direito*[2] não será de facto a moral extravagante e espectaculosa do escriptor do ETERNO INCESTO[3], da mesma fórma que a do escriptor de *L'âne* não terá sido a do mesmo escriptor de *La lègende des siècles.*

E, d'esta arte, não velando o seu nome com as sombras claras de um pseudonymo, o auctor do

---

[1] *Fragmentos*, de ANGELO DE GUBERNATIS, na *Revue franco-italienne et du monde latin*, anno de 1901.

[2] *Philosophia do Direito*, *Genese hereditaria do direito*, monographia entregue á secretaria da Faculdade Livre de Direito da Bahia, pelo bacharel ALMACHIO DINIZ GONÇALVES, por occasião de sua inscripção entre os candidatos ao concurso para o logar de lente substituto da primeira secção. Bahia, Officinas dos Dois Mundos, 1903.

[3] *Eterno Incesto*... «un livre pour tout le monde et personne...» predicas de um religioso recitadas por ALMACHIO DINIZ, para a communhão da Villa Forte da Cidade Humana, Salvador, Bahia, Brasil, MDCCCCII.

Eterno Incesto não fez mais do que clarear uma verdade:

As duas moraes: a do scientista e a do litterato.

(1903).

João Grave

(Apreciações sobre os seus dois livros — *Os Famintos* — e — *A Eterna Mentira* — deliciosas edições da *Livraria Chardron*, do Porto).

Tenho lido dois livros de João Grave, e creio que da mocidade operosa e grandemente artista de Portugal, isto é, d'aquelles novos que produzem para serem lidos no Brasil — graças aos trabalhos dedicados mas extenuantes de dois ou tres editores, merecendo, sem que se lhes faça o minimo favor, especial menção os srs. Lello & Irmão — é o Auctor de *Os Famintos*, e, mais modernamente, de *A Eterna Mentira*, o que mais me agrada e me enche a alma de sensações novas, fortalecendo-a com as conclusões de uma logica de ferro, tiradas, soberanamente, de suas paginas de Arte.

Quer alli[1], onde se estuda a degradação femi-

---

[1] *Os Famintos*, romance de João Grave, Porto, 1903, paginas 289.

nina consequente, na actual organisação das sociedades humanas, da fome e da pobreza honrada, quer aqui[1], onde se aprecia o desenrolamento de uma serie tetrica de perigosas e eternas mentiras, o homem observador harmonisa-se com o Artista, o Artista com o Philosopho, este com o socialista, e o socialista, emfim, com o Poeta.

Intento estudal-o em cada uma das suas obras.

§ 1.º

Com *Os Famintos* o apreciado Escriptor de Portugal, exhibiu-se um pensador mais forte do que se mostrou em *A Eterna Mentira*, mas eu quero, capitalmente e de fórma especial, ainda assim, por causa dos seus symbolos e suas allegorias, o segundo d'elles, que poderei chamar um livro solido, encarreirado na litteratura latina.

Ora, ao lado de uma theoria socialista universalmente propagada, ha tambem uma tactica, e Bernstein procurou, n'um criterioso livro, onde o furor escolastico é substituido, com segurança, pelo bom senso [2] provar as relações entre o ideal e o

---

[1] *A Eterna Mentira*, romance de João Grave, Porto, 1905, pag. 318.

[2] Refiro-me ao livro — *Die Voraussetzungen des Socialismus und die Aufgaben der Socialdemocratie* — que

real, entre os principios e a vida, entre a alma das crenças socialistas e as exigencias immediatas, ás quaes, em seu magestoso conjuncto denominou de *opportunismo*. O ideal, pois, transige com o real, adaptando-se a uma realidade, o grande principio, ás vezes chamado de utopista, e o divino Platão, o pae do verdadeiro idealismo, assim pensou e estabeleceu quando oppôz a realidade ás idéas puras... Essa transacção, entretanto, é o *opportunismo*, segundo o qual Bebel exclamou: «Todos nós somos opportunistas». E, opportunismo, como definiu o dr. Summachos, é a «pesquiza dos meios praticos e accessiveis de realisar, effectivamente, um ideal social superior, um systema de transacções necessarias para fazer da idéa socialista uma realidade viva»[1].

A idéa opportunista, como um phenomeno de relevante interresse social, é mantida como que n'um estado de hybernação, para o momento proposital, sem antecedencia de um segundo, siquer, porque, segundo escrevem os maiores do socialismo de nossos dias, é, em demasia, que se tem lançado, sobre os seus sectarios, o titulo de so-

---

encontrei citado no artigo — Idèes et faits socialistes (La discussion Bernstein, Kautsky et Bebel) — do dr. Summachos, publicado em *La revue Socialiste*, n.º 179, t. 30, Nov., 1899.

[1] Artigo citado, pag. 593

nhadores. Apezar dos grandes protestos em contrario, apezar dos excessos e das violencias dos excitados e pernósticos, que não são os amigos mais sinceros das idéas sans, quiçá, os seus mais perigosos inimigos, as doutrinas socialistas brotam em qualquer terreno, o feminismo avança, abrindo as portas da mansão da Egualdade humana, pelo viatico da Liberdade, regularisam-se o trabalho e o salario, a Paz universal não parece mais a tão apregoada utopia, e vem alvorando, calmamente, serenamente a irmanisação dos homens...

Ha uma grande serie de interesses magnos, cuja realisação não poderá ser feita com o uso aterrador dos principios de guerra, principios estes que são o programma dos nihilistas, evidentemente hostis aos preceitos do grande ideal—a paz pela propria paz. D'ahi resulta a differenciação dos calmos e scientificos no baralhamento dos sectarios, applidando-se-lhes de *moderados*, em represalia nominal aos *enraivecidos*, sobre o que disse, aliás a proposito, um malicioso jornal burguez: Os *moderados* do socialismo são ainda mais perigosos que os *enraivecidos*... O mal de agora, porém, caminha para ser exterminado pelo proprio evolir dos factos sociaes, e o papel dos socialistas, a sua melhor intervenção, bem se definindo, será no sentido de despertar o evolucionismo, que as forças retrogradas, tenham,

porventura obstruido. Está bem longe do pensamento dos socialistas scientificos, o problema da lucta armada, como a therapeutica de primeira mão: os maiores escriptores do seculo, que se inicía por entre os clamores de uma reforma universal, — nos costumes, nas leis, nos homens, nos povos, nas politicas, — opinam, de certa fórma, como SCIPIO SIGHELE, por que «o crime tenha uma funcção social»[1]. Mas, d'ahi a aconselhal-o como um meio de acção, ou o processo para a grande victoria, nenhum pensador bem orientado se atreve.

Na vida do proletariado, um dos mais activos factores da revolução social, a *grève* é uma obstrucção do evolucionismo das sociedades. É por outros termos, uma violencia, e a violencia é a fronteira do crime. D'ahi, ordinariamente, a *grève* manifestar-se sob aspectos criminosos. Mas, ainda que do crime possa resultar o bem, da mesma fórma que são consequencias do estrume lançado sobre as terras as vegetações luxuriantes e soberbas, é bem comprehendido que deva prevalecer em todos os casos o *opportunismo*, afim de que os effeitos dos factos sejam cabidos, no tempo, e proveitosos, no espaço, em que se desdobrarem.

---

[1] *Psychologie des sectes*, traducção franceza de LOUIZ BRANDIN, Paris, 1898.

Deve estar, portanto, no opportunismo, a base das maiores idéas socialistas, o principio fundamental de seus interesses basicos.

«E esses interesses, — escreveu o dr. SUMMACHOS[1] — querem que os socialistas se tornem um poder que esteja em condições de fazer valer em todas as questões pendentes da vida politica e social, sua influencia, d'uma maneira officaz. É evidente que elles não se pódem tornar uma potencia social, senão sob a condição de estudar a realidade e de conformar-se com suas exigencias. Este opportunismo não renega os outros principios por que se procura realisal-os».

Assim, o verdadeiro psalmo do socialismo scientifico, é, soberanamente, expresso n'uma só phrase:

«Agi em tempo!» eil-o, pois.

Isto posto, não são producentes as violencias extemporaneas e inopportunas.

Os individuos que encararem o socialismo como um phenomeno scientifico, cuja realidade está n'uma equação de que um dos termos é a elevada situação de seu ideal, condemnarão as *grèves*, como sendo ellas um embaraço ao evolucionismo das sociedades. É muito provavel que chegue um dia em que a *grève* produza bons re-

[1] Levo este nome á conta de um pseudonymo de algum importante collaborador da *Revue Socialiste*.

sultados; por emquanto, porém, é uma violencia, e, por vezes, criminosa, sanguinolenta e facinora, mesmo, cujas consequencias são funestissimas e fataes.

§ 2.º

Levei, talvez, ao exaggero perdoavel as minhas ponderações sobre a anormalidade das *grèves*, depois da leitura de excellentes paginas de *Os Famintos*, na minha opinião, um artistico poema symbolico, que se desdobra em pequeninos hymnos ao Operariato, ao martyrio humano, ao feminismo e... ás *grèves*.

A attitude hostil de um d'estes movimentos anarchisadores da ordem publica, aproveitada por João Grave para minorar uma situação apprehensiva em que se debatiam innumeros operarios d'uma fabrica, cujos directores, brutalisando o esforço humano mal-aquinhoado, promettiam diminuições nos salarios. As consequencias d'esse transe doloroso foram adversas ás ambicionadas, e, apezar da penuria haver batido em muitas portas, aniquilando casaes e pervertendo innocencias, a lição de revolta que o livro do caracterisado Auctor dá ao proletariado é a mais estimulante e desenfreada.

E li em *Os Famintos:*

«—Viva a *grève!*

«— Abaixo o capital!

— Viva o operariado!

— Morram os exploradores do povo!

«— Morram! morram!...

— Peguemos fogo ás officinas, camaradas, — insistia um homem que subira a um muro, para melhor se fazer ouvir. É necessario dar um grande exemplo para que não abusem da nossa paciencia!

— Ao fogo! ao fogo! ao fogo!

«Alguns não se associavam ao ardente clamor dos descontentes, e dois operarios alquebrados e velhos, com fundos traços de soffrimentos no rosto, declararam que queriam trabalhar.

«— Não! que nós não deixamos! gritou o povoleu».

Por esta fulgurante descripção, parece que a *grève* hoje é tão licita e legitima quanto a liberdade da associação, do pensamento e do trabalho. E, de facto, ella é usada como arma do proletariado contra o patronato, mas, infelizmente tão mal que não poucos são os males e occorrencias desastrosas que ella origina.

D'entre os *grevistas* do romance socialista de João Grave, foge a figura martyr e soffredora de *Luiza*, uma encantadora operaria, que, fechados os portões da fabrica onde trabalhava, atormentada pela fome, desceu de degráo em degráo, ao limite extremo da prostituição e dos vicios adjacentes.

Lembro-me d'um bello conto de Daudet, uma floresta derrocada — *Wood's town* — para erguer-se sobre os seus destroços uma cidade; recordo-me do — *Germinal* — de Émile Zola, uma gigante epopéa do trabalho livre; trago á memoria o — *Amanhan* — de Abel Botelho, com todos os seus personagens de revolta; rememóro fragmentos e livros de Tolstoi, e, se *Os Famintos*, na pessôa martyr de *Luiza* não tem laivos inattingiveis d'um grande esforço, é um escrinio riquissimo de bellos episódios e brilhantes minucias, revivendo a arte do soffrimento, o artista da dôr, o poema do martyrio. Leio, com lagrimas, as palavras que epilogam a sorte da desventurada *Luiza*, e sinto em minha alma a sensação de quem vê levantar-se pela resurreição aos céos, do leito da morte, um ente a quem se dedicou uma bôa parte dos intimos sentimentos humanos.

Eis *Luiza* após a sua rehabilitação:

«As lagrimas choradas tinham regado dentro do seu peito uma flôr linda e etherea — a bondade. Que importava que os seus sonhos houvessem fallhado, que as rosas das suas chiméras fossem queimadas por um fogo de padecimento, que toda a sua pureza de mulher andasse maculada por asperas bestialidades dos que, no vasto mundo, só procuram o gôzo carnal? Acima dos lameiros profundos havia os esplendidos reflexos dos céos luminosos: sobre as miserias e as torpezas paira-

vam astros, o azul faiscava de estrellas dardejantes; e os olhos dos ultimos crentes alavam-se para o alto, ainda marejados de pranto. Depois o arrependimento que a salvou do naufragio deu-lhe uma força prodigiosa. Dos negrumes d'outras éras, já não guardava memoria. Um fulgor de ventura nimbava de clarões todas as maldades e todos os infortunios. E, fortalecidos da maior esperança, Antonio e Luiza entravam na vida, sem hesitações nem incertezas».

Ora, pois sim! *Os Famintos*, em sendo um livro carinhosamente escripto, é digno de acurado estudo; d'elle, forçosamente, ha de gerar-se no leitor a maior condemnação ás *grèves*, que nasceu das inspirações de ÉMILE OLIVIER a MORNY. Abaixo as *grèves* que são violencias. O socialismo triumphará com o proprio evolucionismo social. Poupem-se as victimas. Vencer em paz é vencer duas vezes...

§ 3.º

A Eterna Mentira!...

Com este outro livro, JOÃO GRAVE deu-nos mais uma obra, que exige fortalecedor estudo, não só pela graça artistica com que são tratados espinhosos males de uma humanidade corrupta e desabrida na quéda luxuriosa que mata os sentimentos e derroca as elevações do caracter, como

tambem pelo modo gentil, se não cavalheiresco, de que fez uso para consorciar a poesia — expressão mais alta da arte humana, porque ella é a sublimação ou a transcendentalidade da Belleza, e só a Belleza faz arte digna e valorosa — com a desgraça dos homens manifestada nos innumeros e repetidos casos de devassidão da hora actual.

É a historia de um lar burguez, apparentemente feliz, para o que o homem, laborioso em sua vida commercial, dispendia, sem detenções, a maior somma de esforços... E a compostura da familia, para ser mantida como a queria a esposa — um novo caso da *femme-poupée*, tão debatida e tão estudada — requisitava do homem um dispendio monetario superior aos seus lucros auferidos com um trabalho ininterrupto, que o gastava, entretanto, para deveres outros da natureza hominal, e que tudo originava uma verdadeira hecatombe: — de um lado, o esposo que desfalcava o que lhe não mais pertencia para dar, á sua companheira sempre insatisfeita, o luxuoso e o superfluo, do outro lado, a mulher que buscava, em traiçoeiros momentos de infidelidade conjugal, os estimulos para a vida de seu sexo, os quaes as fadigas e as preoccupações do conjuge lhe regateavam, naturalmente.

O marido roubava os seus associados na casa de commercio, e a mulher enganava o seu esposo no proprio leito de casados... D'ahi o sui-

cidio do homem, após a desventura de ser expulso, por motivo do desfalque descoberto nas finanças pouco lisongeiras de seus associados?... Não. Por outro lado, o desespero de uma alma rudemente assoberbada com os pensamentos acabrunhadores do opprobrio, que lhe determinaria maxima escassez de recursos até á fome de sua companheira e de seus filhos?... Tambem não. Emfim, o suicidio do esposo trahido, arrancado de uma felicidade ficticia, pela desenvolução natural dos factos anormaes?... Sim. A morte do homem que se arremessou ás aguas correntes de um rio, depois que se viu tolhido do credito porque se apoderára, criminosamente, do alheio, quando no desespero da quéda ainda inventa o verdadeiro logro da mulher com um dos seus amigos, de quem, num momento doloroso, descobre a photographia dedicada á sua esposa...

E a esta, voltada ao lar de seus paes, reconciliada e perdoada, «parecia que um mundo novo se illuminava aos seus olhos...» Então, morto o esposo e desgraçado o seu lar, *Candida* viveria consagrada a uma adoração — a de seu filho *Paulo* filho de seu companheiro de desdita — sublimada agora pela dôr, que redime todas as culpas, que levanta de todas as quédas, e é como a uncção celeste d'uma agua lustral que todas as manchas purifica».

Está neste trecho succinto, uma das mais ar-

tisticas e das mais bellas consagrações da dôr, como principio eterno de purificação humana, tal como o mais fluente e nobre dos romancistas modernos, GABRIELLE D'ANNUNZIO, em seu *Trionfo della Morte* —, a cultuou e a fez querida dos artistas de seu tempo... E, ahi estão, como legitimos escriptores da lingua de CAMÕES, nas influenciações do adoravel escriptor italiano, antes de todos JUSTINO DE MONTALVÃO — e, embora menos, mas doloroso tambem, — JOÃO GRAVE — nos seus dois burilados livros *Os Famintos* e *A Eterna Mentira!* [1]

(1906).

---

[1] Quando foi remodelado este estudo, já eu tinha lido *O Ultimo Fauno*, que, embora mais moderno, é mais fransino do que os mais.

Litteratura feminina

(Considerações ligeiras sobre o estylo e a arte da escriptora brazileira D. AMELIA BEVILAQUA)

Está revelada um espirito incançavel e productivo a festejada escriptora do *Alcyone*[1], arremessando, agora mesmo, aos cachopos da publi-

[1] Ácerca d'este primeiro livro *Alcyone* da distincta escriptora pernambucana, lancei as seguintes linhas, em 1902, anno da publicação do mesmo livro:

«N'um meio litterario cheio de atrazos e imperfeições, como é o nosso, quando apparece um esforço feminino traduzido na singeleza das paginas de um livro, ha sempre motivo de regosijo para a critica litteraria. Significa, sem duvida, que a educação da mulher já se fez, determinando assim uma cultura maior da intellectualidade nacional, pois se tem observado nos factos da vida humana, que, entre todos os povos, só depois de um certo gráu de aperfeiçoamento se trata da educação da mulher, e esta é sempre tão fraca quanto irresistente.

«Pensamos, d'esta fórma, que é uma nota de elevação, de superioridade do meio, o apparecimento de um livro firmado por um nome de mulher. *Res rara* — e, vem d'ahi, o nosso applauso leal ao tentamen da caprichosa escriptora do *Alcyone*.

3

cidade dois mimosos livrinhos — *Atravez da vida* e *Silhouettes*, do qual me vou occupar.

De titulo exotico, mas suggestivo, a publicação de D. AMELIA BEVILAQUA se recommenda, especialmente, pelo estylo claro e maneiroso em que a sua apreciavel Auctora a desenvolveu: n'elle não se notam as caturrices dos apregoados classicos da época, e muito menos lhe poderão descobrir os destemperos dos acrobatas de palavras, confusos mas não profundos nas fórmas grammaticaes de trasmittirem o seu pensamento. Nem por isso, os sentinellas avançados da littera-

---

«As idéas n'elle não faltam e borbulham constantemente. Mas as idéas, como escreveu JULES SIMON, são riquezas que só dão juros quando se acham em poder do talento. E é o que se dá com a Ex.ma Snr.a D. AMELIA BEVILAQUA.

«Em cada pagina de seu interessante livrinho, a auctora explana uma idéa, dá uma emoção delicada tida por uma alma pura, em completo afastamento dos vicios e disturbios de uma época litteraria. A escriptora comprehendeu o verdadeiro limite imposto á mulher para fazer bôa obra litteraria: não enveredou pela pretensão das grandes conquistas deixadas ao poder e ao encouraçamento do homem. Ella, carinhosa companheira do profundo scientista (o dr. CLOVIS BEVILAQUA) caprichou em dar a todos os seus contos do *Alcyone* a simplicidade de seu viver, não havendo em seu espirito de auctora a menor preoccupação com escola litteraria. O que sua alma sentiu, o que se desenvolveu calmamente aos olhos de

tura nacional, os José Verissimo e os Nunes Vidal, diagnosticarão lymphatismo na prosa escorreita e simples da Auctora dos *Silhouettes*. A maior má vontade de qualquer censor ha de escachar-se na sinceridade de sentir, de pensar e de dizer da escriptora. Mas, porque foi ella buscar n'um idioma estranho a epigraphe de seu escrinio de contos? E, isso doeria a muita gente bôa, se a propria Auctora não baseasse sensatamente o seu intento, descançando-o sobre as seguintes expressivas idéas, dadas como «algumas palavras antes de abrir o livro».

---

seu espirito que tem a precisa cegueira para as coisas más, dizem as suas palavras nos modulos diversos do *Alcyone*.

«T. Alencar Araripe Junior deu o prefacio ou fez a apresentação da escriptora. Taes são, porém, as caracteristicas do trabalho de D. Amelia Bevilaqua, que com franqueza, acreditamos dispensavel a sua apresentação por palavras de outrem.

«A simplicidade da phrase, ou a singeleza de um estylo delicado deram ao livro um verdadeiro valor, que é a sua principal caracteristica.

«Agradecendo a offerta de um exemplar que nos fez o editor de *Alcyone*, queremos-lhe uma grande turba de leitores, cujo numero sirva de estimulo á illustre auctora para novas producções.

«A sua iniciação foi delicada e bôa.

«Que a prosiga» (*A Bahia*, n.º 1991 de 6 de agosto de 1902).

Eil-as:

Pedi á patria de ANATOLE FRANCE e de MAUPASSANT o nome *Silhouettes* para baptisar este volume. Não é porque não encontrasse em portuguez um bello vocabulario, nem porque ame menos o meu querido paiz. Os nomes são como os estófos e os casamentos; procura-se, ás vezes, em logar distante o que se acharia, sem difficuldade, muito mais perto. Nome, como bem explica a grammatica, é unicamente uma voz com que se dão a conhecer as coisas. Espero, pois, que ninguem estranhe este vocativo francez, o resumo da galeria de retratos de perfil ou de tres quartos, que apresento ahi em pequenos esbôços, estudos e phrases traçadas sem relêvo, descuidosamente, alguns reflectidos de observações, tirados á sombra deliciosa de reminiscencias que o pensamento condensou, julgando retêl-as no primeiro momento com perfeição, entristecendo-se depois ao vêl-as reproduzidas na brancura limpida do papel, onde apenas ficaram gravadas pállidas imagens, sem a fórma, as côres, as subtilezas e os encantos, que sómente os grandes artistas conseguem arrancar da vida »[1]. Ahi está uma justificativa capaz de entontecer o mais rigoroso pesquisador de nugas

---

[1] *Silhouettes*, contos de D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA, editor Manuel Nogueira de Souza, da Livraria Economica, Recife, 1906, pag. 188.

grammaticaes, ao mais acerrimo combatente dos gallicismos, na verdade não sendo um d'estes a palavra mantida em lingua e significação estrangeira, com abandono das similares nacionaes.

Vale para a Auctora das *Silhouettes* a bôa vontade de assimilar idéas e externar outras, muito sadias, muito puras, muito virtuosas, e por isso, a escripta que é o espelho do pensamento humano, reflectiu, vantajosamente, a tranquillidade de espirito da operosa escriptora.

A sua arte, sendo differente da feita e propagada pelas escolas litterarias do poeta negro das *Evocações* (Cruz e Souza) ingratos discipulos, que breve abandonaram o culto do *Missal*, abertamente repudiando as idéas mais salientes de que elles foram prógonos enraivecidos[1], afoitamente

---

[1] Refiro-me a Nestor Victor, covardemente encoberto com o pseudonymo de Nunes Vidal, que assim repudiou a escola do mestre: «Eu não fui estranho, principalmente, á influencia d'estes ultimos, e a minha intima convivencia com Cruz e Souza, mais velho do que eu, fez com que me considerassem seu discipulo, o que até certo ponto não deixa de ter fundamento. Devo ao nosso poeta negro, como já tive occasião de dizer, o estimulo que talvez se tornou decisivo na minha vida litteraria e a influencia da atmosphera moral que era propria d'aquelle heroico sonhador, isso nas suas linhas geraes». — (*Os Annaes*, revista brazileira, numero 82, pag. 300, de 24 de maio de 1906, apreciação sobre o *Sê Bemdita!* de Almachio Diniz, livro este supinamente escolastico).

escommungando o furor escolastico dos *Broqueis* de seu mestre; a sua Arte fluente e franca, nada tem de commum com «*as pedrarias rubentes dos occasos*», ou com «*os bonzos tremendos de ferrenho aspecto...*» N'ella vivem, garrídamente, as grandezas da alma e os sentimentos do coração: um trecho da generosidade vital, um fragmento das pompas de uma intelligencia assás cultivada, são, sem exaggero, as paginas de D. AMELIA BEVILAQUA.

E, porque assim sendo, divergir d'isso o seu estylo?

Aos inexperientes poetas da sua patria, THEODORE BANVILLE fallou, perniciosamente: «Ordeno-vos que leiaes, o mais que vos fôr possivel, diccionarios, encyclopedias, obras technicas que tratam de todos os officios, e de todas as sciencias especiaes, catalogos de bibliothecas e catalogos de livrarias, livrinhos de museus, finalmente, todos os livros que possam augmentar o reportorio das palavras que sabeis e vos instruir ácerca da acepção exacta, propria ou figurada dos vocabulos»[1].

A arte espontanea, a Arte que em si mesma maior belleza e maior valor proprio contém, não é a resultante da justaposição das palavras sem

---

[1] *Pétit traité de poésie française*, 2ème édition révue, de THEODORE BANVILLE, Paris, pag. 44.

nexo e sem propriedade de significação. A pesquiza do verbo enfeitado sobre todas as cousas, reduz a um chaos o pensamento humano, e este, como todos os chaos, parecendo profundo, não é menos do que nimiamente confuso. Quem, pois, seguiria os conselhos de THEODORE BANVILLE, tendo de logicamente ligar idéas, de unir e associar pensamentos?... Verdade ha muitos annos dita, mas sempre nova, apezar de seu uso iterativo, não tendo ainda perdido o ensejo e o proposito de ser adoptada, é a de um celebrado pensamento de BUFFON, segundo o qual se fica no conhecimento de que o estylo é o homem. Apreciem-se as existencias atrabiliarias, observem-se os genios dos revoltados e dos insubmissos reformadores, *à fortiori*, do mundo e do seu genero, admire-se o turbilhão decadente em que elles se debatem, e, conclua-se commigo, que agora não sou nenhum obsecado ou escolastico, conclua-se commigo, sim, sobre o seu estylo, do qual, em principio, o meu não muito se apartou[1]: metaphoras, periphrases, circumloquios quasi labyrinthicos, e enormissimas e insondaveis confusões...

---

[1] E que o meu estylo d'obra litteraria não se apartava, fui eu o proprio a reconhecer, um anno depois de publicado o meu primeiro livro — *Eterno Incesto* — na seguinte pagina, que aqui transcrevo a titulo de documento litterario:

D'estes disse Max Nordau uma serie de qualificativos medonhos. Mas, a litteratura hodierna está avassailada por esse genero de litteratos absurdos e morbidos. Por esse motivo, a litteratura ingenua e despretenciosa dos livros, devo dizer tambem, de certos livros femininos, me arrebatam e me impressionam melhor do que a ba-

---

VMA PAGINA NEPHELIBATA.

Sobre o anniversario d'um primogenito...

«É illudir-se a si proprio não ter a coragem de seu prazer intellectual». — (Paul Bourget, *Essais de psychologie contemporaine*, pag. 28, Paris, 1893).

«Alma, alma, mais alma, mais alma. muita alma, muita alma, toda, toda a alma, toda a infinita alma!» — (Cruz e Souza, *Evocações*, pag. 258, Rio de Janeiro, 1898).

«Quando as pessôas estão de accordo commigo sinto sempre que não tenho razão» — (Oscar Wilde, *Intentions*, pag. 166, Leipzig).

*

Não, não serão de odios contra os que contra mim investem, as minhas palavras de commemoração simples do primeiro anniversario de meu primogenito, que, com justo orgulho de vêl-o combatido, sem naufragar nas idiosyncrasias e inquietudes d'alguns loucos, chamei, inquisidoramente, chamei *Eterno Incesto*.

Quem me leu em suas ultra-adjectivadas paginas, em seus hyperadverbiados pensamentos, em suas metaphori-

rulhada obra dos Barrès, dos Huyssmans e outros tantos discipulos confessos e disfarçados de Beaudelaire e Mallarmé .

Transcreverei, agora, um fragmento do estylo são de D. Amelia Bevilaqua. Fui buscal-o nas *Silhouettes*. Eil-o:

---

cas delineações, — paginas de noviciado de Arte —, quem me leu, *sine ira ac studio*, não por uma satisfação de ruidoso prazer intellectual — nem que eu fosse um *Golenin* da Arte! — mas por uma fremente necessidade de reivindicações, houve de recompôr, se bem que por analogias e fragmentos, os symbolos de *Rolando* e de *Lèda*, divulgando na palavra reveladora do *Grande Mystico* (qualquer cousa muito superior aos snrs. Carlos D. Fernandes e Aristo-Phanio) o Homem promettido que illuminará a Aurora de uma Vida Nova........

A leitura prolongada de Frederic Nietzsche, em suas obras e não em fragmentos compilados e nas criticas de outros (como só o conhece o sr. José Verissimo) deu-me a esplendida comprehensão do perfeito advento de um Superhomem — o Uebermensch — cuja missão, qual a de um Messias Promettido, será formar a Nova Humanidade, desde que se communise a sua especie, como é de obsediante urgencia (no que não crêm os snrs. Amorim Vianna e José Sampaio, ambos de Portugal).

Por influencia de um novo ideal — o mesmo que guiou F. Nietzsche na creação de *Zarathustra* — John Ruskin quiz o apparecimento do *Superhuman-ideal* na Arte (*Modern Painters*, vol. II, cap. V); Jean Isoulet, traduzindo os *representative men* de D'Emerson, os chamou de *Les Surhumains*; Gabriele D'Annunzio, no prefacio do

«JURAMENTO

A minha tia Regina de Freitas.

«Desde a vespera que o sr. Paulo chorava em silencio ao pé do leito d'aquella que elle tinha

---

Trionfo della morte — «esta divina epopéa do Amor e da Duvida» — evocou o *Superuomo*; e eu concebi a existencia de um *Grande Mystico*, n'uma era e n'um paiz proprio para a salvação dos homens, n'um livro que, «mau mas meu», apezar da dicacidade murmurativa da critica pedante e dictatorial das *verissimas* nullidades e *fernandicas* escabrosidades, a qual lhe tem zunido uma enormidade d'improperios talhantes e iconoclacias, vencerá a occasião honesta, quando outro fim não preencha, de exhibir a confirmação de um celebrado verso de Goëthe:

Das Unberchreibliche, hier ist's gethan.

O symbolo da perfeição que a turba, em sua chatice impressionantemente imperscrutavel, não póde attingir, está em *Rolando*, o humano Revoltado, tanto quanto sentiu como um martyr, resignadamente, abnegadamente, christosamente, o supplicio archi-doloroso dos soffrimentos da Humanidade colligada.

O symbolo da pureza, o opposto á *femme-poupée* de Ibsen, é a dolorosa *Lèda*, cuja essencia é a da mulher do Futuro.

O *Grande Mystico* é um symbolo que não será percebido pelos blasonadores de slavismos, russismos, germanismos e quejandos que lhes dá a estragada espiritualidade...

amado apaixonadamente. Na brancura lactea que transparecia dos lençóes, dos cortinados e fronhas rendadas, apparecia a formosa imagem da querida morta, dormindo placidamente o seu ultimo somno sem um traço de angustias no semblante meigo e mimoso, arrodeado de flôres muito

*

Hoje que releio a tua utlima pagina, meu justificadamente exaggerado primeiro sonho de Arte, a tua ultima pagina

ACABOV DE IMP
RIMIR-SE ESTE
VOLVME AOS TR
INTA DE JVNHO
DE MIL E NOVEC
ENTOS E DOIS...

dou-te um conselho de pae amoroso que te quer gloriosamente acclamado...

— Um dia virá em que has de despir as espontaneas e excepcionaes roupagens de teu paganismo... Será o dia de teu baptisamento... Por emquanto, porém, segue avante, meu primeiro esforço, não te molestem as investidas dos malfeitores...

*

«Je n'écris que pour les personnes atteints d'âme» — (COMTE DE LISLE-ADAM).

lindas, que as mãos de seu marido tinham piedosamente semeado sobre ella.

«Estava divina a morta, sob essa pallidez que a enrijecia como uma estatua de cêra! Os cabellos sedosos, quasi louros, encaracolando-se em cachos muito longos, lhe cahiam pelos hombros misturando-se graciosamente com a profusão de petalas de rosas. Quando o vento soprava mais forte, elles se baloiçavam alegremente enchendo de vida o rosto da joven Lyce, onde fluctuava sempre um sorriso adoravel como se ella fosse fallar.

«O marido comprehendia que a hora da separação eterna tinha chegado. Muito triste, olhava a sua amada sorrir entre as flôres. Debulhado em prantos, mergulhado n'uma immensa dôr, se admirava como os annos se tinham passado rapidos! E, agora, n'este momento angustioso, elle pensava no seu amor que se despertava mais ardente a mais vivo. Amaldiçoava a sorte, chegando ás vezes até a arrimar-se na esperança louca de um milagre imprevisto. Não podia absolutamente conformar-se com a lembrança de que essa mocidade e belleza, cheia de graças e seducções fóra do commum, pudessem ser inexoravelmente arrebatadas de seus braços. Seria possivel que, de toda a sua grande felicidade não lhe restasse mais do que essa estatua de belleza fria e inanimada?!

«Muito tremulo e perturbado segurava-a pela fronte, beijava-a ardentemente nos olhos, pedindo-lhe que despertasse, repetindo, entre beijos, as mais ternas palavras que lhe vinham do coração. Meu Deus! Como ella estava fria! Era a primeira vez que recebia com indifferença as suas caricias! Não fallaria mais; tudo era inutil; nem o seu coração alli todo desfeito em lagrimas teria o poder de reanimal-a.

«Minha querida Lyce adorada, murmurava elle, foste melhor do que eu, e tu me amaste mais, porque me sacrificaste a tua mocidade e a tua innocencia, a mim que te fui perjuro tantas vezes! De ti, Lyce mimosa, eu não tive jámais senão ciumes da tua belleza que eu não queria vêr profanada. A vida não te foi bôa talvez, mas foi a mim que tu déste tres annos de embriaguez completa e de um amor tão puro e absoluto que eu não poderei esquecer mais nunca.

«Repousa em paz, Lyce formosa! Nunca mais pertencerei a ninguem, eu o juro, minha querida, adeus... perdôa... — E, apontando para o berço cheio de fitas como um naviosinho, onde se baloiçava o seu primeiro filho, sacudindo as pernas gordas, mordendo os dedos e rindo alto, olhando a claridade d'esse dia cheio de sol, de brilhos e bellezas que entravam em plena força pela janella adentro, elle disse: ficaremos os dois aqui na terra a guardar a lembrança da tua ima-

gem de santa. Beijando n'esse momento os labios descorados da pobre Lyce, que ia ser para sempre encerrada no seu esquife negro, pareceu ao desconsolado marido que ella dizia, cheia de hesitações e duvidas, porém, ainda mais meiga e mais risonha, acolhendo essa promessa solemne, que não se realisaria talvez:

«Agradecida! Agradecida!»

E, assim, em todos os seus livros, sem grandes mudanças.

Em outro estylo que não o d'ella, desde o seu primeiro livro, eu não acceitaria bem as producções de D. Amelia: o distanciamento dos ardorosos esthetas da palavra lhe é vantajoso. A sua Arte está muito bem caracterisada, e melhor casada com o seu estylo, e a sua alma, nobre e rica de virtudes, se transfunde inteiramente nos seus livros. A sua obra é muito mais bella, pois, e menos artificial do que as paizagens de folha de Flandres e de vidro dos enfermos sonhadores das sociedades reformadas e redimidas com os elementos actuaes.

(1906)

O Culto da Immaculada

(Sobre o livro de egual titulo do escriptor portuguez HELIODORO SALGADO).

I

Parece que não havendo nenhuma novidade no livro de HELIODORO SALGADO [1], que me chegou ás mãos por espontaneo offerecimento da operosa *Livraria Chardron*, do Porto, n'este livro que a imperterrita critica orthodoxa dos crentes mais christãos do que o proprio CHRISTO qualificou de impio e pornographico, impio, porque alúe as crenças, que se fossem verdadeiras resistiriam incolumes ás maiores pelejas, pornographico, porque corrompe os costumes, fazendo a narrativa clara e precisa de factos naturaes que o mysticismo explora e fantasia; parece que alli não havendo nada de novo, nada de util ou de

[1] *O culto da Immaculada*, estudos criticos e historicos sobre a mariolatria, por HELIODORO SALGADO, 1905, pag. 382.

original se notasse de principio ao fim das suas tresentas e oitenta e duas paginas. Entretanto, bastante de inedito encontrei eu alli, especialmente no modo de reduzir a pensamentos seus e cabiveis nas dimensões de seu estudo, as valiosas e importantes obras que sobre a importante materia se teem escripto. E as conclusões todas d'esse livro — *O culto da Immaculada* — condizem perfeitamente com a minha liberdade de espirito e com a idéa que faço de Deus.

Mas, qual será essa idéa?

É preciso que me interne nos terrenos da philosophia monistica para estabelecel-a como eu a tenho e conservo. Folheando o testamento philosophico de um universitario morto no decurso do anno de 1906, cahiu-me debaixo da vista ávida a seguinte declaração liberal[1]: «Na ordem religiosa, jámais estive ligado a qualquer dogma ou seita; nunca acceitei um culto constituido; sempre fui, no sentido mais ordinario da palavra, um livre pensador. Mas, em materia philosophica, tentei sempre elevar-me alem das doutrinas materialistas ou positivistas, não certamente por desdem ou por hostilidade, mas porque nunca as encontrei, para mim, sufficientemente consoladoras...».

[1] Association des anciens élèves de l'École Normale supèrieure, Paris, 1906, LEOPOLD CERF, pag. 99. (Citação feita á pag. 157, do *L'Atheisme*, de FELIX LE DANTEC).

E este illustre pensador declara, então, acceitar as fórmulas platonicas, obedecendo antes á logica de seus sentimentos do que á outra dos raciocinios scientificos. De minha parte, porém, reduzo tudo a uma simples questão de meios, o que é differente do quanto praticam innumeros philosophos, cujas creações, racionaes ou extravagantes, tendem a apresentar fim e principio a tudo quanto lhes é dado observar. É a limitação, pela insciencia, do espirito humano, passando ao mundo exterior, até á loucura de querer-se apontar um fim ao espaço incommensuravel e infinito, onde, ha milhões e milhões de annos, na mesma direcção, navega, percorrendo distancias extraordinarias, por minuto e por segundo, o diminuto globo em que habitamos[1]. Mas, n'esta materia orgulho-me de praticar segundo o forte principio de DESCARTES, enunciado não importa onde, e que assim dispõe: «Não te importes com o que pensaram ou escreveram antes de ti, mas aprende a acreditar apenas no que tu proprio achas evidente». É assim que me satisfazem plenamente as leis physico-chimicas, reveladas peremptoriamente a todo o momento e em toda a parte, sendo a causa immanente á materia, productora d'esta como tambem

[1] Recommendo á leitura a minha — *Prelecção inaugural do curso de philosophia do direito*, no anno de 1907.

de todos os phenomenos de que ella é amplo theatro, como principio e consequencia.

Ora, a tendencia hodierna, n'esta éra em que se exerce o imperio da physica, é para encararem-se todos os phenomenos do universo sob uma só causa — a mecanica, e os menos absolutos deixam aos metaphysicos, o que é uma verdadeira fuga dos arraiaes scientificos, a investigação, mais ou menos prolongada, das causas primeiras. E por isso, ha muito tempo já que a explicação mecanica do universo se estabeleceu definitivamente, d'ella provindo a noção scientifica de materia.

Abro espaço para um trecho soberbo de A. Dastre, com o qual fica inteiramente clara a definição de materia, que resultou das explicações mecanicas apresentadas para todos os phenomenos pela maioria dos homens de sciencia: «Qu'est-ce en effet que la matière pour le mècanicien? C'est la *masse*. Toute la mecanique se construit avec des masses et des forces. — Laplace dit: «La masse d'un corps est la somme de ses points materiels.» Pour Poisson, la masse est la quantité de matière dont se compose le corps. Matière est donc confondue avec masse. Or, la *masse* est la caractéristique du mouvement que prend un corps sous un effort donné: elle dèfinit l'obéissance ou la résistence aux causes du mouvement; c'est le *paramètre mècanique*; c'est le coefficient propre á chaque corps mobile; c'est le prèmier *in-*

variant dont la conception ait permis á la science de s'ètablir [1]. Eis que não é mais um dogma a indestructibilidade da materia para GUSTAVE LE BON, para quem a radioactividade commum, effectivamente a todos os corpos, sem excepção, é explicada por meio da desassociação dos atomos, e sómente por isso [2]. Todavia, este phenomeno, segundo o qual se disse que a materia se desmaterialisa até chegar ao estado de ether imponderavel, não qualifica, satisfatoriamente, no dominio scientifico, a indestructibilidade da materia, que se não destróe, de facto, mas sim se renova, se transforma, se modifica, jamais perdendo o seu verdadeiro caracter de massa. Então, nada ha estranho á essencia de qualquer phenomeno: a materia é a caracteristica do movimento de um corpo que age debaixo da influencia de um esforço dado por esse mesmo movimento.

Por conseguinte, se no terreno das subtilezas do ether e da causa primeira, não raro remettida para os metaphysicos, a concepção mecanica do universo satisfaz grandemente, para que soccorrer-se o homem, na explicação de qualquer phe-

---

[1] *La Vie et la Mort*, de A. DASTRE, professeur de Physiologie, Paris, pag. 60.

[2] *L'evolution de la matière*, de GUSTAVE LE BON, Paris, 1906, pag. 5 e seguintes.

nomeno, da idéa de Deus, ou de fantasia similhante?....

O sabio TACAUD, de creação do erudito escriptor francez FELIX LE DANTEC, em acalorada discussão com o abbade JOZON, proferiu as seguintes verdades que eu subscreveria gostosamente se me fosse exigido: «Acredito na sciencia como V. acredita na revelação e estou convencido de que a sciencia descobrirá um dia os erros que existem no dogma, a que V. attribúe uma origem divina. Note que eu não digo que a sciencia não demonstrará a não existencia de Deus; contentar-se-ha em demonstrar que tudo se passa como se Deus não existisse; e, como Deus não explica nenhum mysterio senão pelo mysterio da sua propria existencia, talvez V. depois renuncie a essa noção que herdamos dos nossos ignorantes antepassados» [1].

É necessario admittir-se o impersonalismo da theoria mecanicista, originada do monismo que ainda vive em opposição ao dualismo. É necessario perder-se o habito dualista de recursos, segundo os quaes se estabelecem as figuras omnipoderosas, omnipresentes e immutaveis de entidades metaphysicas, que agem sem a menor modifica-

---

[1] *Le conflict*, de F. LE DANTEC, trad. de JOÃO DE BARROS, Lisbôa, 1905, pag. 33.

ção, até mesmo nas cousas mais difficeis de serem medidas. É necessario, emfim, que se repudie, de uma vez, a liberdade absoluta dos individuos, conclusão fatal da crença em uma força superior que dirige independentemente do corpo, que póde oppôr-lhe, como mecanismo que é, a limitação de seu proprio valor, tudo contrariando a verdade de que a razão e a vontade humanas são modalidades do determinismo universal, que se especificam, rudimentarmente, em movimentos physico-chimicos do cerebro.

A mecanica moderna derrotou, pois, em toda a linha, ás fantasias dos milagres, contra as quaes, com certeza por effeito de minha educação, sempre me levantei rigorosamente.

Ninguem encara a existencia de Deus nos phenomenos que contrariam, que peiam, que limitam, que obstróem a vontade dos homens. E em «fazer milagres, escreve ainda admiravelmente o pensador francez do *L'Athéisme*, foi o unico modo que têm dado a Deus de manifestar a sua existencia»[1]. Não é preciso mais nada: a psychologia do milagre deixou de constar das paginas da sciencia para illustrar os entrechos dos romances. Encontrar-se-ha em *Lourdes*, de ÉMILE ZOLA, ou na soberba epopéa da descrença A CATHEDRAL,

[1] Op. cit. pag. 49.

do fogoso escriptor hespanhol, cuja celebridade se firmou apenas com este livro, de BLASCO IBAÑEZ, ou ainda no *Trionfo della Morte*, de GABRIELE D'ANNUNZIO, n'este mais do que nos outros — radical, perfeita e demonstrada com todas as energias de um talento másculo.

Finalmente, a idéa de Deus é uma falha de nossos caracteres hereditarios, ou, melhormente, uma consequencia de nossas influencias ancestraes [1]; logo os dogmas d'ella decorrentes são egualmente falsos, e é do que trata o livro de HELIODORO SALGADO, cuja apreciação me obrigou a esse torneio pelo terreno escorregadio da philosophia universal.

II

A vida psychica da Humanidade é a auctora das innumeras creações da polydulia, onde está considerado o culto da Immaculada, o culto da mulher, que, na phrase dos seus prestigiadores, grangeou «a suprema graça de ter sido escolhida mãe de Deus, graça, que no dizer dos theologos

[1] *Les influences ancestrales, de* FELIX LE DANTEC, volume da *Bibliothéque de Philosophie Scientifique*, Paris, 1905.

e no sentir constante da Egreja colloca MARIA acima de todos os córos angelicos, de todos os santos, de tudo em summa que não é Deus e só abaixo do mesmo Deus». E a Egreja, forçando assim á inferioridade de CHRISTO, esse homem escolhido por Deus para redimir o genero humano, estabelece a intercessão de MARIA, com tanto arrojo que a faz um dogma, muito embora isto faça descer o prestigio da primeira pessôa do christianismo, ao parallelo das divindades secundarias, e isto, ainda, como muito bem pensou HELIODORO SALGADO, diminuiu o valor da mediação de CHRISTO, que todo o mundo acredita como unico mediador entre Deus e o Homem, conforme as narrativas pittorescas da Biblia, esse poema anonymo, mas, incontestavelmente mais bello, mais fulgurante, do que a *Illiada* de HOMERO ou a *Eneida* de VIRGILIO... Haverá, pois, verdade no apregoado dogma de MARIA?... A mãe de CHRISTO teria realmente concebido, por obra e graça do Divino Espirito Santo, sem peccado original? Eis questões que se discutem abundantemente no livro — *O culto da Immaculada*. E, assim, este é um livro de combate, mas de combate escandaloso, capitalmente entre nós, porque o espirito mais fetichista do que religioso de nosso povo, mercê da influencia perniciosa do clericarismo absorvente, é intolerante, e quebra enraivecido as armas impotentes no desejo incontinente de amor-

daçar os adversarios, nihilisando o pensamento estranho com o seu preconceito supinamente carola. Em *O culto da Immaculada*, que não é um livro sem falhas, isento de lacunas, livre de defeitos e expurgado de umas tantas puerilidades muito communs nas discussões de caracter religioso, o ataque ao fetichismo que aniquila todas as crenças, cuja exaltação vae ao exaggero, no que se tem chamado — *mariolatria* — e que eu diria, penso que mais certo — *mariodulia* — é forte, e, por mais arraigada que seja a busão religiosa ao animo do leitor, elle se sentirá fatalmente abalado ao voltar a sua ultima pagina, attendendo-se ás provas exhibidas durante a dissertação reaccionaria e quente de Heliodoro Salgado.

Mas, o dogma de Maria, depois de varios trabalhos e commentarios de Nestorio, Strauss, Rénan e outros grandes pensadores, não se salva, encarado, de qualquer fórma, sob a luz da sciencia e da logica, da razão e do bom raciocinio. Entretanto, ainda em pleno correr do seculo XX, um philosopho e agitador, o pranteado Fausto Cardoso, preconiciando, no pensamento de obter um favor da administração publica do Paiz, um livro de A. Sergipe, pseudonymo attribuido o um parente d'aquelle, renegou a sua liberdade de scientista anterior, escrevendo, atrabiliario e fogoso como sempre, os periodos que se vão ler:

«Foi um momento inesquecivel para mim, aquelle em que A. SERGIPE, na intimidade de dous seres, em cujas veias corre o mesmo sangue e cujos espiritos haurem o mesmo ideal, levantou a ponta da cortina do seu novo mundo e m'o fez lobrigar.

«Vi, toquei e percebi, então, o consorcio admiravel da verdade demonstrada e da verdade dogmatica, da idéa e da crença, da razão e da fé.

«O dogma, o dogma estranho da Virgem-Mãe, o qual a sciencia mais repelle por inexplicavel e absurdo, me appareceu á vista tão positivo e tão comprehensivel, tão real e tão claro quanto a chegada de Pedro Alvares Cabral ás terras de Santa Cruz. E o dogma de uma humanidade creada á imagem de um Deus que lhe ensinou a fallar, lhe deu a religião, a sciencia, o direito, a moral, a arte, a industria, em uma palavra, o pensamento e a consciencia!

«Este dogma, eu tambem o vi, tambem o toquei, tambem o senti na sua realidade historica. O homem foi effectivamente gerado e nutrido, creado e instruido por um ser divino, mas instruido, creado, nutrido e gerado no sentido natural, exacto e logico d'estas palavras, no sentido de um ser infinitamente superior que o trouxe ao ventre, o carregou aos braços, o creou ao seio, e o instruiu com a palavra e com o exemplo».

Veio, por fim, a lume o livro do sr. A. SERGIPE,

e o seu primeiro volume eu li, avidamente, cahindo de desillusão em desengano novo, á proporção e á medida que eu lhe voltava as paginas: não lhe negarei, ao publicado, como prophetiso para os nove volumes que ainda se publicarão, a inferioridade ás obras de ARDUIN, n'essa estulta pretenção de matrimoniar a sciencia com a religião, n'esta hora em que todos os espiritos cultos reconhecem, mais ou menos, a força e o prestigio da sciencia, sobre todas as cousas, desvendando os maiores mysterios da natureza e do universo.

Mas, no livro de HELIODORO SALGADO, verdade seja dita, não é dos mais fortes o combate apresentado á virgindade de MARIA. Outros ha, seus predecessores na materia, que melhor o têm desenvolvido, conquistando maiores triumphos. Assim, devo affirmar que muito mais me arrebatou a obra — *Histoire des Vierges* — de LOUIZ JACOLLIOT, que eu li, se não me logra a bôa reminiscencia, horas depois de haver encerrado a leitura da traducção brazileira de — *Jesus e os Evangelhos* — de JULES SOURY [1]. São estes testemunhos mais sabios e mais certos contra a virgindade da Mãe de CHRISTO do que aquelles outros

[1] *Jesus e os Evangelhos*, de J. SOURY, trad. bras. de CLOVIS BEVILAQUA, JOÃO FREITAS e MARTINS JUNIOR, Recife, 1886.

que em favor d'ella, numerosamente, me apresentam os textos e doutrinas dos santos doutores Agostinho, Anselmo, Bernardo e Thomaz, alem de auctores seculares de todos os seculos.

O espirito humano, como já disseram Gabriele Tarde e Berthelot, tem necessidade de ideaes: estes, porém, precisam estar submettidos á mais rigorosa hygiene espiritual. O christianismo, aliás, não é um ideal dos que fortalecem, impondo dogmas que a sciencia mais rudimentar repelle a toda a hora.

III

Heliodoro Salgado estuda a — *Virgem antes do Christianismo* — e expõe o resumo, aliás muito incompleto e bastante alinhavado, das diversas fórmas pelas quaes se tem tratado em lendas, narrativas e credos, da virgindade e immaculabilidade de uma mulher que foi mãe de um ente poderoso, soberba creação do allucinamento humano, quando procura o homem, nos factos sobrenaturaes que lhe consolem a alma, a maior illusão que lhe desannuvie, de qualquer fórma, o insatisfeito da imaginação preoccupada com as realidades da vida normal. Mas, o auctor tem, n'aquelle primeiro trecho de seu erudito livro, de

sua propria dispensa, conceitos verdadeiramente futeis e chega a assegurar que «o Christianismo attingiu na Virgem-Mãe essa suprema idealisação d'aquillo a que poetas teem chamado o *eterno feminino*». O ridiculo é duplo e está desarrazoadamente lançado, sem exclusão de nenhum dos dois, sobre a poesia e sobre o Christianismo; todavia, a descabida pretenção de querer, em these, reduzir o *eterno feminino*, que não é dos poetas mas sim dos philosophos, que não é uma luxuria da imaginação fogosa dos sonhadores, mas sim uma these, um problema, cujo estudo e cuja solução importam no conhecimento ou na determinação de uma grande incognita para a magna questão da estabilidade social, foi entregar-se ao apaixonamento odioso dos adversarios incondicionaes e insatisfeitos, que condemnam, *à outrance*, todo o vasto systema de ramificações que se abrem do ponto capital, o qual elles odeiam, por plano preconcebido e regimen incondescendente.

Com o auxilio de expositores varios, HELIODORO SALGADO annota innumeras lendas de varias virgens-mães divinas anteriores á *Maria*, mãe de *Jesus*.

Na India, a reproducção, sem peccado, de *Nara*, o pae, e *Nari*, a mãe, duas partes do mesmo corpo de um só soberano, dizendo assim uma invocação a *Nari*: «Adoro-te, oh! deusa! tu és a mais pura essencia de *Brahma*. És a

mãe dos deuses e dos homens, a substancia do mundo, o amor universal que cria, transforma, conserva e destróe»[1].

A lenda de *Maya*, mãe virginal de *Agni*, sendo aquella casada com um carpinteiro de nome *Tuvasti*, em outra parte da India; o nascimento de *Kama*, da virgem da aurora *Kunté*; a creação de *Devanaguy*, a virgem-mãe de *Jeseus Christna*; no *Thibet*, a historia de *Xaca*, que é um filho de donzella que «não conheceu varão»; a virgindade, entre os chinezes, de *Hu-Su*, depois de ter dado a luz a *Fo-Hi*; a *Muth*, a mãe universal dos egypcios, cujo filho, conforme expõe o auctor da *Chonica de Alexandria*, «os egypcios expunham n'um presepe, á adoração dos fieis, o divino filho da Virgem, exactamente como os christãos fazem ao filho da sua»[2]; *Mithra*, nascendo de uma virgem, entre os Chaldeos, sendo que os melhores templos da historica Babylonia eram dedicados á rainha-mãe dos deuses; e innumeros outros contos assegurados pela historia dos homens, levaram o auctor a consignar que «o culto das virgens estava por toda a parte estabelecido».

Ascendendo por numerosas paginas, chega o escriptor de *O culto da Immaculada* á discussão

---

[1] Heliodoro Salgado, op. cit., pag. 13.
[2] Op. cit., pag. 31.

scientifica da virgindade de MARIA. São estas, talvez, as melhores paginas do livro.

Diz HELIODORO SALGADO: «Os christãos que, em nome da Biblia, combatem a theoria hæckeleana da evolução, que faz derivar a organisação dos primeiros sêres vivos do encontro fortuito de certos atomos no seio das aguas, não reparam na contradicção em que cahem ao apregoar a virgindade de MARIA. *Omne vivum ex vivo* é para elles um principio axiomatico. Todavia, se JESUS pôde gerar-se no seio da Virgem, sem intervenção alguma do animalculo spermatico, teriamos operado no seio da Virgem o mais assombroso caso de geração espontanea; o mais assombroso, porque não se trataria já d'um organismo inicial rudimentar, mas d'um organismo humano, o mais perfeito (?), o mais complexo de toda a escala zoologica.

«Mas, assim sendo, as palavras perdem a sua significação.

«Se o corpo de JESUS deriva, não de uma transmissão offectuada pela cópula, mas d'um acto novo de creação operado por Deus; se aquelle corpo foi, em gérmen, ao menos, expressamente chamado da não-existencia á existencia; se o ventre de MARIA lhe foi apenas hospedagem, mas, por falta de cooperador humano, em nada concorreu para a sua formação; MARIA não foi sua mãe. O corpo de JESUS não terá tido pae, no

sentido physiologico da palavra: terá tido um creador immediato. E não terá tido mãe, no sentido physiologico da palavra, mas apenas um albergue uterino, onde aguardar a hora do nascimento.

«Mas, assim sendo, se nem pelo pae nem pela mãe, JESUS se liga á humanidade, elle será apenas aquillo que dissemos já: um homem formal; mas, na realidade, estará fóra da nossa especie, por isso mesmo que foi unico»[1].

Depois de mais algumas considerações, conclúe o auctor:

«Admittir a virgindade de MARIA é, pois, contradizer os dogmas egualmente chistãos da *Humanidade de* JESUS, *da reversibilidade de seus meritos applicados á redempção dos homens*. É negar a redempção. É negar o Christianismo inteiro».

Indo adeante, em outro capitulo de complicada compilação, o auctor trata de estudar a *Virgem á face dos livros santos*, e depois estuda a *evolução da superstição marinista até Pio* IX, para encontrar o ponto culminante do seu trabalho, como elle proprio confessa[2]: *A Immaculada Conceição e a Virgindade de* MARIA. E ahi é o ponto em que HELIODORO SALGADO mais

[1] Op. cit., pag. 54-55.
[2] Op. cit., pag. 155.

proficientemente discute a marianodulia, tirando a seguinte conclusão forte:

«É a heresia a levantar-se do seio da Egreja, com a chancella do pontifice *infallivel!* Os *Actos dos Apostolos*, o *Apocaplyse*, as *epistolas* dos apostolos, nada nos dizem da singular *rainha dos céus*, macaqueada do paganismo. Evidentemente, os primeiros padres foram uns *infieis*, comparados com os catholicos modernos... Estes sim, que estão perfeitamente iniciados em todos os mysterios babylonicos...»[1].

Ora, finalmente, se o livro do sr. HELIODORO SALGADO não é um trabalho livre de faltas, ganhou a absolvição porque elle é um livro de combatividade intransigente mas moderada, e tudo quanto é sincero, ainda o maior erro, é justo e nobre. Quem o lêr poderá concluir commigo, usando de suas proprias palavras:

«O mundo maravilhou-se de se achar christão». «Mas esse christianismo era uma capa formada dos retalhinhos de todos os cultos anteriores e contemporaneos»[2].

(1905)

[1] Op. cit., pag. 203.
[2] Op. cit., pag. 49.

O Verso Livre

(Carta aberta sobre o livro de versos — *Ultimas poesias* — de Francisco Mangabeira

---

Illustre confrade do dr. Octavio Mangabeira:

Acabo de reler os magnificos versos do nosso saudoso amigo e seu irmão dr. Francisco Mangabeira, os quaes a sua dedicação fraternal, que eu muito louvo e aprecio, publicou posthumamente, sob o titulo irregular de *Ultimas Poesias*, abedecendo, por isso, á sua orientação como editor das obras do mallogrado Poeta. Ora, tenho, para satisfazer á sua solicitação de Agosto do anno passado, dando as impressões que me deixou a leitura d'esse livro zelosamente entregue á voragem do publico profano, que encarar as *Ultimas Poesias*, sob dois aspectos sinceros: como versos do grande Poeta que foi Francisco Mangabeira, e como obra posthuma, editada pela distincta familia do Auctor, a cuja frente se acha o illustre amigo.

Entre essas duas fórmas de encarar o livro que tenho em mãos, encontrei a mais aborrecida incongruencia, desdizendo o valor historico dos versos n'elle contidos o titulo semsaborão e inexpressivo, porque não corresponde ao que são as poesias, em sua maior parte, reeditadas, e, de ha muitos annos, minhas conhecidas. Deixo, porém, de entrar na apreciação lata d'essa incongruencia, atendo-me ao meu juizo ácerca das duas feições distinctas que tem o primeiro volume posthumo do soberbo Cantor do *Hostiario*, as quaes acima enunciei — a obra do Auctor e a obra do editor.

Francisco Manbareira — e saldo assim um compromisso de muitos annos — foi, entre nós, um dos mais legitimos representantes da Poesia Nova, que explodio, em França, com Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, sendo proseguida em outras partes do Mundo Latino por Meaterlink, Max Elskamp, Émile Verhaeren, D'Annunzio, Cesario Verde, Eugenio de Castro, em Nova York, por Stuart Mèrril, e, no Brasil, sempre retardatario, por Cruz e Souza, Mario Pederneiras e auctores outros de menor valia. E essa crise litteraria a que chamei Poesia Nova, caracterisada, especialmente, pela ***novidade***, que era o principio supremo de sua Esthetica, desdobrou-se, por toda a parte, n'essa fluente correnteza litteraria que os criticos cha-

maram de *Symbolismo*, os inimigos sem ideal e sem crenças de *decadismo*[1], e o vulgo chato e boçal de *nephelibatismo*, armando-se este com improperios, insultos e pedras afim de apupar e aggredir, leviana e criminosamente, aos seus superiores sectarios. O triumpho, entretanto, dos novos, foi inevitavel, porque morta a Poesia dos *Parnasianos*, tinha de viver uma outra, e esta foi a dos Artistas dos Symbolos.

Mas, que é o Symbolismo?... Impossivel de caracterisar-se sem o previo conhecimento de que seja o Symbolo. Este, atravessando na baila uma

---

[1] Um illustre escriptor francez da actualidade, acaba de escrever a esse respeito, com todo o prestigio de sua Posteridade: «On les appelait, sans doute, ainsi par antiphrase,—ou, plus simplement, par erreur. Le rôle de la critique, dans cette affaire, ne fut pas brillant. Elle se montra plus obtuse que de coutume, plus incomprèhensive, malveillante avec plus déffonterie. Elle est essentiellement paresseuse: toute innovation qui lui complique sa besogne lui semble monstrueuse: elle tâche de s'en débarrasser hâtivement, en l'écrasant sous le silence ou le ridicule. Ce mot de *décadents* lui fut commode, elle s'en servit pour écarter une bonne fois tous les poètes qui ne se prètaient pas aux faciles jugements de la vieille esthetique traditionelle. Il n'y a pas de preuve meilleure de la vitalité de cette poésie nouvelle que le fait d'avoir survècu, malgré tout, à de telles conspirations de chroniqueurs indolents ou niais» — (ANDRÉ BEAUNIERE, *La Poésie Nouvelle*, Paris, MCMII, pag. 9).

vintena de annos, tem sido enormemente explorado. É o opposto á — *expressão directa* — base do Realismo, phrase esta que levantou rigorosa discussão, para conhecer-se a sua verdadeira auctoría, entre ALBERT MOCKEL e ADOLPHE RETTÉ, nos numeros de Março e Abril de 1901 da mais interessante revista hodierna, da *Mercure de France*. É uma justificada doutrina litteraria[1] de

---

[1] O grande critico brasileiro SYLVIO ROMÉRO, cuja actualidade vae sendo uma era de penitencia rigorosa dos erros e peccados do passado inglorio, escrevendo o prologo do livro *Eu* da collecção *Teias*, do escriptor paulista CARVALHO ARANHA, disse compenetradamente as seguintes verdades sobre o Symbolismo:

«A arte symbolica justifica-se por si mesma. Toda a grande poesia foi sempre obscura, mysteriosa e até mystica. Os grandes poetas mysticos, as epopéas cyclicas e nacionaes, os hymnos religiosos, tiveram em todo tempo esse caracter... Havia apenas uma differença: para a alma primitiva tudo era assombro e para o symbolista moderno o mysterio é apenas a feição poetica de todos os factos.

«Diz o mystico: — *tudo é sobrenatural*; o materialista retruca: *nada é sobrenatural*; o agnosticista responde: *o cognoscivel está de um lado e o sobrenatural de outro no universo*; o symbolista affirma: *o sobrenatural, o mystico, o incognoscivel, ou como lhe queiram chamar, está dentro de todos os phenomenos, é a essencia d'elles.* No fundo é a theoria da Arte de SCHOPENHAUER, que n'este ponto repetia PLATÃO em grande parte. Esta doutrina que está essencialmente de accordo com o kantis-

altas pretenções, posta em acção revolucionaria por homens de talento, que tinham a preoccupação de fazerem grandes obras, livros monumentaes, celebres, bem como os seus auctores apaixonados, no tempo e no espaço.

A arte estava escravisada pelo Positivismo philosophico de COMTE e pelas aberrações doentias dos Parnasianistas, esses malevolos constructores do *pantheon* dos vivos, creação phantastica e ridicula, como a extravagante Academia de Lettras do nosso Paiz... E o Symbolismo, excavado em purissimas litteraturas da mais alta civilisação da antiguidade, ergueu-se como uma fórma litteraria opportuna de protesto e de reacção, cujo artigo supremo de programma era derrocar a bastilha do Parnaso... Pelo que, onde quer que tenha havido um Parnasiano, em Paris, em Bruxellas, em Roma, em Lisbôa, no Rio, onde quer que tenha revelado influir na Arte o Realismo dos CATULLÉ MENDÈS, dos SULLY PRUD'HOMME, dos JOÃO DE DEUS, dos BILAC e quejandos lettrados, houve a revolta, e o Symbolismo triumphou. Ora, desde que constituiu epoca elle

---

mo, é a verdade nos dominios da esthetica. Que os symbolistas saibam ousar e progredir, dando batalha franca ao *maneirismo* dos parnasianos, á *podriqueira* dos realistas!»

É esta uma bem cabida apreciação do symbolismo!...

se transformou em gráo do evolucionismo litterario dos Povos, e a missão do poeta *decadente*, na phrase excommungadora, sendo a de implantar, na Arte hodierna, o sentimento do mysterioso, careceu de processos novos, que foram encontrados no alcandorado das imagens, e na riqueza do estylo e da fórma, para que a idéa não perdesse com a simplicidade da expressão. E, foi porque comprehendeu isso que um critico postero escreveu conscienciosamente: «On a souvent accusé le poète nouveau de vouloir à tout prix «étonner le lecteur» : certes, il était indispensable qu'il l'étonnât, afin de lui rendre justement cette aptitude à s'emerveiller. Les mots étaient usés; il les a fallu rajeunir pour leur restituer leur puissance expressive. Les phrases étaient connues; il les a fallu renouveler, et c'est à quoi servirent les plus audacieux artifices de syntaxe»[1]. Assim, os Poetas novos, aquelles a quem PAUL VERLAINE, n'uma celebrisada monographia, chamou de *malditos*[2], applicaram-se a renovar o verso, e, coherentes com os processos da restauração da Arte, desvendaram e emprogrammaram o *verso livre*, que tanta celeuma levantou em França, parecendo *anti-nacional* a JOACHIM GASQUET, e uma especie de

[1] ANDRÉ BEAUNIER, op. cit., pag. 23.

[2] *Les poètes maudits*, de PAUL VERLAINE, Paris. 1889.

crime inconsciente de *lésa-poesia*, a ANDRÉ GIDE. E, filiado a esse triumpho grandioso, FRANCIS VIELÉ-GRIFFIN, defendendo-se da accusação solemne de ANDRÉ BEAUNIER, que disse — «*M. Vielé-Griffin n'est pas l'inventeur du vers libre*» —[1] chegou a definir o seu regimen de fazer versos, com as seguintes palavras decisivas: «Tout aussi génèralement, nous voudrions répèter que ce mot *vers livre* caractèrise un état d'âme, en ce sens que la liberté (désormais acquise à qui en peut user) de jouer à sa guise du clavier de notre langue semble plutôt une conquête morale qu'une simplification prosodique. De la sorte, l'alexandrin dont nous usons du reste à notre grè, est désormais un vers aussi libre qu'un autre. S'il est question, par contre, de pratiques prosodiques, nous assumerions de faire observer aux causeurs trop pressés, que *le vers n'est jamais libre* et se distingue prècisément par là de la prose *(soluta oratio* CIC.) puisqu'il n'y a vers qu'à cette condition rigoureuse et prècise: que les mots du poète disposés dans un ordre rhythmique et typographique voulu, ne soient plus libres d'en changer».[2] Era, pois, com todos esses homens, com

[1] ANDRÉ BEAUNIER, *Revue Bleue*, 4 mars 1899.

[2] *Causerie sur le vers libre et la Tradition avec des poètes et notamment avec Mm. Rémy de Gourmont, Joachim de Gasquet, et André Gide* — artigo de FRANCIS VIE-

os seus livros e com os factos que acabamos de relatar o mais succintamente possivel, que o Parnasianismo era derrotado, victoriando-se o Symbolismo, ao qual, muitos annos mais tarde, por influencia aberrativa das leituras de CRUZ E SOUZA, de EUGENIO DE CASTRO, de ANTHERO DO QUENTAL e de ANTONIO NOBRE, revelou-se Poeta entre nós, o Auctor inspirado do *Hostiario*.[1]

Trazia Elle na sua formação litteraria, muito especialmente, o predominio da Poesia de ANTONIO NOBRE e CRUZ E SOUZA, muito pouco da obra de EUGENIO DE CASTRO, não tendo conseguido, no emtanto, como este brilhante e ruidoso escriptor portuguez da *Belkiss*, libertar-se das peias do verso medido e rhythmado com luxurioso capricho, á moda de THEODORE DE BANVILLE, que fez da Poesia um officio difficil, complicado, arduo e muito minucioso. Um critico meio analphabeto em assumptos de alta Arte, ao publicar-se o *Hostiario*, teve a felicidade de saber dizer (o que é raro nas suas catilinarias de orador provinciano e caduco) o maximo defeito escolastico de FRANCISCO MANGABEIRA. E, renovo as suas palavras, com inteiro cabimento, como prova de que o mal-

---

LÉ-GRIFFIN na revista—*L'Ermitage*—revue mensuelle illustrée de littérature et d'art— 10.° anno, n.° 8, Paris, 1899.

[2] *Hostiario*, versos de FRANCISCO MANGABEIRA, Bahia, 1898, pag. 232.

logrado Poeta das *Ultimas Poesias*, não conseguiu, *ex-vi* de sua parca educação litteraria, por motivo de sua pouca edade, a vantagem do Verso Livre, introduzido em lingua portugueza, com grande ganho de causa, por EUGENIO DE CASTRO, em Portugal, e MARIO PEDERNEIRAS, no Brasil.

«FRANCISCO MANGABEIRA — disse a presumida cigarra litteraria — escolheu como thema um unico assumpto — o Amor; uma cadencia unica — a dos versos de nove syllabas[1]. D'esta fórma, o desventurado Poeta bahiano foi um legitimo representante do Symbolismo litterario na Bahia, sem o predicado, entretanto, da feitura dos versos livres, que honram MARIO PEDERNEIRAS, primordialmente, nos que se lêm aqui intercalados[2]:

«Estamos em dezembro...
O lindo mez das impressões honestas,
Dos Presépes, das Missas e das Festas...

«Com que tristeza dolorosa eu lembro,
Agora,
Que anda perto o natal,
O meu tempo de outr'ora
E os alegres nataes do meu Casal.

---

[1] Artigo de critica — *Hostiario*, versos de FRANCISCO MANGABEIRA — de DAMASCENO VIEIRA, no *Diario da Bahia*, de 2 de outubro de 1898.

[2] *Natal de um triste*, versos do livro *Historias do meu Casal*, de MARIO PEDERNEIRAS, Rio, MCMVI.

«Mas corramos um véo
Sobre este trecho de Felicidade,
Que foi querida, como um lindo Sonho;
Passemos longe este Natal tristonho,
Que nos faz mais Saudade
Das nossas filhas que lá estão no Céo...»

E, por ahi afóra, adoravelmente!... Quem permittirá dizer-se egual dos versos de Francisco Mangabeira?... Elles são symbolicos, e, no regimen do aprisionamento metrico, são caprichados e excellentes. Tome-se um exemplo, ao acaso. Abra-se o seu volume *Ultimas Poesias* e leiam-se as duas estrophes tituladas *Deante de um olhar:*

«Teu vago olhar, tão cheio de mysterio,
Numa inclemente duvida me lança
Lembra ás vezes o luar no cemiterio
E outras vezes o arco da alliança.

«Um genio mau e um seraphim ethereo
O enchem de desespero e de esperança...
É um céo, ora estrellado, ora funereo,
Um rio—ora em revolta, ora em bonança!»

Ricas de imagens symbolicas, essas estrophes lembram a Poesia delirante de Cesario Verde, ou os primeiros versos forçados de Eugenio de Castro, mas nunca os soberbos d'este Auctor portuguez no *Sylva*, dos quaes vou dar uma deli-

cada amostra, ou os memoraveis de MARIO PEDERNEIRAS, nas *Rondas Nocturnas*.

Eis versos de EUGENIO DE CASTRO:

«Á beira d'uma estrada,
Está uma aleijadinha,
Pedindo esmola.

«Na estrada passam ranchos,
Ranchos alegres para a romaria...
Chove oiro.
Ao som dos alaúdes, as Virgens cantam...
Nos pomares,
As laranjeiras estão de branco, como as noivas...
E as Virgens, cantando ao som dos alaúdes,
Descem aos pomares
E põem flôres de laranjeira nos cabellos...
A aleijadinha pede esmola
A aleijadinha é triste, os ranchos são alegres:
Dir-se-ia uma dança em volta d'uma tumba.

«A aleijadinha pede esmola:
A sua voz é côr de cinza,
E suas mãos implorantes, côr de barro cosido,
Parecem flôres pisadas...
A aleijadinha pede esmola
Mas ninguem a ouve.

«E todos fogem d'ella,
E, ao vêl-a, todos ficam desgostosos,
Como noivos que, á ida para a igreja,
Encontrassem um enterro.

«É noite...
A estrada é deserta...
Affastaram-se os ranchos...
Fanou-se a angustia dos alaúdes...

«Uma chuva, fina como cabellos,
Cobre de perolas a aleijadinha.
Suas mãos, côr de barro cosido,
Suas mãos onde não cantou o riso d'uma esmola,
Fecham-se como flôres pisadas,
Morrendo de sêde na poeira.

«A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
Uma chuva, fina como cabellos,
Cobre de perolas a aleijadinha:
Toda coberta de perolas, parece uma Princeza...

«A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
E para esquecer a fome
Põe-se a contar as estrellas...»[1]

Queria eu versos assim nos livros de FRANCISCO MANGABEIRA.

Quem contestará, porém, que haja sido Elle um dos poderosos elementos da Poesia Nova na Bahia?... Cada verso, cada estrophe, cada pagina das *Ultimas Poesias* assim determinam que

---

[1] *A aleijadinha*, poesia de EUGENIO DE CASTRO, no *Sylva*, pag. 101.

se espere: o *Symbolismo* ardente do Sacerdote iniciante do *Hostiario*, embora deturpado na *Tragedia Epica*[1], seu segundo livro, é o maior padrão de Gloria do pranteado bahiano.

E, agora, a obra do editor, sobre a qual serei muito breve.

Pertence ao editor e não ao escriptor o titulo do livro *Ultimas Poesias*, com o que quizeram indicar o ultimo periodo da Alma Poetica de FRANCISCO MANGABEIRA, traduzido na sua obra de Arte, ou o restante de suas poesias. E, assim impressionado, o Leitor folheia o livro. Pura desillusão! No segundo caso, não foram as *Ultimas Poesias* as restantes porque muitas outras estão annunciadas para depois. No primeiro, todavia, occorre o seguinte: comprehende o livro trinta e seis poesias: d'estas, são antigas: *Mater* (1896)[2], *Lucta intima* (1899), *Martyrio extranho* (1899), *Uma esmola* (1899), *Ingleza* (1895), *Astros e flôres* (1895), *Ballada* (1899), *Rimas de allivio* (1901), *Resignação e descrença* (1899), *Desabrochando* (1894), *A victoria do amor* (1895), *Por um poeta*

[1] *Tragedia Epica*, versos de FRANCISCO MANGABEIRA, Bahia, 1900.

[2] Foi este o anno em que se divulgou a nova de que F. MANGABEIRA fazia versos (Vide serie de artigos de MUCIO TEIXEIRA, no *Jornal de Noticias*, d'esta cidade, mez de setembro de 1896.

(1901). Ao todo doze. Estão sem data dez outras, e são *ultimas poesias*, verdadeiramente, apenas quatorze, que têm as datas de 1902 a 1904, anno este do fallecimento prematuro do Poeta.

Ora, bem se vê a infelicidade do titulo do livro, que não corresponde absolutamente ao evolucionismo poetico do saudoso bahiano.

Assim, basta de minha parte, restando-me, depois de agradecer a gentileza da offerta, e os termos lisongeiros da dedicatoria, subscrever-me, etc.

(1907)

Os Lazaros

(Romance de ABEL BOTELHO, 1904)

O sr. ABEL BOTELHO, além de ser um nome vantajosamente conhecido onde quer que tenha tido accesso a abundante litteratura portugueza, é, realmente, um espirito voltado para o verdadeiro experimentalismo no romance, de uma fórma differente da que usava o celebre escriptor de NANA, mas nem por isso inferior ou em situação de desfazer ascendencias gloriosas de ÉMILE ZOLA.

São estas as primeiras impressões trazidas da leitura de *Os Lazaros*, depois do conhecimento da longa lista de obras do escriptor lusitano, das quaes reputo as melhores *O livro de Alda*, *O Barão de Lavos* e *Amanhan*, vendo-se que nas paginas de todos estes livros não se deixaram escapar rudes verdades em Arte, que o sabio CLAUDE BERNARD escreveu para a sciencia e ÉMILE ZOLA applicou na propria Arte, que lhe pareceu «a na-

tureza vista através de um temperamento». E reconheço que ABEL BOTELHO não é o simples observador que descreve longamente aquillo que os seus profundos olhos de artista foram buscar nas camadas sociaes e o que alli representa a lepra ou as contaminações malignas da vida aggregada: elle não sómente observa, aproveitando as «figuras de hoje» taes como ellas se apresentam nas sociedades, mas tambem como o chimico que age sobre a natureza dos principios modificando-a, elle colhe os dados para, n'um tecido aluminoso de palavras — tecido cheio de arabescos e faiscações — dominar a natureza pathologica de suas observações, patenteando que em suas paginas «a propria natureza é que se volatilisa, se transverba ou se immobilisa, conforme a encara o musico, o poeta ou o pintor»[1]. E assim deixo bem definida a caracteristica brilhante da Arte do apreciavel romancista do *Amanhan*[2].

---

[1] *Essai sur le naturalisme*, de MAURICE LE BLOND, pag.s 119-120.

[2] Não perco a bôa occasião de intercalar aqui, como uma nota inteiramente cabivel, o quanto, em 1902, no jornal *A Bahia* escrevi sobre o *Amanhan*. de ABEL BOTELHO. Eis:

«ABEL BOTELHO, *Pathologia social — Amanhan*, Porto, ed.a LELLO & IRMÃO, 1902. Rompendo com a espectativa dos que leram *O livro de Alda* e que ahi encontraram a noticia de um novo trabalho para continuar os

Mais do que um simples observador, cuja missão, no artista, é de maximas difficuldades, o escriptor de *Os Lazaros* se tem confirmado um ex-

---

estudos de pathologia social inaugurados com o *Barão de Lavos*, por Abel Botelho, o *Amanhan* veio, grande romance de muitas paginas (além de seiscentas), em logar do *Isosthenia*. Abel Botelho tem vigor de expressão, em linguagem especialmente adjectivada, e grande dóse de observação, dando n'este seu livro, desviadamente do que nos parece agradavel e que deve ser o ideal em Arte, a crueza, a nudez dos factos experimentados.

«Se bem que o *Amanhan* tenha sido um trabalho escripto para desobrigação de um compromisso com uma senhora que pedira a Abel Botelho um romance, que, em linguagem e descripção possiveis, pudesse ser lido por uma mulher, é bem um livro em que o naturalismo pornographico d'*O Livro de Alda*, por completo ainda não desappareceu. O escriptor não foge deante das difficuldades que appareçam para uso de um termo qualquer... emprega, sem restricções, o mais grotesco e o mais indecente... O que não tem duvida, porém, é que o caso estudado no *Amanhan* é effectivamente bem comprehendido no titulo geral da obra — *Pathologia social* — de que já estão publicados — I *O Barão de Lavos*, II *O Livro de Alda*, III *Amanhan*, annunciando os editores novos volumes para a obra de Abel Botelho. A these agora desenvolvida é um thema socialista, e refere-se, muito particularmente, á vida do proletariado portuguez. Observador e descriptivo, pois, o estylo de Abel Botelho satisfaz, em seus exaggeros, ás pretenções das psychologias naturalistas...».

perimentador, tal como quiz CLAUD BERNARD assim se exprimindo: «On donne le nom d'*observateur* à celui que applique les procédés d'investigations simples ou complexes à l'étude des phénomènes qu'il ne fait pas varier et qu'il recueille par consèquent tels que la nature les lui offre; on donne le nom d'expèrimentateur à celui que emploie les procédés d'investigations simples ou complexes, pour faire varier ou modifier, dans un but quelconque les phénomènes naturels et les faire apparaitre dans des circonstances ou dans des conditions dans lesquelles la nature ne les présentait pas»[1].

Será, porventura, uma inverdade que adeantei linhas acima, ou, de facto ABEL BOTETHO é um escriptor experimentalista?

Facil de vêr, não perderei tempo em conjuncturas de outra ordem.

§ 1.º

O CONDE DE FIÃES, chefe de uma familia de cinco pessoas, é um crapuloso, é um devasso, e um deshonrado, ou um decahido, na sociedade de seu tempo. A sua esposa é uma adultera vulgar,

---

[1] CLAUDE BERNARD, *Introduction à l'étude de la mèdécine expèrimentale*, citação de ÉMILE ZOLA, em *Le roman expèrimental*, Paris, pag. 5

surprehendida em seus actos libidinosos pelo *Conde*, que não dispõe mais de força e prestigio moral para punil-a. O seu filho varão é um herdeiro do nome maldito e dos habitos peccaminosos de seu pae, fugindo para a Hespanha em companhia de uma formosa e seductora estrella do Theatro, na mesma occasião em que a *Condessa* abandona o seu lar deshonrado, para, em sitio distante viver com o seu galan e amante. *Leonor*, a primogenita do casal, tem uma inexpugnavel obsecação religiosa, terminando por ser victima de um *Prior*, que a seduziu, por fim maculando-a, cujo opprobrio lhe deu ensejo ao seu suicidio. *Olympia*, a segunda filha do casal infelicitado, tendo desposado, sem amor, um estroina bohemio, que não despresou a sua vida de dispersões, foge da companhia do esposo logo que percebe a primeira traição, da mesma fórma que abandona o seu primogenitor, o *Conde de Fiães*, quando este, com grandes soffrimentos physicos, requer a todo o instante, cuidados e carinhos... Todos estes personagens, pois, isoladamente, constituiram observações do famoso escriptor de *O Barão de Lavos*. Mas, a sua conjuncção, o consorcio de seus defeitos, constituindo as malhas da familia dos *Fiães*, até á consecução da perda, aliás bemdita, de todos estes seres perdidos e doentes de alma, falhos, rudimentarmente, de caracter, vem a ser a experimentação, tal como li em pagina soberba

do escriptor de *Lourdes*: «... l'expèrimentateur paràit et institue l'expèrience, je veux dire fait mouvoir les personnages dans une histoire particulière, pour y montrer que la succession des faits y sera telle que l'exige le déterminisme de phénomènes mis à l'ètude»[1]. Ora, esta segurança de doutrina escasseava, por completo, nos livros de Zola, onde os serviços do observador eram usurpadores dos que eram tentados pelo romancista experimental. Posso mesmo asseverar que o luminoso escriptor francez sabia querer uma escola litteraria; que soube tiral-a, na confusão de correntezas outras muito oppostas, em momento assás opportuno; que soube esteial-a com os elementos mais seguros da critica de seu tempo, por entre os maiores odios e as coleras mais clericaes... Entretanto, o que ouso assegurar, com egual clareza, é que a pratica não seguiu á theoria, e que o experimentalismo do combatido auctor de *Travail* muito poucas vezes foi além do criterio de que uma obra não será jámais senão um canto da natureza vista atravéz de um temperamento[2]. E assim, elle que soube ir buscar no seculo XVIII, quando havia o dominio da idéa urgente da creação de um methodo, visto como,

---

[1] *Le roman expèrimental*, de Émile Zola, Paris, 1894, pag. 7.

[2] Op. cit., pag. 111.

até essa data, os sabios agiam pelos impulsos de seus talentos, ou pelas explosões de suas imaginações fantasistas, os germens do naturalismo; elle que determinou para o naturalismo a volta para a natureza, jámais produziu a obra correspondente á sua theoria litteraria. ÉMILE ZOLA dizia: «Ainsi plus de personnages abstraits dans le œuvres, plus d'inventions mensongères, plus d'absolu, mais des personnages rèels, l'histoire vraie de chacun, le relatif de la vie quotidienne»[1].

Trechos adeante, ainda mais caracterisando o seu pensamento de artista, que não conseguiu pôl-o praticado, elle accrescentava em desfavor do romantismo, escola litteraria que o precedera, durante um quartel de seculo, em substituição á escola classica, com grande pujança: «Mais le siècle n'appartient pas à ces rêveurs surexcités, à ces soldats de la prémière heure, aveuglés par le soleil lévant. Ils ne réprésentaient rien de net, ils n'ètaient que l'avant-garde, chargée de dèblayer le terrain, d'affirmer la conquête par des excès. Le siècle appartenait aux naturalistes, aux fils diréets de DIDEROT, dont les bataillons solides suivaient et allaient fonder un vèritable État. La chaîne se renouait, le naturalisme triomphait avec BALZAC. Après les catastrophes violentes de son

[1] Op. cit., pag. 115.

enfantement, le siècle prenait enfin la voie élargie où il devait marcher. Cette crise du romantisme devait se produire, car elle correspondait à la catastrophe de la Révolution française, de même que je comparerais volontiers le naturalisme triomphant à notre Republique actuelle, qui est en train de se fonder par la science et par la raison [1]. Para desmentir essas predeterminações do romancista, estão, em grande parte, os personagens de quasi todos os seus romances e novellas. Sem grande trabalho, assignalarei *Le rêve*, que, apezar de incluída em *Les Rougon Macquart*, está bem emprehendida — *histoire naturelle et sociale d'une famille sous le second empire* — é uma das mais escolasticas paginas romanticas. Lembrarei tambem os heroes do *Germinal*. Citarei, para não ir mais longe, emfim, LUCAS FROMENT, em *Le Travail*, e MATHEUS, em *Fècondité*, cada qual mais inverosimil e sobrenatral. E, aqui abrindo um ligeiro parenthesis, não trepido em qualificar o nosso romancista ALOYSIO AZEVEDO um digno discipulo de ÉMILE ZOLA na sua fórma de prender o romance nos limites da observação, muito distante, porém, da experimentação, que é o fundamento, aliás, da escola por ambos professada...

Mas, em qualquer dos seus livros, menos nos

[1] Op. cit., pag. 117.

de theatro, onde os processos seus são oppostos aos de seu romance, ABEL BOTELHO levou vantagem ao prógono de sua escola.

§ 2.º

Em *Os Lazaros*, a figura principal, cujo estudo mais desenvolvido, em seus prejuisos moraes de adultero, de trahido, de abandonado, e mais do que tudo de crapuloso e enfermo, a que mais preoccupou o espirito de ABEL BOTELHO, apezar de ser um especimen tão commum na decadencia actual das civilisações, foi a do *Conde de Fiães*. D'este a observação do romancista foi perfeita e satisfatoriamente relatada, desde a sua miseria conjugal até ao seu tristissimo fim, victima de enfermidade dolorosa, o que, talvez, tenha dado logar a que *Os Lazaros* hajam terminado com a seguinte pagina de muito vigor:

«Assim, não sentia o coração, gosava um relativo allivio. Mas as extremidades arrefeceram-lhe, e um formigueiro vago, um entorpecimento, leve primeiro, depois gradualmente doloroso, tomava-lhe os braços, ia-lhe dos pés aos joelhos.— Dobrou-se mais, então, ennovelou-se todo, como se elle fôsse algum perdido viandante, enterrado na neve, abarcando os artelhos com os pulsos, o queixo vincado em cunha entre os joelhos. E enternecidamente lançou um rapido olhar sobre o

passado... a sua origem na fartura e na evidencia, todas as condições para ser feliz, e afinal... enrolado e cahido p'r'alli assim n'aquella ruella escusa, como um pêrro, como um trapo a apodrecer no monturo! — Era indispensavel voltar p'ra casa... Mas se elle nem força tinha de se arrastar até lá! Ao que elle chegára!... Clamaria por soccorro...

«Ia a mover-se para gritar, quando, subitamente, se endireitou outra vez, e, n'um violento arranco de terror, cravou as mãos com afflicção no peito... Era a sua conhecida dôr, essa dôr traiçoeira, implacavel, essa dôr de morte, que tornára, como um punhal, a anavalhar-lhe a vida! — Fôra um instante... o conde ia a gritar, mas já não pôde... porque, d'ahi a segundos, essa traiçoeira punhalada da morte voltou, mais demorada, mais implacavel, mais profunda... inundando-o d'um suor frio, tenando-lhe a nuca n'um aro de fogo, paralysando-lhe, nas maxillas inutilmente abertas, uma exasperada e vibrante explosão de angustia. E erguia os olhos, desvairadamente esbugalhados, para o alto céo impassivel; comprimia com afflicção o thorax que se despedaçava, estalando; e dobrava-se e estorcia-se n'aquella sua obrigada mudez, ao doloroso estimulo d'aquelle aguilhão implacavel, sacudido na horrorosa antevisão do seu fim que se approximava.

E assim rolou, assim redemoinhou, durante minutos, a sua tragica afflicção, silenciosamente, estrebuchando, pela brita humida e insensivel da rua, até que a mesma violencia insoffrida da dôr lhe rebentou definitivamente o coração, incapaz de mais soffrer... Um cão que exgaravunhava perto, na sargêta, attraído por este ruidoso escabujar de agonia, approximou-se do conde, baixou desconfiado a cabeça, alongou o focinho, farejando, e abalou logo com tedio».

§ 3.º

Vou findar este estudo.

Antes, porém, devo frisar que aquelles que já lêram os demais livros da *Pathologia social* de Abel Botelho, reconhecerão no artista distinguido de *Os Lazaros*, o mesmo auctor, o mesmo pathologista, que procura dos males fazer a trama, exhibindo-os ao publico ledor, para castigo das almas infectas, para penitencia dos desvairados e corruptos...

A linguagem polychromica, ou kaleidoscopica, dos outros volumes, modificou-se, e as tintas da palheta do fogoso auctores, bateram-se sublimemente, mostrando *nuances* ou matizes delicados e perfeitos, soando a musica de uma harmonia artistica que seduz e que inebría...

Pelo que, admiro o estylo de Abel Botelho e tenho por exigencia do meu proprio temperamento lêr e relêr, por vezes, as suas paginas de original contextura.

(1904)

Poeta Pernambucano

(O biographo e critico de MACIEL MONTEIRO)

Na verdade, tenho uma decidida inclinação sympathica por tudo quanto, em lettras, vem garantido com a auctoría de PHAELANTE DA CAMARA, e isso desde quando, ha algum tempo, li o seu primeiro trabalho scientifico, um dos mais recommendaveis titulos de habilitação e de talento aproveitado em estudos uteis, n'este Paiz onde a futilidade campeia soberanamente.

Posso, e devo, não commungar com o illustre escriptor pernambucano, de quem divirjo o bastante para estarmos, em litteratura, e, de certa fórma, em sciencia, nas posições respeitosas de dous adversarios. Isto, porém, não impediu, ainda, que eu quizesse muito ao escriptor e á sua obra, porque ambos estes revelam aptidões especiaes, d'estas fornecidas pelo talento e pela applicação, d'estas pouco communs na maioria dos

que, em terras brasileiras, querem saber lêr e escrever sem terem frequentado escolas...

Em Phaelante da Camara já encontrei duas modalidades de suas aptidões: na sciencia e na critica litteraria.

Estudarei cada qual de per si.

I

No poderoso espirito de Phaelante da Camara agem, poderosamente, as doutrinas renovadoras dos systemas penaes, verdade seja dita, com todo o grande reboliço e maior revoluteamento que ellas apresentam no campo das sciencias penalogicas. Mas, da ganga espessa d'esse trecho complexo, como um minerio aferiado e de primeira agua que se extráe da complexidade brilhante e rigida de um granito, o moderno influencía, sem indecisões e sem duvidas, pautando a acção do novel scientista, n'uma seára de contradicções e vehemencias, que só o verdadeiro pensador, como é o operario de *O duello e o infanticidio*[1], consegue atravessar incolume e sem submis-

[1] *O duello e o infanticidio*, por Phaelante da Camara, lente cathedratico de Direito Criminal, na Faculdade Juridica do Recife, com um prefacio do dr. Clovis Bevilaqua, editor J. L. da Fonseca Magalhães, Bahia, 1904, pag. 112.

são. E, modernismo chamo eu ao apurado nas confrontações dos diversos principios cardeaes, emquanto estes, no scenario das modernas idéas, de philosophia penal, representam, nas unidades, um disputador energico do dominio dos espiritos, ou se encarnando nas impertinentes renovações de Beccaria, ou figurando na mediação apaixonada de G. Tarde, ou finalmente, grimpando, por seus maiores excessos, nas anarchistas creações de C. Lombroso.

Phaelante da Camara soube librar-se dos apaixonamentos e fóra das seducções que tanto mal fazem a outros muitos, elle escreveu as suas uteis monographias, firmando idéas que, na coexistencia de discordantes principios scientificos, representam a tolerancia que avança no terreno das discussões, o equilibrio que renasce com o desespero das exaggeradas incondescendencias. Verdadeiramente, não ha publicista de senso, que não tenha em muita consideração as palavras de G. Lewes: «Não devemos compartir os erros de um grande espirito — diz esse escriptor inglez no seu muito importante livro *History of Philosophy* — só pela razão de elle ser um grande espirito; mas quando nos occupamos com os seus erros não devemos esquecer que temos deante de nós um grande espirito».

Seleccionando preceitos, pois, na concorrencia de escolas oppostas, robustecido pelo estudo e

por superior plano de vistas, o illustre professor da Faculdade de Direito do Recife, se bem que em certos e determinados assumptos não entre em concordancia commigo, deu-me ensejo á leitura de expressivas paginas de psychologia collectiva como procuram, n'estes ultimos tempos, traçar e doutrinar Scipio Sighele, Guglielmo Ferreri, Gustave Le Bon, Combothecra, e tantos outros de varios paizes cultos.

Para estudar a inadaptabilidade do duello entre nós, que julgo ser cabal, e, talvez, de impossivel transplantação em qualquer epoca da civilisação brasileira, considerando eu a intransigencia das leis de genese socio-civilisadora, que o doutrinarismo divagador e inscicio baralha e confunde fazendo a miscellanea ou o *mèlange* das idéas de Mohl, Bluntschli, Romanes, Spencer, Giddings, Frobel, etc., etc., Phaelante da Camara escreveu um capitulo de bem comprehendida psychologia, onde encontrei asseverada, por um grande numero de factos sociaes, a verdade de que «la nature est radicale parfois, mais jamais comme nous l'entendons et c'est porquoi la manie des grandes rèformes est ce qu'il y a de plus funeste pour un peuple, quelque excellentes que ces rèformes puissent thèoriquement paraître» [1].

---

[1] *Psychologie des foules*, de Gustave Le Bon, Introduction, pag. 6.

E, foi por isso que, iniciando o seu melhor capitulo sobre o duello, diz o auctor brasileiro: «No Brasil, consoante á nossa educação de sachristia, os habitos enkistados no caracter, o duello não é absolutamente praticado, e, no conceito da massa popular, tem apenas o valor de um entreacto grotesco de mamulengos»[1]. Succede a esta verdadeira asserção, o estudo dos elementos ethnicos de nosso povo, a embryogenia brasileira relativamente ao duello: «Por tudo isto, os que se embarcam para realisar o povoamento do Brasil e de outras possessões, não têm em vista o ideal de aventuras do tempo glorioso das descobertas, e só aproveitam o legado opulentissimo, no intuito de obedecer soezmente ao desgraçado prejuizo da *auri sacra fames*. Os outros elementos ethnicos que concorreram para a formação de nossa raça — o indio e o negro — possuindo a fibra resistente das naturezas armadas para a lucta da vida contra o meio physico, tinham, talvez por isto mesmo, a passividade instinctiva da resignação, que é incapaz de auctorisar o arranque fidalgo da bravura espontanea, e, por contra-golpe, o vicio nativo da perfidia que é incompativel com a lealdade exigida no duello. Não tinham chegado ainda ao periodo barbaro em que o duello exprime a consagração da força individual»[2].

---

[1] *O duello e o infanticidio*, pag. 60.
[2] Op. cit., pag. 62.

Tendo em conta, portanto, as condições ethnicas e culturaes do nacional-brasileiro, e, tanto quanto o desdobramento sociologico de uma raça eivada de fraquezas e vicios, o espirito desaffeito á combatividade que existe, abundante, não só em animaes diversos como tambem em povos outros, o escriptor pernambucano chegou á conclusão geral de que no Brasil, para a grande maioria dos espiritos, o duello tem o caracter ou a feição de «uma coisa supinamente ridicula além de que nem a mulher brasileira, nem o exercito, nem a litteratura, nem as demais causas do duello em paizes estrangeiros, fornecem elementos, na actualidade de nosso Paiz, para ser adaptado o combate singular.

Ha, porém, depois d'estes conceitos totalmente verdadeiros, uma outra conclusão, para mim, tão falsa quanto não se estriba em leis de sociogenia. É ella: «Entretanto, é de suppôr que as causas apontadas venham a soffrer serias trasformações quando, em futuro proximo, as antigas raizes psychologicas de nossa raça tiverem perdido de todo a vitalidade, antes que se dê a estratificação de nossos costumes». Se o ideal juridico, em todas as sociedades humanas e até mesmo, e principalmente, na sociedade das sociedades, é fazer desapparecer da coexistencia humana os acontecimentos que, por atavismo, como creio eu, ou por conservação de sanguinarios instinctos animaes, se

desenvolvem, taes como a guerra e o combate de muitos, instituindo-se para solução de todos os desequilibrios sociaes, a justiça praticamente mostrada nos juizes e tribunaes, é obvio que o duello ou o combate singular — que é ainda uma forte manifestação da nossa animalidade ou de nossa rudeza de razão — terá de desapparecer com a maior cultura humana. Quando, pois, no Brasil, «as antigas raizes psychologicas de nossa raça tiverem perdido de todo a vitalidade», a cultura nacional será um facto e as ultimas demonstrações de nossos sentimentos e instinctos animaes desapparecerão inteiramente.

Com o espirito embuido d'estas idéas philosopho-psychologicas, sobre o duello, entrei na leitura da segunda monographia de PHAELANTE DA CAMARA, em que se trata do *Infanticidio*.

II

É na segunda monographia, na apreciação das idéas scientificas sobre o infanticidio que o auctor pernambucano se mostra menos philosopho, porém mais jurista e mesmo mais proveitoso para a nossa vida social, nas emergencias da actualidade, em que, até em nós, se patenteia «o momento critico em que o pensamento dos homens está em via de transformar-se».

Ora, se aqui n'estas paginas sobre o *Infanticidio*, me mantenho de plenissimo accordo com o erudito professor da Faculdade do Recife, outro tanto não aconteceu com aquellas outras, que tratam do *Duello*, e sobre as quaes, desde a base da theoria scientifica de PHAELAETE DA CAMARA até ás conclusões justificativas d'ella, guardei discordancia, sem deixar, porém, de applaudir observações e estudos do proficiente criminologista, os quaes me fornecem dados para as conclusões em contrario ás do eminente escriptor.

Eis as considerações mais palpitantes que resolvi fazer como antecedentes ao estudo da personalidade de critico litterario que tambem exorna o nome de PHAELANTE DA CAMARA. O que posso, de antemão, assegurar, é que os processos e o methodo do homem de sciencia em nada — relativamente já se vê — differem dos similares postos em uso pelo biographo e critico do grande poeta pernambucano MACIEL MONTEIRO.

III

Tenho que o estylo biographico é um dos mais difficeis e dos mais perigosos de acção, attendendo-se ao prejuizo que poderá trazer á utilidade de uma producção qualquer o apaixonamento de

seu auctor, na especificação das falhas ou dos merecimentos do individuo estudado, ou cuja existencia tenha sido analysada politica ou litterariamente. Não cessarei de mencionar a suspeição reconhecida em SYLVIO ROMÉRO, quando nas suas paginas emprega como methodo a comparação, tomando como termo d'ella a figura intangivel (para o illustre escriptor sergipano) de TOBIAS BARRÊTO, que lhe serve de metro em qualquer terreno, ou na poesia, ou na sciencia, ou na philosophia, ou na religião. O optimismo d'essa idolatria incançavel e pernostica, mantida, aliás, por um pessimismo da ordem dos estygmatisados por GUYOT — ou por um pessimismo produzido contra muitos ou contra todos, pelo elogio incondicional ou pelo optimismo em favor de um só, ou de si proprio — vem de longe, rescendendo a um amor posthumo de irreligiosidade irritante, como sóem ser as de todas as paixões de criticos, que, alem do mais, se deixam arrebatar nas azas da idolatria. Jámais esqueci as philosophicas palavras do eminente RUY BARBOSA, n'um memoravel discurso politico do anno de 1897: «Não admitto a idolatria da razão, a do povo ou a da liberdade; porque a razão é fallivel, o povo humano e a liberdade contingente». Tambem eu não admitto idolos, e perco-me attonito deante da critica que age por meio da idolatria incondicional. É o caso typico de SYLVIO ROMÉRO que se criou para adorar TOBIAS

Barreto; é, ainda o caso typico, de Augusto Franco, creado, por aquell'outro, á sua imagem e seducção, para elogiar, fanaticamente, a Sylvio Roméro.

Mas, Phaelante da Camara não perdeu a compostura, que lhe competia, como biographo espontaneo de Maciel Monteiro, sobre cuja individualidade escreveu phrases felizes, desde as iniciaes, dizendo o que era o objecto de seu estudo, logo nas primeiras palavras de seu precioso livro: «Da familia inextinguivel do blandicioso D. Juan Tenorio, Maciel Monteiro possuiu o condão que deu ao famigerado guitarrista os trophéos da victoria nas campanhas de Cithera. Ao donjuanismo serviu com afan no seu duplo ponto de vista — amar, constantemente, ás vezes por partidas dobradas, e fazer-se preferido pelas damas em toda a linha»[1]. Não se póde, com um reduzido numero de palavras, traçar melhor, e mais rapidamente, a psychologia de um menestrel de capa e espada, que «do arrabil dulçoroso tirou o segredo dos seus encantos, como o vagabundo trovador da legenda tira da sua guitarra — *lá pela noite languorosa e fria* — os sons que entontecem as mulheres impressionaveis no silen-

---

[1] *Maciel Monteiro*, por Phaelante da Camara, da *Academia Pernambucana*. Recife, ed. de *A Cultura Academica*, 1905, pag. 9.

cio dos balcões enluarados». Entretanto, não seria tão elevado o esforço de PHAELANTE se elle tivesse querido biographar exclusivamente, escrevendo, embora, paginas de sensata psychologia, um donjuan, um valdevinos, identico ou inferior a muitos de seu e nosso tempo: MACIEL MONTEIRO não se recommendou sómente pelas estroinices do amor, em todos os seus generos perigosos e máos, mas sim, pela sua posição radiante e elevada na politica e na diplomacia brasileira, em meiados do seculo que findou.

Para comprovar esse conceito, o auctor pernambucano busca, usando de elogiavel selecção, a seguinte pagina da vida parlamentar de seu biographado, que diz respeito aos debates sobre a mediação entre potencias amigas, agitados no seio do parlamento brasileiro, nas sessões de celeuma, de 1843:

Pareceu-se inculcar em uma das sessõs passadas que a mediação offerecida pelas potencias estrangeiras era degradante, injuriosa; e até se disse: «*Pois quando o grande americano vae colher as palmas da victoria é que se quer inteiramente oppôr-se-lhe*».

Não sei quem é esse grande americano; sei que houve um grande americano chamado WASHINGTON; sei que houve um outro chamado BOLIVAR; outro chamado PEDRO I; esses é que trabalharam pela independencia da America; esses

é que deram instituições livres aos paizes que se emanciparam; esses é que são verdadeiros americanos.

Quanto aos que destróem inteiramente essas instituições, quanto aos que praticam scenas de horror, não sei se os nomes de bons americanos lhes quadram bem. Em todo o caso, direi que uma mediação em que a Republica Oriental ficasse como d'antes, era mediação muito util, muito honrosa para o Brasil. Nem se diga que a mediação suppõe sempre usurpação ou traz comsigo injuria; não: a camara é muito illustrada, não lhe citarei muitos exemplos de mediações; apenas lhe pedirei licença para citar algumas, muito poucas: lembrarei que nas disputas da Inglaterra com os Estados Unidos, a respeito do tratado de Gant, foi a Russia que mediou, sem deshonra nenhuma da Inglaterra nem da União Americana. No tratado de 1873, os Estados Unidos recorreram á mediação da Hollanda. Direi ainda que muitas nacionalidades e soberanias existem hoje na Europa em virtude unicamente da mediação; direi que a Belgica existe em virtude de concurso de mediação européa; direi outro tanto em relação á Grecia; direi mesmo que os estados americanos, que hoje infelizmente se debatem, se dilaceram, tambem receberam a influencia da mediação prestada pela Inglaterra no tempo de CANNING; direi ainda que já o Brasil experi-

mentou os beneficios da mediação, quando trata de promover e firmar a paz, dar a independencia a esta ou a aquella nação, é mediação injuriosa».

Em outra esphera de vida, revelando sagacidade e variação de conhecimentos historicos, antecedendo a enorme peleja da civilisação hodierna — a paz entre as nações, com o recurso das mediações e dos arbitramentos em vez das guerras — e pensando com um senso admiravel, Maciel Monteiro, assim encarado, não podia ser mais um homem de seu tempo, e para elle a carreira diplomatica não foi simplesmente a «fertilissima ilha dos Amores, como é da opinião exclusivista de Sylvio Roméro, onde não aprôam Gamas, porém, ancoram de vez certos poetas madraços e certos politicos sensualistas»; a carreira diplomatica lhe foi um seguimento da apreciavel phase parlamentar que atravessára.

IV

Menos em poesia, Maciel foi grande, apezar de ter sido uma figura saliente dos salões que frequentára. «A causa da fama que adquiriu — diz o seu biographo — foi, principalmente, a distincção *hors-ligne et hors quadre* com que nos representou no estrangeiro, reflectindo, como o aço

de um espelho, as prendas excepcionaes de sua nacionalidade».

Mas, deante da sua versejação, quem poderá dizer o mesmo, quem poderá attestar outro tanto?

MACIEL MONTEIRO applicava a poesia, para a qual tinha ligeira inspiração, ao serviço de sua vida amorosa, e era quando os seus versos emocionavam mais: escriptos nas phases mais agudas, ou nos periodos mais chronicos de seus quindins. Leia-se a poesia feita, de improviso e a lapis, para uma excelsa beldade, que, vivendo nos salões aristocraticos de seu tempo, encantou o poeta, conquistou-o e victimou-o com o mais vivo amor, alem de ter desvairado, mais tarde, outro poeta, e em algum tempo a D. JUAN, que apezar d'esta paixão, não teve a furia de conquistador que macúla a memoria de seu amoroso ascendente. Alem d'essa poesia, que não transcrevo por ser longa, está popularisado tambem o soneto seguinte:

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jámais poude ou nunca ousára;
Formosa, qual jámais desabrochára
Na primavera a rosa purpurina;

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhára o contorno e a fórma rara;
Formosa, qual jámais no céo brilhára
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual se a natureza e arte
Dando as mãos em seus dons, em seus lavôres,
Jámais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem póde vêr-te sem querer amar-te!
Quem póde amar-te sem morrer de amores?!...

Embora que contendo a imperfeição grammatical do primeiro tercetto — a natureza e a arte... soube — este soneto, realmente romantico, profundamente lyrico, tem logrado varias traducções para linguas estrangeiras, entre as quaes uma para o sueco, pelo illustre scandinavo GORAN BJORKMAN, alem de outras para o castelhano, francez e italiano.

Naturalmente todos os versos do commemorado poeta pernambucano[1] são de um lyrismo choramingas excepcional, e não confirmam as incontestaveis aptidões poeticas de MACIEL MONTEIRO; aliás, como repentista, o poeta não foi um nullo, e teve graça em muitas das collisões resolvidas pela sua astucia e pelo seu reconhecido talento.

---

[1] Compartilhando d'esta commemoração o illustre historiographo pernambucano dr. ALFREDO DE CARVALHO dirigiu a publicação das poesias de MACIEL MONTEIRO, fazendo-as seguir de interessantissimas notas.

Narra Phaelante da Camara:

«Na assembléa, da provincia, entrando em votação o projecto de posturas municipaes de uma cidade sertaneja, Maciel Monteiro começou a dormir, indifferente ao destino d'aquelle carroção. Despertado por um collega, que lhe chamou a attenção para o assumpto, replicou:

Se ha posturas de gallinha,
Ha tambem municipaes,
Aquellas produzem ovos,
Estas somno e nada mais».

Todavia menos vigoroso, e menos artista elle foi do que o nosso Rosendo Moniz, cujo merito é apregoado por poucos, porque poucos são os que lh'o conhecem nas suas producções poeticas de muita vida e de muita espontaneidade. Está por fazer-se a collectanea das poesias do Rosendo Moniz, e d'esta obra, luctando, alem de outras, com a incapacidade de forasteiro, está incumbida uma enfadonha cigarra litteraria, que não tarda a rachar de fatuidade...

Ora, não me foi possivel estudar o poeta pernambucano sem estudar conjunctamente o seu biographo muito illustre e desinteressado.

E, se o livro d'este, como pagina de critica, tem algum apaixonamento, é, por certo, o de con-

siderar MACIEL MONTEIRO mais poeta do que elle realmente foi.

Tambem, isso é em dose tão homeopathica que não deixou ensejo para condemnar-se o seu trabalho de biographia littero-politica.

(1906)

Os Destinos

Os Destinos, de JUSTINO DE MONTALVÃO, Porto, *Livraria Chardron*, de LELLO & IRMÃO, editores, 1904.

— Plena arte decadente!... hão de ter gritado os burguezes deante de *Os Destinos*, soberbo livro de JUSTINO DE MONTALVÃO, o D'ANNUNZIO de Portugal, livro que representa uma cuidada edição da *Livraria Chardron*. E eu proclamarei:

— Victoria do symbolismo portuguez!...

Não sou um escravo da gentileza do auctor, pois, voltando a primeira pagina do amarrotado exemplar que o estafeta me entregou, encontrei, em caracteres nervosos e irregulares, demonstradores estes de um temperamento hysterico e tumultuoso, a dedicatoria supimpa que se vae ler:

«*Ao illustre publicista dr. Almachio Diniz, homenagem de Justino de Montalvão*».

Senti-me honrado, porque hei-de negar?... com a espontaneidade da dedicatoria, e, rapidamente, li as trezentas e cincoenta e duas paginas de *Os Destinos*, achando a cada momento um trecho significativo e bello, um esforço luminoso, em que, despresando-se o absurdo da «arte pela arte», se fazem vibrantes aguas-fortes da vida humana, desdobrando-se em scintillancias de um estylo de oiro, ora as volutas da dôr a par de um altruismo galvanisante, ora o licor amarguroso de uma pagina saudosa da mocidade inesquecida, ora, finalmente, a fantasia filha de uma alma por demais altiva, para não se deixar entoxicar com a dissolução do naturalismo pornographico, ou com as emoções vis dos succubatos tenebrosos e indigestos...

O seu livro está consagrado a — *Amarylis — imagem do sonho e da belleza* — á similhança do que fez o genial GABRIELE D'ANNUNZIO com o seu livro — *Il fuoco* — que dedicou ao *Tempo* e á *Esperança*, as duas firmes imagens que presidiram á desenvolução artistica do sonho magnifico, porque pareceu ao romancista italiano, que «sem a esperança é impossivel encontrar o inesperado», segundo as palavras de HERACLITO DE EPHESO; porque se lhe fez crença o pensamento de ESCHILO D'ELEUSIS, conforme o qual, «quem modula para o deus um canto de esperança, verá realisado o seu desejo», porque, emfim, como foi fé de

HARIRI DE BASRA, «o tempo é o gerador dos prodigios...»[1].

*

Tenho notado nas concepções de JUSTINO DE MONTALVÃO, a acção generalisadora de auctores que actualmente vão fazendo adeptos e seguidores. No seu livro apreciei vestigios de PÖE, pessimismo, por vezes morbido de BEAUDELAIRE, arte fantastica de HUYSSMANN, complicando-se com cruezas doentias do naturalismo de E. ZOLA, e, mais de perto de EÇA DE QUEIROZ. Verifiquei, de mais a mais, que, ás vezes, o escriptor de *Os Destinos*, liberta-se do escalpello do artista analysta para ser mais fantasioso e mais melodico — lembrando operas de WAGNER, mais artista e mais philosopho e estheta do que anatomista, que possa trazer nas palavras os indicios recortadores do sangue das operações e das amputações, ou o pús das apostemas ou dos abcessos sociaes... É, então, que elle é flexivel e fino, e que sabe fazer estylo proprio e bem caracterisado.

A sua alma de artista não é, todavia, estranha á dôr e ao soffrimento humano. Elle recorda

[1] É a mais apreciavel dedicatoria que tenho lido.

perfeitamente a litteratura dolorosa de Oscar Wilde, para quem «a dôr sendo a suprema emoção de que o homem é capaz, é, ás vezes, o typo e o modelo de toda grande arte», bem como «ha na dôr uma realidade intensa, extraordinaria», não só porque «o segredo da vida é soffrer», mas tambem porque «é isto que está occulto em todas as cousas»[1]. O seu primeiro conto, bastante mystico no titulo — *Soror Dolorosa* — é uma serie de paginas bem norteadas e seguras n'um encadeamento suggestivo, onde, escrevendo-se com graça e correcção, se porphyrisam, com soberba poesia e idyllicas harmonias, as maguas mais fundas do coração humano. Ser-lhe-iam magnifica epigraphe os apontados versos de Wordsworth:

Suffering is permanent, obscure and dark,
And has the nature of infinity[2].

Póde-se bem vêr, em *Os Destinos*, que ao lado do litterato está o philosopho. Por isso, ao meu vêr, a de Justino assemelha-se em alguns pontos, á litteratura de Tolstoi, que é uma litte-

[1] *De Profundis*, de Oscar Wilde, trad. franc., de Henry D. Davray, Paris, MCMVI, pag. 74-76.

[2] Traduzirei assim esses versos expressivos:

O soffrimento é permanente, obscuro e mysterioso,
E tem a natureza do Infinito.

ratura incontestavelmente de acção philosophica.

Aquelle diz, em *Soror Dolorosa*, phrases meigas de philosophia sentimental: — «Só os miseraveis, diz elle, só aquelles que ninguem amou nunca, logo no berço embalados pela Desgraça, sabem bem o que é chorar»; ou então: «Os desgraçados têm todos a mesma historia». Para deante, JUSTINO DE MONTALVÃO tem tambem a preoccupação do sobrenatural, do metaphysico, do fantastico, emfim. Elle escreveu *O palacio solitario*, *O jardim encantado*, e mesmo *Certa fada*, em que o sobrenatural acompanha, gradatim, ás exigencias de uma arte, cujas fórmas estão peiadas com as impulsões de um estylo rico e luxurioso como sóem ser as naturezas bellamente luxuosas dos trópicos. Não se tem no seu livro o sabôr do aphrodisiaco que a decadencia latina lançou nos livros do zolismo crú, ou a sensação da prova de cantharidas introduzidas nos theatros com as revistas e os can-cans. Tem-se a delicia dos sonhos, a vida do irreal affeito ás diffusões da alma verdadeiramente humana, sob a lhama multicor de palavras vistosas, que despertam a reminiscencia da visão extravagante dos kaleidoscopios. Os lambrequins do estylo não sendo na demasia dos gongóricos renovados, são justamente preparados para as grandezas dos sonhos. E, quando, ás vezes, seduzido com as rou-

pagens magnificas dos scenarios e das idéas, o leitor (eis, na verdade, o que acaba de occorrer com o escriptor d'estas linhas, isto é, commigo) acredita na realidade sumptuosa do quadro e da emoção do artista escriptor, confundindo com o real o inexistente, muito de proposito no momento em que o sonho mais refulge e mais attrae. No emtanto, JUSTINO não sacrifica a verdade, e n'aquellas paginas assustadas que elle chamou de *Palacio encantado*, assim conclúe: «...Foi tudo isto um sonho, uma visão de delirio, *Amarylis?* No emtanto, dentro da minha alma, como n'esse palacio solitario, a tua imagem não é mais do que um frio cadaver branco». O sonho, pois, na obra do brilhante escriptor portuguez (e se ha um escriptor que se possa chamar brilhante é JUSTINO DE MONTALVÃO, tanto quanto, em varias situações, a sua prosa refulge, e, por vezes, tine metallicamente, assignaladamente) é mais poderoso do que o realismo: ha, comtudo, em seu livro, na rocha reluzente da graciosa fantasia, o veio sinuoso de fraco naturalismo, ou de morigerado sensualismo.

D'esta arte, *Os Destinos* se fizeram um bom livro, incontestavelmente, e a parte núa da natureza que elle vistoría, apparece verdadeiramente núa, sem os tons maliciosos que tornam a mais alta moralidade na mais baixa pornographia. Diz JUSTINO: «Não é, pois, certo que tudo nos diz

em nós mesmos e fóra de nós, que nada mais somos, sob esta fórma material, do que sombras ephemeras...?». É, indubitavelmente, um módo especial de fazer a descripção da vida humana, mas elle agrada, e tanto basta. «Sonho!» continua JUSTINO — não és tu o verbo intermediario entre Deus e os homens? Não és tu uma verdadeira realidade superior? Este presentimento a que eu chamo emoção, ideal, aspiração, e que do meu sêr vae correndo como um rio de lagrimas para o desconhecido, não será o estado de graça da alma que se recorda, uma voz nostalgica e ancestral que em mim falla? Pois não é certo, ó arvores em flôr, ó poentes, ó oceano, e tu, ó luar que me enervas e me espiritualisas, que já no passado tivemos outras existencias, outras fórmas — e a certas horas, quando um clarão de dôr sagrada ou de puro amor nos illumina, um outro *eu* dentro em nós vagamente se lembra de já ter sido agua, humus, raiz ou herva dos caminhos?... ». Ahi está um trecho original, não importando que os profanos chistosos apontem, para desvalorisar a obra dos sonhadores, a ligação dos sonhos com o somno, sendo preciso, portanto, dormir para sonhar... Quem sonha é como quem vôa... Póde fatigar-se e perder o poder de elevar-se. Então, dará os seus vôos mais rasteiros... Mas, os surtos de JUSTINO se mantêm constantemente, na mesma esphera. Elle não desce

quando escreve *A Soror Dolorosa*, onde elle se immiscúe com os maiores horrores da vida humana. Quando falla das *Trez velhinhas*, que fizeram confissões de amor ao grande mar; quando diz as virtudes de uma senhora, que lhe inspirou a *Historia d'um encontro*; quando disserta sobre as phantasmagorias de um *Palacio Encantado*, ou quando cita a *Tristeza d'uma feia*; quando se refere á *T'rezinha*, ou quando porphyrisa um *D. Juan moderno*; quando relata as excentricidades e as occorrencias de um *Jardim encantado*, ou quando faz o *Conto dos Reis*; quando descreve a esculptura de uma *Estatua*, ou quando relembra, seleccionando palavras, cavando adjectivos, criando arabescos para as phrases ou gemmas preciosas para o estylo, as *Saudades de Amaryles*, consagrada *imagem do sonho e da belleza*, para quem JUSTINO DE MONTALVÃO, apaixonado e poeta, estheta e artista consummado, escreveu as bellissimas paginas de seu livro... Foi, sim, nas *Saudades de Amaryllis* que o escriptor portuguez deu mais patentes e mais exhuberantes demonstrações de seu estylo. Ahi foi que elle escreveu: «Morrer é ser iniciado!» E mostra como é ser iniciado: «Morrer é resuscitar: morrer é viver alem da vida presente, lá onde afinal se realisam os sonhos dos que no mundo fôram os sombrios escravos da illusão e do soffrimento. Para novos destinos,

para novas resurreições! Por fim elle encerra o seu livro com a radiante pagina aqui copiada: Toma o meu coração encardido de desenganos, ó rio nocturno, e leva-o até ao mar, para o lavar nas ondas salgadas, nas amargas ondas do mar de lagrimas dos que, desde que o mundo é povoado pelo tedio e pela illusão, têm chorado sem esperança. Lava o meu coração para que fique bem branco, bem vasio de todo o passado: e leva (que não esqueça alguma) todas as cinzas das chyméras, todos os detrictos dos antigos desejos que desejou, das velhas esperanças de que desesperou: leva-os para sempre, nas tuas aguas purificadoras, para o mar profundo como a morte e o esquecimento — ó rio d'amor, rio de dôr, bemdito sangue a correr pelo mundo, do seio da Natureza misericordiosa! Leio essa pagina como uma estrophe de oiro n'um poema sublime de HEINE; leio essa pagina que me faz tanto meditar sobre a verdadeira concepção da Arte, que teve OSCAR WILDE, o ente mais soffredor da Inglaterra hodierna: A verdade na Arte é a unidade de uma coisa com ella mesma, o exterior exprimindo o interior, a alma adequada com a carne e o corpo adequado com o espirito. Por este motivo, não ha verdade comparavel á dôr. Ha momentos em que a dôr me parece ser a verdade unica [1].

[1] OSCAR WILDE, op. cit., pag. 75.

*

De facto, tudo muito bom. Mas, infelizmente, a cada passo, a cada trecho, mostra-se viçoso e vigente, como a herva parasitaria que se ostenta na cópa das arvores fazendo-lhes mal e, por fim, tirando-lhes a vida, nos pensamentos e nas paginas de *Os Destinos*, a cruel crença espirita... No momento actual da evolução humana, ella é um estado morbido como outro qualquer. Em JUSTINO, especialmente, ha tendencias para o convicto, e talvez para o intransigente...

Maldito espiritismo! elle é uma dôr moral, e esta, «bem como se dá com o soffrimento physico, é coherente com o egoismo, e, desfavoravel á sympathia quando não affecta ao physico, conforme disse LOUIZ DÉPRET.»

Se assim é, tanto peor para o genero humano, que, com elle, se vae deixando fascinar.

(1904)

Valentim Magalhães

(Uma chronica no dia de seu fallecimento, em 1903)

Atravez do laconismo telegraphico percebe-se uma dolorosa verdade: falleceu VALENTIM MAGALHÃES..

Essas impiedosas palavras, esses trez unicos vocabulos,—incoerciveis vozes que exprimem um consummado canto de Morte — têm a agudeza amarga de uma convulsão final. Aos ouvidos d'aquelles que o leram, chega em trez gammas um só signal avassalador, immenso, torturavel...

—Morto! morto! morto!

No emtanto, desditoso VALENTIM MAGALHÃES!... só elle soube como viveu!... só elle conheceu bem como chegou ao dia de seu trespasse!...

A arripiante palavra de critica tremenda, que impoderosa por malquerente para colher a gemma de seu thesoiro, arrebata, vigilante na perversi-

dade, o joio das seáras, emmudece-se deante de seu cadaver, talvez para outros balbuciarem os tons brancos, funereos, das orações, ou das exculpas que só se dizem depois da Morte... Pelo que, deante do accidente, se enrolam todas as bandeiras das criticas e das escolas para render-se uma ultima homenagem, para muitos certamente a primeira, ao victorioso Errante, que, feliz, reacha na immensidade, a senda que a materia de seu corpo alli perdera...

E é o que se vê!... A paixão de vossos conceitos, amordaçada agora no silencio lugubre onde só se ouve a monotonia de algidas litanias, de chorosas preces, de canticos de Morte, desdobra-se em angustias, ó criticos que escadinhaes o máo, e dá-vos, accesa n'um braseiro de arrependimentos, a contricção de penitente!... Porque, muitas vezes, fostes injustos! O vosso zelo, pelos nevoeiros feericos da fantasia, chegou, para a Arte, gritando e clarinando, estrondosamente e sempre, o vosso inteiriçado grito de guerra! Não vos declinarei os nomes de vós todos que, afastados dos erros e das meditações, cahistes na amargura de uma condemnação attonita e afflictiva... E Valentim Magalhães, remordido, nervosamente, de uma serena superioridade de espirito, chegava, hontem, ao termino da sua vida litteraria sempre com o mesmo applaudido esforço, sempre com a victoriosa inclinação

da Arte, por entre infinitos odios e malfazejas cóleras.

VALENTIM MAGALHÃES não tinha escola litteraria, e, por vezes, nos incendiarios delirios da malquerença, foi agoniado por toda a parte, por toda a parte dizendo-se muito pouco do seu valor, e que elle era anti-escolastico, era sem seita litteraria, d'estas muitas que, no nosso Paiz, degradam e não elevam, aviltam e não conservam a nobreza da Arte.

Os labios, os labios mordazes, que, até á ultima hora de sua penosa existencia de artista da palavra, o excommungaram, que o expugnavam, acremente, violentamente, agora se calarão, e não duvidarei que, deante do cadaver, mais do que o silencio-ouro ou a indifferença-covardia, se teçam as lisonjas posthumas, os elogios de vangloria, que só a morte costuma prodigalisar, mas sem distincções, a todos os homens.

Perseguil-o, pois, que, em vida, não era artista e não era artista porque não tinha escola; desventural-o com a bilienta expansão dos odios indiscretos e agoireiros; tortural-o com a destruição da sua obra e deixal-o attonito deante da derrocada que a critica, muita vez anarchista, ia victoriando, foi o papel dos que, outr'ora, victimas das vertigens de suas allucinações, não perdoavam ao curioso escriptor, cuja maior gloria será, talvez, uma originalidade, certa ou errada

é de somenos, que era o cunho proprio do trabalhador illuminado pelos caprichosos e surprehendentes segredos da força de vontade.

Onde a critica não chegará para contradizer, é aos seus dotes psychicos de originalidade tão falhos no nosso Paiz, onde, a todo o instante, GUY DE MAUPASSANT, ÉMILE ZOLA, G. FLAUBERT, LEON TOLSTOI, D'ANNUNZIO, MEATERLINCK, DAUDET e outros[1] são mal e tolamente imitados, com o descaro atroz dos perdidos da originalidade.

---

[1] É franca a tendencia de imitação entre os nossos maiores litteratos: COELHO NETTO, por ser o mais fecundo não tem originalidade em — *a) Inverno em flôr*, que lembra *Forte como a morte* de GUY DE MAUPASSANT; *b) A Conquista*, muito parecida com as *Scenas da vida bohemia* de H. MURGER; *c) A tormenta*, que recorda a *Sonata de Kreutzer* de LEON TOLSTOI; *d) A muralha*, peça theatral, singularmente similhante á *Casa da Boneca* de IBSEN... ARTHUR AZEVEDO não perde as anedoctas de almanaques e os calemburgos das folhinhas... JULIO AFRANIO tem pensamentos inteiros de GABRIELE D'ANNUNZIO, na *Rosa Mystica*... E, para não alongar demasiadamente esta nota, PETHION DE VILLAR não despresa a tutoria dos poetas francezes, por elle malditos quando foi germanista e hoje reconsiderados porque se tornou latinista, os quaes, em querendo fazel-o, poderiam protestar contra os contrabandos, e o mentecapto MARIO DE LAVEZZARI (DR. FRANCISCO MONIZ DE ARAGÃO, pae de PETHION DE VILLAR) na prestidigitação dos contos de DAUDET...

SMILES philosophou sobre esse dote da personalidade psychica do homem, e disse: «Sem originalidade e sem individualidade a vida humana perde muito do seu interesse e variedade e da robustez do caracter». Esta conclusão, de incontestavel fundo philosophico, ficou aquem da concisão da celebre phrase do mimoso escriptor das *Canções sem metro*, RAUL POMPEIA: «Máo mas meu». Todavia, para onde teria de voltar-se o espirito de SMILES, seria, por certo, para uma estapafurdia e solemne nota preambular—unica no seu genero—unica no seu tempo—caso elle quizesse certificar-se de sua philosophia, que se encontra na primeira pagina de um romance de CAMILLO CASTELLO BRANCO. «Pede-se á critica de escada abaixo o favor de não dicidir já que o auctor plagiou ÉMILE ZOLA. *Eusebio Macario* não é *Rougon Macquart*; nem *uma familia no tempo dos Cabraes* é *une famille sous le second empire*. Sim, elles, os Cabraes, não são perfeitamente o segundo imperio»[1]. Que criminosas recommendações não seriam essas para um escriptor que viveu, sempre calmo, entre os desfastios accusasadores dos criticos maldizentes, e, infatigavelmente, condemnadores!...

---

[1] *Eusebio Macario*, romance de C. CASTELLO BRANCO, in-princ.

D'essa originalidade não será, nunca, a falha da obra de Valentim Magalhães, porque elle soube percorrer caminhos tortuosos, esquivos ou avenidas largas, eloquentes, com a febre de demandar a Verdade, que, ao seu espirito, se apresentava com o fragor de seu temperamento, de sua honestidade.

Quando perseguido pela critica e isolado no mundo grande de nossas litteratices, Valentim Magalhães tinha a certeza de sua solidão, era para novos trabalhos que se voltavam as suas attenções, e, alvoroçado de jubilo, esquecido pelos incensadores communs que, para elle só tinham penitencias, era elle proprio quem fazia, com a mesma serena superioridade de espirito, a sua inclusão na lista dos nomes acreditados como os lucidos na carreira de lettras. E a isso chamaram desmedido pedantismo, para cavarem a arruinação de um espirito cuja predominante era, realmente, uma dóse de forte vaidade justificada. Para elle não era estranho o conceito de La Rochefoucauld — a natureza fórma o merecimento e a fortuna o põe em exercicio . Quiçá, a Morte lhe trouxesse os adjectivos, que, em vida, os homens lhe negaram. Mas, a materia inerte, fria, perdeu a eloquencia, apezar do que, no seu emmudecimento, repellirá os nojentos que, outr'ora ríspidos e desarrazoados censores, agora lhe serão doceis incensadores... Jámais teve o apoio abne-

gado dos fortes, e os nullos[1] que lhe teceram defezas, pelo que eram, lhe causaram os malles mais sensiveis!... Ora, crescer sob o poder dominativo d'aquella sêde insaciavel de chegar, infatigavelmente, á grande emoção da Arte; rojar na solidão que os mesquinhos lhe offertavam como um castigo; vêr, combatente de espirito, chegando onde outros que o apuparam não chegarão, seguir embriagado com o Ideal do trabalho, envolto nas clamydes inatacaveis de suas convicções inalteradas, tudo isso foi o seu supremo esforço, e tão nobre quanto disse VICTOR LAPRAD — «os que rojam sós não caem nunca». A vida é um rojo, de rastros, deante dos preconceitos, deante dos multiplos grilhões pesados, que os proprios homens inventaram para separal-os antes pela sua ignorancia do que pelos seus bons predicados... No emtanto, se eu um dia conseguisse descrever miguelangelamente (ahi fica um extravagante mas preciso neologismo) a visão profunda de meditações e mysterios, em que se me representa a vida dos homens, pontuando as maravilhosamente sensacionaes inconsciencias intempes-

[1] Recordo-me de ter visto XAVIER MARQUES, querendo, com uma carta de critica sobre o romance *A flôr do sangue*, valorisar este peor trabalho do escriptor morto, causar-lhe o peor dos males: era o caso da philosophia proverbial — *Dize-me com quem andas*...

tivas da hora actual, de fórma que tudo quanto a minh'alma photographasse, n'esse instante, passasse, incolume, com todos os seus maiores horrores e transcendentes baixezas, para o futuro, a humanidade de amanhan encobrir-se-ia no mais espêsso véo de envergonhamentos. Falham-me, porém, porque outros me escondem, a fragancia luminosa das tintas variadas, o impressionismo facil das transcripções do cerebro para as telas, a luxuria das emoções que vigem e viçam no meu ser, como traslados de ambiente prenhe de mysticismos, de urdiduras, de preconceitos, de ruindades, de allucinações, de escravismos, de mizerias... A alegria dos condemnadores, cujos actos de carrascos, cheios de violencias e cruezas, são habitos duros e inalienaveis da natureza humana, a alegria dos condemnadores, que é a profanação do merito e do valor, chegou, n'uma mundana miragem das brumas do horror e do mal, até á Arte, e no seu templo, perturbando a paz austéra dos desprendimentos, não faz selecções, aggride; não faz justiça, esbordôa; não é a verdade; pois crimina os bons e absolve friamente os maus...

*

Quando em França, ÉMILE ZOLA, n'um concreto emocionamento, gritou, como advogado da

transcendente causa da justiça, da victima pela condemnação sensacional da innocencia, em favor de Dreyfus, a sua voz energica e palpitante do Amor da humanidade, esse Amor grande, tão vívido n'elle quanto elevado, Valentim Magalhães foi um evidente, revoltado sincero contra a situação medonha da justiça, e da sua penna surgiram os protestos mais vibrantes que a sua alma sonhava... Ao lado do protesto contra o ludibrio da justiça, veio, por vezes, de seus labios, a recordação carrasca da condemnação covarde de Dreyfus... Eil-o a commentar n'uma chronica de jornal, onde elle foi um dos jornalistas mais fortes...

Ha muitos dias que me pruía o desejo de vir erguer com impeto este rito de justiça e solidariedade do alto de uma columna de jornal independente, ha muitos dias que eu me sentia arrastado irresistivelmente, como pela mão do dever, a vir pedir á mocidade brasileira que mandasse atravez do oceano, como um protesto em nome da justiça, um aperto de mão fraternal ao gigante que por ella se bate contra milhões de fanaticos, ha muitos dias que suggeri á Academia de Lettras Brasileira, por intermedio de um consocio, a idéa de felicitar pelo telegrapho, o grande escriptor francez; mas não ousei iniciar esse movimento por me sentir sem auctoridade bastante, sem prestigio e força para garantir o exito.

«Já não milito na imprensa; meu nome está quasi completamente esquecido, e as raras vezes em que o lembram é para cobril-o de convicios ou desdens.

«Sou hospede no jornalismo fluminense. Aguardava eu, portanto, que algum grande nome incontestado, algum vulto glorioso das lettras se puzesse á frente d'esse movimento, para seguil-o, perdido na turba, engrossando com enthusiasmo o trovão de applausos que devia levar ao creador dos Rougon-Macquart a adhesão plena e generosidade da alma brasileira».

E foi um psalmo de victoriação que a sua penna lavrou em favor de ÉMILE ZOLA; e d'entre os seus conceitos alguns transparecem que melhor dizem o estado da justiça, a carantonha da vileza humana, os arrebiques do instincto dos homens, cuja descripção pretendi fazer para justificar, na clausura mestra da Arte, as ridiculas circumvoluções da condemnação de VALENTIM MAGALHÃES. Porque o mundo tem viciados e corruptos, quem escrever fóra dos moldes chatinescos das escolas em vigor, cujo lemma de grande effeito tem sido a copia ou o plagio — no minimo da propria natureza — havia de ser um excommungado da hora, um apedrejado dos venturosos[1]... E VALENTIM MAGALHÃES vira na Fran-

[1] Esta chronica que conservo *ipsis literis* como escrevi no dia em que tive conhecimento da morte do

ça, o que se passava em todo o orbe e na sua patria, comsigo mesmo, inda mais...

E elle proseguia...

«O espanto, a magua, e o nojo de todos os latinos, de todos quantos volviam para as bandas claras e radiosas do paiz de França, o olhar e o espirito para ver raiar o sol da Intelligencia, da Arte e da Liberdade, são tão grandes, tão intensos, tão acabrunhadores, vendo-o atufado na peor das noites — a da consciencia, tripudiando sobre todas as glorias do seu passado, espesinhando todos os louros dos seus combates cruentos e incruentos em pról dos «direitos do homem», que, se não fôsse a figura divinamente humana de EMILIO ZOLA, consubstanciando e personalisando — elle, só e unico — toda a grandeza, toda a força, toda a generosidade do genio francez, creriamos todos que a hora derradeira da sua existencia e do seu imperio sobre o mundo inteiro está

illustre trabalhador — poucas horas depois de ter occorrido tal no Rio de Janeiro — revela o desassocego, intemperante quiçá, de meu espirito. Era que a critica e a inconsciencia dos JOSÉ VERISSIMO e outros, tendo esbordoado barbaramente o meu primeiro livro, fizera brotar em mim a irascibilidade, e o meu grande odio que vencia todos os odios levantados contra mim, porque prosegui serenamente no meu fervor escolastico, até quando a minha propria experiencia julgou de seu direito modifical-o...

soando, que a França da Encyclopedia e da Revolução, a França de DIDEROT e DANTON, de VOLTAIRE, de MONTESQUIEU, de MICHELET, de VICTOR HUGO... está acabando, está expirando com o seculo que tanto illustrou e em que attingiu o zenith da cultura mental.

«ZOLA está salvando com a honra da França, a dignidade do homem».

Bellas palavras essas!...

A alta verdade da vida está no segredo da morte!

Um escriptor alegre dizia sempre, e de preferencia, nas occasiões mais solemnes: «não me admira como se morre; o que me causa espanto é como se vive».

Ainda é cedo, muito cedo ainda — o seu cadaver está ainda debaixo dos zelos de quem lhe estimou a alma verdadeiramente operosa e intimamente sincera — para, dogmaticamente, fazer-se o necrologio de VALENTIM MAGALHÃES: os seus odios todos ainda vivem; os seus adversarios, porém, esmorecem o furor ostensivo, pois reduzem-se ao indifferentismo, na guarda de uma faísca que lhes reaccenda o brazido, renascendo o incendio do despeito que a morte começou de abafar, para então elles profanarem, na morte, talvez, como na vida, a eloquencia e a fecundidade do apurado chronista do *Bric-à-Brac*.

Não serei eu quem, despertando os seus mes-

quinhos odios, vá iniciar as luctas que trarão uma saraivada incondicional de improperios para a sua alma incontestavelmente de artista.

Os maus não dormem, e quando estiverem dormindo, cuidado!... a hypocrisia lhes vela o somno...

A vida é real e irreal, é verdade e é mentira.

Não vos esqueçaes, senhores criticos, VALENTIM MAGALHÃES é um morto...

Não troqueis sobre a sua campa, as lançadas dos odios e dos despeitos. Deixae aos vindouros o julgamento da sua obra, para mim grandiosamente original.

«Tout fuit, tout passe», dizem os francezes.

A obra que sobrevive é a de merito: a outra, não; encerra-se no tumulo com as carnes de seu auctor.

(1903)

Maria do Céo

(Considerações apaixonadas sobre o naturismo)

«Em qualquer labareda que se levante nas vossas almas, com a luz que este fogo tem, descobrireis o thesouro escondido, que está dentro da nós».

FREI ANTONIO DAS CHAGAS[1].

Um poema em prosa, cheio de lindas paginas, abundante em phrases delicadas, feliz em inspirações superiores, poetico nos menores delineamentos, é *Maria do Céo*, que JULIO BRANDÃO, seu auctor, denominou collecção de cartas de *Marcello*. É um livro bem sentido, em doce e flexuoso romantismo, cuja epigraphe, a que acima se lê, de fr. ANTONIO DAS CHAGAS, representa a sua melhor expressão.

Desenha-se *Maria do Céo* uma mulher pura, que tem o amor incommensuravel e grandioso de

---

[1] É esta a epigraphe do livro — *Maria do Céo*, de JULIO BRANDÃO, editado por LELLO & IRMÃO, da *Livraria Chardron*, Porto, 1902.

um poeta; este pensa que «só o Amor é eterno: o Bem pelo Bem é o moto». Ora, *Marcello* adora *Maria do Céo*. Em uma das suas cartas diz: «Fez Deus este milagre de eu te encontrar, meu amor, de certo para me mostrar que tudo Elle póde no mundo. Foi um milagre divino. Tu és a suggestão do céo. E a propria melancolia, esta saudade que vem commigo desde o berço, — como se eu trouxesse a Alma cheia de violetas — essa mesma se converte agora no anceio de um sonho, como nuvem perdida ao sol do outomno, desfeita em chuva d'oiro...». E o poeta enamorado continuou as suas preces: «Tudo reviveu comtigo. As venturas longiquas de minha infancia, as ingenuidades de que eu fiz lindas feições, o amor das coisas nobres e puras, e a minha innata religião do Bem — tudo reviveu comtigo!... Tens o condão milagroso de evocar quanto é bom e suave; a tua recordação lembra um flóco de lua que tudo poetiza; e como as nymphas que viviam junto ás fontes, com os cabellos soltos como estrellas, tu surges sempre ao pé de tudo que seja limpido, que seja bom, que seja bello — dando-me a beber, na concha de tua mão magra, a agua lustral do Sonho. D'onde foi que te veio esse brilho terno e vago, como se me apparecesses n'um raio de lua, e n'um raio de lua te levassem? D'onde foi?...» Ainda não é tudo, pois o poeta vencido continúa: «Oh! a minha vida anda tão presa a ti mesma,

como um teu sorriso anda preso á tua alma. Tu estréllas o meu passado todo, illuminas todo o meu futuro: o meu passado humilde e claro como o de um pegureiro triste, enchel-o de gloria; o meu futuro, esse, inundal-o de fé, de beatitude imperturbavel. Sem o saberes, minha amada, voltaste a face do mundo». E vae adeante: «Como será triste aquelle, ó minha celeste amiga, que nunca amou como eu amo! Elle ignora tudo que só o sobrenatural explica, só este profundo sentimento ausculta, porque elle nunca desceu, como eu desci por amar-te, a estas grutas mais fantasticas e fundas que aquellas onde as nereidas dormem, vestidas de algas e perolas!...» Por fim, JULIO BRANDÃO, pela voz de *Marcello*, accrescenta: «Bemdigo a vida, bemdigo a sempre doce e verde natureza, os céos e os mares, as serras que eram núas, e tristes como eu mesmo,—bemdigo o meu destino, tudo o que é simples, tudo o que é bello, e tudo que é miseravel, mas ama... Bemdigo a arvore sagrada a cuja sombra me sorriste, bemdigo a lua que te beija, o cantico dos poetas,—tudo que tem Ideal, que é o mesmo que ter fome».

Ao meu ver, só pelos depoimentos da fórma, do estylo e da elegancia da phrase, percebo claramente que se trata de um livro da chamada escola naturista, da seita—ou que melhor nome tenha—litteraria de SAINT GÉORGES BOUHÉLIER,

cujo nome de guerra tem sido — naturismo, o que eu comprehendo que seja uma manifestação, na Arte, da egoista religião de força de FREDERIC NIÉTZSCHE. Ora, graças ao nosso destino (com toda a metaphysica d'este vocabulo maravilhoso) raras foram as manifestações naturistas no Brasil, onde todas as novidades da litteratura franceza são acolhidas com franqueza e se desenvolvem excedendo as mais latas espectativas. Apezar do — *manifesto naturista* — de ELYSIO DE CARVALHO, lançado, em 1901, sob a responsabilidade d'este nome, mas cuja auctoria, por certo, não lhe caberá, e da subsequente propaganda da *Revista naturista* do mesmo innovador, a escola de EUGÈNE DE MONFORT, se outra exhibição teve que não o romance *No hospicio* do eminente historiador ROCHA POMBO, sobre o qual adeante escreverei, até agora não me foi dado conhecer. Mas, o *zarathustra* do sabio escriptor do *La gaya scienza* é o *Christo* renovado dos naturistas, que exploram a religião da Belleza, como acima se disse, baseada na religião da força.

Apresenta *Marcello*, que deve ser o proprio poeta auctor da *Maria do Céo*, um programma que encerra os periodos seguintes:

«É com um perfume de flôr mysteriosa que a terra ainda se inebría e sonha! Theorias, systemas, sabedoria humana, são fumo apenas que a ventania esfarpa. Farrapos de vaidade feitos nuvens de ouro...

«Só o Amor é eterno: o Bem pelo Bem é moto. Montanhas de livros contradictorios e olympicos, quem vos lerá amanhan, se não tendes a alumiar-vos um que seja dos raios da estrella moral que não se apagam! Que busco eu na indecifravel verdade? Nada — uma illusão, um echo. Homem! o mundo precisa da tua piedade, da tua alegria communicativa e bella, da tua fé, da tua poesia esplendida. Ama e sê bom. Olha que um rouxinol cantando alli nos loureiros é mais eloquente do que um velho sabio fallando de abstracções geniaes. Que dá esse sabio á minha sêde e á minha fome, senão mais fome e mais sêde? É coisa pouca, Genio sem Bondade, — és coisa ephemera! Sarar um leproso é mais nobre de certo do que escrever a *Illiada*. A que vêm Troia e as suas claras armas, Helena e os seus claros olhos, ao pé d'aquella creança que chora pela mãe que morreu? Dá do teu pão e da tua agua que és um grande Poeta. O pensamento é grande; mas dá sobretudo ás almas o que tiveres mais puro no teu peito. Terás o teu premio na tua virtude. Que as fórmas te sirvam, artista, para envolver e mostrar a tua Belleza interior encarnada. A terra quer virtude, quer pureza, quer ideal e quer pão. Dá de tudo isso á terra, homem vagabundo — cumpre a tua vida! Que sabes tu? — Concha partida no vagalhão do espaço vens de Deus e vaes p'ra Deus, homem triste!...».

Depois d'isto, depois d'estes conceitos vertiginosamente ditos em reduzido numero de palavras, não fica duvida em meu espirito de que o interessante livro *Maria do Céo* seja filiado á escola naturista, tendo os sectarios d'esta um programma nas palavras de Eugène de Montfort, colhidas n'uma grande conferencia feita perante um congresso litterario de Bruxellas:

«Poeta é aquelle que recebeu da Vida, como um dom maravilhoso, o poder de admirar em si mesmo, centralmente, o que ha de divino no homem. Elle vê em si mesmo o nosso deus: o adora como uma belleza perfeita e radiosa»[1].

Com effeito, o que quer isto dizer é a creação do culto da Belleza, da adoração do Bello na natureza, que alguns escolasticos levaram ao exaggero da fundação dos chamados *collegios de esthetica*. Que quer significar, porém, essa nova expressão de *collegio de esthetica?*... Sabe-se que em dia do anno de 1900, quando ha cinco annos, mais ou menos, o naturismo se movia entre cinco ou seis figuras das lettras francezas, se reuniu, sob a direcção dos prógonos d'esse movimento espiritual, organisou-se o *Congrès International de la Jeunesse*, onde se discutiram importantis-

---

[1] *Exposé du naturisme*, de Eugène de Montfort, Paris, pag. 21.

simas theses de interesse todo naturista, de cuja discussão resultou a creação, em Paris, de um instituto que recebeu o pomposo nome de *Le Collège d'Esthètique Moderne*. Este collegio tinha o fim que se vê: «Constituir em um grupo distincto, a familia dos artistas modernos; desembaraçal-os das falsas tyrannias, mostrar-lhes quaes são os heróes da arte actual; coordenar os principios que estes têm podido applicar—eis ahi a nosso ver, a obra que é preciso fazer». E para isto, estabeleceu-se um programma, que é formado, segundo um sectario informa, por seis cursos, alem dos quaes eram feitas conferencias sobre a architectura, a arte, e o socialismo, a educação da Belleza, etc., etc. Os seis cursos, então, eram: 1.º *A esthetica da vida* por SAINT GÉORGES BOUHÉLIER; 2.º *As origens de arte contemporanea* por MAURICE LE BLOND; 3.º *A evolução dos generos de musica*, por A. DE ROSA; 4.º *A esthetica das sciencias*, por E. LAURENT; 5.º *O heroismo da epoca actual*, por A. FLEURY; 6.º *A Belleza moderna*, por EUGÈNE DE MONTFORT. De tudo isso se deprehende que *Le Collège d'Esthètique Moderne*, na vida pratica, era uma verdadeira inutilidade, mas um grande esforço intellectual, que não viveu mais do que a embryogenese por inapto para vencer na lucta pela existencia travada com o revolto ambiente litterario da França actual... E se elle transpoz os limi-

tes parisienses foi para revelar-se, no estrangeiro, em casos esporadicos, como n'este Paiz, têm sido o manifesto e a revista de ELYSIO DE CARVALHO...

Pois sim! Em todo o livro d'este pensador, encontramos fervorosas demonstrações de seu grande culto á *Belleza*, os extasis da sua phrase magnifica de ardoroso orador.

Posso, n'este pensamento, citar os seguintes casos, que são curiosas passagens de *Maria do Céo*:

...aquella cujo sorriso espiritual e doloroso mais havia de perturbar a *Belleza* antiga... (pag. 9).

...umas dez lettras claras, o destino exprimiu a saudade e a *Belleza*... (pag. 30).

...só nos mostra a fulguração augusta do Bem e da *Belleza*... (pag. 38).

...Tu és o Amor e a *Belleza*... (pag. 44).

...Quebrei o encanto do mundo: a vara de condão da minha Alma fel-o de *Belleza* e Sonho... (pag. 95).

...o Amor é fome de Bondade e de *Belleza*... (pag. 96).

...fé na virtude, fé na Bondade, fé na immortal *Belleza do homem*... (pag 132).

E assim por deante... Antes, porém, de proseguir na serie de minhas apreciações, quero que fique explicado, devidamente, que a extravagan-

cia transparente do ultimo periodo de JULIO BRANDÃO, não se confirma deante da supposição dos naturistas de que «os homens são deuses que se ignoram», na phrase textual de um dos próceres da escola.

Eis os traços geraes da obra de JULIO BRANDÃO, que eu poderia qualificar de concorrente da restauração do romantismo, se não encontrasse contra isso alguns peccados que são outros tantos caracteres litterarios do naturismo.

Por vezes, o poeta de *Maria do Céo* se liberta dos liames da sua escola. Assim, o naturismo, pelos seus preceitos impõe ao escriptor a abnegação de traduzir-se litteralmente nas paginas de sua obra de Arte. Elle encontrou o fundamento d'esta imposição na doutrina paradoxal de FREDERIC NIETZSCHE, que se traduz no «escreve com o teu proprio sangue». Isto não fez JULIO BRANDÃO com o apparecimento de *Marcello*. Este ponto de afastamento, caprichoso ou inconsciente não vem ao caso, o nobilita, entretanto. Mas, como trabalho de Arte, não preciso especialisar, que *Maria do Céo*, apezar de filiada, sem nenhuma declaração expressa de seu auctor, a escola de menor valía, é um tentamen que se póde ler, e que quando mais se approxima JULIO BRANDÃO da chamada *religião da esthetica*, seja quando mais fraco, justamente, se apresenta o seu sonho.

A fórma do livro resente-se de uma grande falha. No prologo, idealisa o seu escriptor: «É n'uma solidão religiosa, entre montanhas, que me apraz o escrever ácerca de *Marcello*, o auctor das cartas que dou a lume...», e, mais adeante, escreve novamente: «Era toda a correspondencia com *Maria* que *Marcello* me endereçava», depois de ter denominado o seu trabalho — *Maria do Céo — cartas de Marcello.* Effectivamente, os trez primeiros capitulos do livro, são cartas delicadas, sublimes orações do poeta para *Maria do Céo.* O capitulo IV, que é o ultimo, e assim devia acompanhar na fórma os antecedentes, salvo caprichos rasoaveis, passa a ser uma narração da morte de *Maria* e da subsequente vida do poeta, da melancolica existencia de *Marcello* depois d'aquelle torturoso acontecimento. A falha está, indubitavelmente, em ser feita esta narrativa pelo proprio poeta, perdendo d'esta arte, sem nenhuma prevenção, o ultimo capitulo, a fórma de cartas de *Marcello* a *Maria*, ainda mais, sem mesmo, pelo estylo, poderem passar estas ultimas paginas, como cartas — orações dirigidas por um poeta a uma mulher morta, que foi quem encheu de esplendores o seu caminho obscuro....

Não ha, porém, perda n'isto para o trabalho elegante de Julio Brandão. A sua linguagem, apezar dos lamentaveis desvios a que lhe obrigara o naturismo, é mimosa e desabrochada em cariciosas concepções.

Apartado da exquisita creação de SAINT GÉORGES BOUHÉLIER, — *idolatria da Belleza* — que jámais se affez ao meu espirito, de todo, ávido de innovações litterarias, porque, para mim, a Arte sempre é a novidade, o poeta de *Maria do Céo*, alcançará as glorificações de cuidado artista da palavra. Todavia, nem por ser eu indifferente ao naturismo, não deixo de recommendar a leitura das agradaveis cartas de *Marcello*, como paginas de emocionante tristeza e rara alegria na vida de dous amorosos, que teve por fecho archi-doloroso a morte da desditosa *Maria*, que assim, ainda mais se tornou *do Céo*.

De facto, sou contrario ao *Collegio de Esthetas*. Mas, porque?... Não é difficil saber-se nas paginas que escrevi, posteriormente, sobre o luminoso romance *No hospicio* do sagaz operario das lettras e consciencioso philosopho ROCHA POMBO.

(1902)

No hospicio

§ 1.º

Bem se póde chamar um extasi intellectual o estado de meu espirito, depois que voltei a ultima pagina do recente romance (tem elle apenas dois annos que está em livro) do muito illustre escriptor brasileiro ROCHA POMBO. O titulo do romance é dos mais suggestivos — *No hospicio* — n'esta epoca desconsoladora em que reinam, mais ou menos despoticamente, as mais inverosimeis nevroses, e, do folhetim primitivo que elle foi, no roda-pé do jornal fluminense *Correio da Manhan*, ao livro de duzentas e setenta e quatro paginas editadas por H. GARNIER — o livreiro da moda e das nomeadas — nenhuma alteração intima encontrei que o distinguisse para melhor ou para peor. Lembro-me bem, entretanto, que um fragmento de *No hospicio* foi inserto em pagina da *Revista Naturista*, de ELYSIO DE CARVALHO, em 1901, o que denota maior antiguidade para o mencionado romance revolucionario.

Quando tive de ler *No hospicio*, fui demorado assazmente, e só em trez dias exgotei o pensado trabalho de Rocha Pombo, não me tendo veixado, como irá fazer veixações a outros muitos que o excommungarão, o seu estylo difficil, estylo semi-gongorico, deixando no laconismo terrorista de suas phrases o espaço imprehenchido de milhares de pensamentos e preoccupações de transcendencia philosophica, que só o leitor intelligente e capacitado conseguirá normalmente. Esta qualidade, que é uma especie de sobrevivencia no naturista dos defeitos do symbolismo anterior, é uma falha, ou uma incoherencia na arte de Rocha Pombo. E, por isso, como litterato, elle representa um caso de dandysmo, passando para os seus livros as suas idéas e as suas phrases de cenaculo, sem levar em conta o mau effeito que ellas causarão nas diversas multidões, inaptas ainda para comprehendel-as. A prolixidade e a fartura de vocabulos para ser dita a menor idéa, tiram todas as attrações de seus livros, e as chiméras, sem o sentimento de causarem mal as realidades invisiveis, abundando em todo o romance, lembram, pela sua constancia e pelo seu absolutismo, a celebre phrase de Rénan, o fiel que se tornou sabio, porque abandonou o sacerdocio para ser scientista: «Quanto mais a sciencia illumina as coisas em torno de nós — proferia o grande francez, — mais ella escurece o nosso destino».

Não ha a negar, *No hospicio* está impregnado do anarchismo philosophico e scientifico de FREDERIC NIETZSCHE. Traçando a figura morbida de *Fileto*, o auctor em innumeros casos desposa idéas, criticas e pedantismos (sem offensa n'esta palavra) do desditoso viajante do Sils Maria. Com este elle combina sobre o conceito dos poetas; disse NIETZSCHE: «O poeta leva triumphantemente suas idéas no carro do rhythmo: ordinariamente porque estas não são capazes de ir a pé»; accrescenta ROCHA POMBO: «Parece mesmo uma deploravel extravagancia da nossa natureza incompleta este capricho de reduzir a medida e a cadencia as grandes emoções a que a alma se exalça em certos momentos». Ora, ainda mais: o allucinado creador de *zarathustra* foi um forte na extravagancia, e a sua philosophia originou a religião da força, na technologia de J. BOURDEAU, em seu livro *Les maîtres de la pensée contemporaine*. O bem era um producto da força, segundo NIETZSCHE, e, d'esta arte, um seu discipulo póde concluir: «A força unicamente decide do Bem. O conceito do Bem é inherente ao conceito da Força...». Pois bem; no seu personagem *Fileto*, o auctor brasileiro faz brotar a crença n'essas idéas: «Li hoje o *Quo vadis?*, e, pela primeira vez senti na minha vida uma especie de culto pela força: foi quando vi o incomparavel *Ursus* estrangulando aquelle *Croton*. Que von-

tade de adorar aquelles musculos de bronze, que vencem e subjugam as féras monstruosas, que salvam a innocencia, que sabem agir pelo amor!» E, para de vez, afim de não prolongar demasiadamente esta parte do meu estudo, significar a influencia das creações, da obra emfim, de FREDERIC NIETZSCHE sobre o auctor de *No hospicio*, transcrevo a sua confissão exarada nas seguintes linhas: «*Fileto* despediu-se afinal. Em troca do *Pur esprit*, levou-me um volume de NIETZSCHE, e um outro de CARLYLE *(Sartor Resartus)*. Elle andava muito preoccupado, principalmente, com o estranho philosopho allemão».

Na hora actual, porém, todos os grandes espiritos não estão completamente destituidos das idéas de *zarathustra*, porque muitas d'ellas são as de todos os tempos, e hão de ser reconhecidas outras, de futuro, como a do *superhomem*...

§ 2.º

A pagina mais escolastica de *No hospicio* encontrei na preoccupação estranha de fundar-se um collegio de esthetas, ao que muito de perto se assimilhou um novel escriptor brasileiro, preoccupado com a fundação de uma universidade

popular[1]. E é com a pagina seguinte que ROCHA POMBO se exprime:

«— Ah! comprehendo, meu amigo — acudi sorrindo vanglorioso. Se eu pretendesse começar com cem familias das actuaes, mesmo que pudesse ir escolhel-as entre as mais virtuosas do mundo... o meu systema falharia por falta de base. Mas não ha-de ser assim. Eu quero começar por um instituto de ensino, em que se recolham o homem e a mulher ainda na sua pureza de infancia. Esse estabelecimento será dividido em tres secções. Na primeira secção internarei creanças de ambos os sexos até os treze annos de edade, no maximo. Essas creanças ahi serão educadas até os treze annos e em seguida devem ir para a secção immediata, onde continuarão a ser educadas, com um cuidado mais especial quanto a estes dois aspectos do homem — *a profissão*, como necessidade fundamental da existencia — *a esthetica da vida*, como preparo do espirito para a

---

[1] PEDRO DO COUTO no seu novo livro *Paginas de critica* escreve sobre este facto: «ELYSIO DE CARVALHO, activo e intelligente escriptor infelizmente instruido das extravagantes e exoticas theorias de NIETZSCHE e STIRNER fundando a primeira universidade popular a exemplo das européas, procurando, d'esta arte, mui sabiamente diffundir a instrucção scientifica e litteraria entre os que d'ella necessitam, para melhor e com mais acerto reclamarem dos dominadores respeito aos seus direitos».

éra nova. Aos 21 annos, se o moço quer ainda ficar no instituto, deve ainda estabelecer-se, casado com a alumna, na ultima secção, quer dizer na *villa*, onde será o pleno o regimen instituido. Comprehende que na *villa*, as relações sociaes, os deveres, os costumes, a vida, em summa, não será menos que um desdobramento da ordem creada desde a primeira secção. Diga-me agora: já não lhe parece mais possivel, mais praticavel a minha reforma?» [1].

Muito pouco racional, e, mais do que isso, muito extravagante é o processo de selecção para a vinda dos ***heroes*** ou dos ***superhomens***, conforme o apresenta o illustre auctor brasileiro. Eu renovarei a pergunta posta nos labios do desditoso *Fileto*, quando ouviu a narrativa do que teria de ser «a sociedade nova», ou quando conhecia «os alicerces da construcção futura», em todas as suas minucias, relativamente aos regimens economico e politico, bem assim á «nova moral» e á «religião nova».

«Como iria o senhor começar a sua primeira villa?» pergunta *Fileto* — «com ares de quem não dissimula que vae ter uma victoria fazendo emmudecer» o seu interlocutor — «onde iria eleger cem familias como imagina?»

---

[1] *No hospicio*, pag. 156-157.

O bastante, porém, não conseguiu responder Rocha Pombo, n'aquelle trecho acima transcripto: «Se eu pretendesse — diz elle — começar com cem familas das actuaes, mesmo que podesse ir escolhel-as entre as mais virtuosas do mundo... o meu systema falharia por falta de base. Mas não ha-de ser assim». E aqui está o periodo mais explicativo de toda a resposta: «Eu quero começar por um instituto de ensino, em que se recolham o homem e a mulher ainda na sua pureza de infancia». Ora, educadas, desde a infancia, as creanças poderiam, de facto, servir para a construcção futura». Mas, porque não servirem as familias seleccionadas entre as mais virtuosas do mundo, quando servem os professores tirados, por selecção embora, da humanidade actual?

Quando o *superhomem* chegar, a sua vinda será a mais espontanea que se possa conceber: a selecção ha-de fazer-se naturalmente, sem a menor provocação do proprio homem, sem a menor artificialidade. Quero crer que, tendo sido a passagem animal para o homem, firmada na evolução de seus caracteres de *erecto*, porquanto o orgão humano que mais progredia, então, era a columna vertebral, não só se atrophiando completamente na região sacro-coccygana, como tambem se consolidando ao ponto de dar ao ser novo a segurança erecta e magestosa do *bipide*, quero crer, digo, que a selecção, em virtude da qual

ha-de chegar o ser novo — seja elle o *heróe*, o *survival*, o *uebermensch* ou o *adlermensch* — poderá muito bem ser de ordem cerebral ou intellectual, porquanto, na actualidade dos animaes, é o cerebro o orgão que mais se tem desenvolvido no ser ultimo, que é o homem. Porque, pois, presumir-se um processo demasiadamente artificial, senão para imitar Frederic Nietzsche, quando a propria natureza humana (e não se veja n'esta phrase a obsecação metaphysica de outros muitos) se incumbirá, no momento opportuno, ou quando aquelle orgão attingir o grau optimo de sua evolução, de renovar a humanidade, fazendo-a subjugada, na escala zoologica, por uma categoria de animaes superiores e mais evoluídos do que o homem?

Sou manifestamente contrario á intromissão do poder humano nos phenomenos em que só a natureza (sem preconceitos metaphysicos ou dualistas) deve agir reproduzindo ou seleccionando. Dispensar-se-ia, portanto, a creação fantasista de Rocha Pombo, bem como a extravagancia das universidades populares de Elysio de Carvalho, que parodiou as instituições dos Collegios dos Esthetas mantidos em França pelos naturistas. Assim, não serão os homens que determinarão o seu evolucionismo animal, seleccionando-se por esta ou por aquella fórma. E n'esta parte supinamente philosophica, o erudito escriptor de *No hospicio*

se sentiu em difficuldades para fechar o circulo de suas aspirações litterarias, em que, como um desperdicio de crença christan, ha uma grande preoccupação de CHRISTO, que creio apontado como o prototypo do ser futuro ou do homem evoluído em genero novo.

§ 3.º

Já trez vezes li o curioso romance naturista de ROCHA POMBO. E, se, com esta leitura iterativa, gozei, por um lado, a luxuria de um livro de arte, caprichosamente trabalhado para conquista de almas ainda não impregnadas das muitas corrupções da epoca, e ahi está o seu maior valor, por outro lado, quebrando a alta linha pretendida pelo seu auctor, no seu livro divulguei claramente o apaixonamento odioso contra factos e idéas, o qual, provavelmente nascido da sêde criminosa de originalidade pessimista e extravagante, chegou ao auge, como tambem, e sem lucros ou proventos, se ha-de ter excedido o escriptor na vertiginosa carreira com que percorreu o traço da circumferencia de seu esforço.

Ora, para bem se escrever sobre uma obra qualquer, o conhecimento do auctor é tão necessario quanto o da propria obra. Não sou, comtudo, do exaggero de outros que lavram, em virtude

do facto dolorosissimo de ter NIETZSCHE acabado louco e recolhido n'um asylo, a condemnação desarrasoada e systematica de todo o seu vastissimo criterio philosophico, chegado a nós em uma dezena de livros variados, e geralmente, apezar de suas eruditas traducções francezas, ainda desconhecidos. O pessimismo de MAX NORDAU, porque elle conhecia bem a vida desregrada e anormal do CONDE VILLIERS DE LISLE ADAM, este a quem, bem ou mal não importa, eu considero vigoroso poeta francez, levou-o a excommungar, antes de qualquer leitura de producções d'este, ao apreciavel poeta, considerando-o um louco, e ferindo-o com uma sentença extremamente rigorosa. E esta foi argumentada com o facto de ter sido divulgada uma carta escripta pelo litterato excommungado á rainha VICTORIA de Inglaterra, «em vrtude de seu direito de herança á restituição de Malta»[1], baseando, de mais a mais, a sua condemnação nas allegações de um outro escriptor mesquinho e sem tanto preço litterario, as quaes estão no seguinte trecho: «Fingindo fé propria de sacerdote, VILLIERS sentia prazer em blasphemar. Considerava o direito de blasphemar como sua propriedade particular... Este bretão catholico frequen-

[1] *O Egotismo III. Decadentes e Estheticos*, por MAX NORDAU, trad. de LAEMMERT & C.ª, Rio, 1899, pag. 109.

tava Satanaz ainda mais do que a Deus»[1]. Seria eu, certamente, incapaz de prejulgar um auctor qualquer firmando-me antecipadamente nas informações sobre a sua possôa physica ou sobre a sua personalidade moral. Entretanto, para conhecimento exacto das determinantes de um livro, julgo indispensaveis varias condições, que devem ser estudadas concomitantemente, taes como o ambiente littero-philosophico em que está revelado o espirito do escriptor, o genero de leituras que mais lhe apraz, o alvo ou o objectivo que elle tem em mira, porque um livro qualquer tem uma funcção social, tanto quanto um facto util tem elle a sua opportunidade, o seu momento justo de publicação, uma hora determinada, emfim, para o seu apparecimento, sem o que elle não terá a precisa missão social.

Não obedecendo a esse opportunismo, dormiu um seculo sem ser comprehendida a tragedia shakespeareana do *Rei Lear*, e, emquanto, passados annos de sua publicação, a França não se pronunciou sobre a musica extraordinaria e omnipotente de RICHARD WAGNER, esta foi detestada, e mais do que isso repellida e apupada, por varias vezes. O opportunismo, portanto, é um elemento po-

---

[1] *Le nouveau mysticisme*, por F. PAULHAN, Paris, 1891, pag. 92.

deroso para o successo (em gyria dos livreiros editores) de um livro qualquer. Todo auctor será feliz quando forem consagradas, embora por erro ou por ignorancia, as suas producções, porque, d'ahi por deante, todas ellas, bôas ou más, terão opportunidade e reviverão, sahindo das prateleiras das livrarias, os primeiros estudos ou os ensaios pela fama já então valorisados. E aponto esta observação como a mais verdadeira de todas.

Não conheço, senão pelos seus livros, ROCHA POMBO, mas posso, no emtanto, garantir que *No Hospicio* é o producto d'uma mentalidade incontestavelmente superior e erudita, assim como tenho a convicção de acertar dizendo esse romance inopportuno, porque não será lido, porque, n'esta epocha, não será comprehendido, porque, emfim, traçado nos moldes do que se quer dizer litteratura de *amanhan*, da *arte do futuro*, será eliminado do numero dos acceitos pela viciada geração da hora actual.

No hospicio não é bem um romance — especialmente para os que lêm RICHEBOURG e PIERRE SALLES — e a acção que nos romances é o principal requisito, n'elle não tem força. ROCHA POMBO pinta ou faz a biographia de um homem louco, recolhido ao hospicio, e de um ser outro cujos habitos, sympathias e antipathias, odios e affeições, e cuja superioridade demasiada e artificial de espirito, o levam ao capricho doentio de en-

cerrar-se, como um outro desequilibrado, n'uma cellula do mesmo hospicio, com o intuito de estudar ou de fazer a psychologia d'aquelle primeiro, de quem a existencia mysteriosa bastante o impressionou. Um d'elles — o louco — chama-se *Fileto*; o outro... simula ser quem escreveu o livro e não tem o seu nome facilmente especificado. Ambos, porém, numa communidade morbida de planos, engenhos e escriptos, apercebendo-se ao mesmo tempo dos mesmos duendes, dominando-se, egualmente, pelos mesmos sentimentos — até ao desejo de seguirem juntos a Jerusalem — preparam e argamassam a obra do renascimento. Não creio que a renascença da humanidade venha tão ingratamente do interior de um hospicio, por obra e graça de entidades enfermas, ainda mesmo que se tenha alcançado o pensamento do escriptor em querer fazer *Fileto* uma victima da ignorancia ou do atrazo social. Das perturbações intellectuaes de dois homens possuidos de obsessões, duvidas e afflicções desarrazoadas, rebuscando embora a obra superior e brilhante de JESUS CHRISTO, o maior dos artistas, o maior dos philosophos, o maior dos poetas, e, talvez, com razão, o maior dos doentes, preparando o nosso *Paraizo terrestre* para uma nova monogenia — como a de *Adão* e *Eva* — não sahirá a reconstrucção da humanidade que se deteriorou, durante seculos, e que não conseguiu

ser salvada pelo proprio JESUS. Quando muito, o que fizeram *Fileto* e o seu companheiro e observador, foi mostrar que existem doentes, e que o homem é um grande enfermo carecente de cura que ainda lhe não chegou.

Por fim, devo dizer que immensamente gostei do livro de ROCHA POMBO — principalmente na sua serena seperioridade de pensador convicto — e, amplio o meu conceito acerca do escriptor de *No hospicio*, considerando-o um homem operoso, que relembra NIETZSCHE, e a quem elle, apezar de seu inspirado e ampliador, ás vezes condemna impiedosamente.

Entretanto, para um e outro, não será despropositado rememorar as celebradas palavras do famoso poeta-philosopho do *Also sprach zarathustra*:

«Fazer planos e tomar resoluções, ahi está o que nos dá uma porção de sentimentos agradaveis. Aquelle que tiver a força de não ser toda a vida senão forjador de planos será um homem feliz. Ser-lhe-ha, porém, necessario, de tempo em tempo, executar um plano, e, então, começarão as coleras e as desillusões».

(1905)

Garrett e os dramas romanticos

Vae por deante, na conjugação dos duplos esforços do escriptor THEOPHILO BRAGA e dos editores LELLO & IRMÃO, o intento de produzir-se uma historia completa da Litteratura Portugueza. É uma obra magestosa, meditada em muitos annos e levada a effeito num plano de trinta e dois volumes, dos quaes apenas quatro ainda não vieram a lume, — que são: o setimo — *Novellas de Cavalleria e Pastoraes;* o decimo-sexto — *Os culteranistas;* o decimo-setimo — *Epicos seiscentistas;* e o vigesimo-terceiro — *José Agostinho de Macedo.* Em menos de dois annos, porém, os infatigaveis editores me enviaram dois livros dos outros: *Garrett e o romantismo*, que tem o numero XXIV, e *Garrett e os dramas romanticos*, que tem o numero XXV.

No momento actual, em que se trabalha pela restauração do romantismo, e em que, na Europa, em muitos de seus pontos se estabelece o néo-

romantismo, esses volumes da *Historia da Litteratura Portugueza* chegam muito a proposito de uma leitura attenta e proveitosa, em toda a linha. Não são os homens que fazem as epocas litterarias: ellas vem com o evolucionismo social. E ninguem melhor do que ALEXANDRE HERCULANO conseguiu exprimir esse facto: «Nunca um ou alguns homens — disse elle — poderam assim mudar nem a minima das formulas sociaes, em cujo esmero a arte de certo não é a ultima. São as gerações arrastadas e agitadas por ideias que nasceram e se derramaram insensivelmente, que fazem similhante transformação. Esses cabeças de escola são o verbo da ideia, são os interpretes do genero humano, e mais nada».

O phenomeno do romantismo, desde os tempos de GARRETT, como o estuda THEOPHILO BRAGA em um d'aquelles seus dois livros, foi, no seculo da revolução franceza, consequencia do progresso das sciencias naturaes, e serviu de protesto ou de reacção ao culteranismo que assoberbava o mundo intellectual, abrindo espaço ao realismo que teve logo o maximo fulgor nas victoriosas obras de BALZAC. E, toda a longa historia do romantismo, a que está ligado, em Portugal, muito intimamente, o nome altamente querido de ALMEIDA GARRETT, conta-a THEOPHILO BRAGA, extensa e minuciosamente no seu livro *Garrett e o romantismo*, que é um trabalho, conforme já

disse, da maxima actualidade litteraria. Os que quizerem, pois, seguir á risca os tempos idos de fulgurancia e imperio da escola que se restaura, não carecem de ler, para base de qualquer estudo, mais do que aquelle volume da *Historia da Litteratura Portugueza*.

Da minha parte, aqui, prefiro tratar do outro *Garrett e os dramas romanticos*, por mais vasto e mais portuguez.

*

Tão conhecidos e divulgados estão os merecimentos do quanto é produzido por Theophilo Braga, que me julgaria, especialmente em assumpto de historia litteraria, na desnecessidade de referir-me a mais este grosso livro — *Garrett e os dramas romanticos* —, onde com uma invejavel erudição, o robusto talento do escriptor portuguez marca mais um triumpho e mais um relevantissimo serviço ás lettras de Portugal.

Não é que ellas estejam primeiramente divulgadas pelos estudos de agora feitos, mas sim porque é de tal ordem sensata e criteriosa a ampliação das idéas, já por outros muitos relatadas, e de factos mais ou menos conhecidos, que os que acompanham as formações e a genese litterarias,

sobre a patria de CAMILLO, não encontrarão melhores trabalhos que os de THEOPHILO BRAGA. Se a litteratura portugueza tem uma magestosa historia, recheiada de glorias e louros, não é preciso dizer-se mais, todas essas glorias e louros, de facto, devem interessar a todos os brasileiros, descendentes, como se conhece perfeitamente, politica e litterariamente, da nacionalidade lusitana, com exclusão radical dos demais elementos ethnicos, que contribuiram para a formação de nosso povo heterogeneo. Ainda mais, quando, alem de matriz politica e litteraria, d'ella recebemos a lingua que fallamos, alterando-a, não só por necessidades do meio, como tambem por corrupções, mas concertando-a com os recursos, realmente unicos, dos bons livros dos maiores classicos de Portugal. E, foi, reconhecendo isso, que o legislador nacional e brasileiro, organisando o ensino propedeutico dos que aspiram um diploma littero-scientifico, incluiu, como um factor necessario e de indispensavel apreciação, entre as materias dos ultimos annos do curso gymnasial, a historia da litteratura portugueza, o que racionalmente, não deixará de ser a historia de nossa lingua rica de bellezas, em razão directa de suas difficuldades, isto é, de nossa lingua tanto mais bella quanto mais difficil.

Para esse fim, não me poderão contestar, a melhor, senão a unica, bibliotheca, de que dis-

põem os que estudam, é a collecção de trabalhos de THEOPHILO, dos quaes, effectivamente, para um exacto conhecimento do assumpto, não se póde prescindir, sem damno absoluto. Realmente é justo que se diga a obra do fecundo publicista demasiadamente longa — trinta e tres volumes — para ser manejada pelos jovens candidatos ao doutoramento, no nosso Paiz. Mas, não constituirá isso um peccado, nem se poderá dizer ou taxar de improveitavel um esforço por se revelar muito longo, porém muito certo. Aos preleccionadores da historia da litteratura portugueza, não poderão faltar os desenvolvidos compendios theophilianos. Elles são estrictamente necessarios aos estudiosos que lá irão haurir os documentos, os factos e as idéas, já systematisadas, porque o elemento mais valioso da historia escripta por THEOPHILO BRAGA, é a sua feição caracteristica, a sua feição philosophico-social, inexistente, em varios outros escriptores.

Creio, piamente, que a obra da historia da litteratura de Portugal, como já disse, é demasiadamente longa para ser manuseada pelos que se iniciam na carreira das lettras. É uma verdade. Não posso, entretanto, applaudir, por melhor vontade que eu reconheça n'um auctor, a reducção de um assumpto vastissimo, e, ainda illimitado, á simplicidade semi-douta das plaquettes, com destino ao uso dos estudantes. Está n'este caso um

livro do muito talentoso e preparado professor bahiano, dr. M. J. DE SOUZA BRITO, lente de litteratura, trabalhado de accordo com o programma do ensino, onde toda a producção de THEOPHILO BRAGA se resume em quarenta paginas, naturalmente deficientes, apezar do muito esforço, n'ellas mesmas revelado, do illustre auctor, para não fazer trabalho de todo imprestavel... [1]

*

O volume XXV, pois, comprehende tres partes distinctas, que são completamente dependentes e complementares dos especialisados estudos contidos no numero anterior, sob o justificado titulo — *Garrett e o romantismo* — abrangendo este os assumptos que se seguem:

a) Idéa geral do Romantismo;
b) Garrett sob o influxo do Arcadismo;
c) Garrett e os aspectos do Romantismo.

---

[1] *Licções de Litteratura*, de accordo com o Programma de Ensino do Gymnasio Nacional, pelo dr. MANUEL JOAQUIM DE SOUZA BRITO, lente cathedratico do Gymnasio da Bahia, vol. 1.º, 5.ª serie, Bahia, 1906.

São essas tres partes as sufficientes para que o leitor fique de posse de um vasto conhecimento sobre as relações de nome, de epoca e de obra entre GARRETT e o romantismo. Então desenvolve-se muito a proposito a materia do volume XXV, que d'esta fórma se distribúe amplamente:

a) Os dramas romanticos;

b) Garrett e a restauração do theatro nacional;

c) Garrett, sua morte, fim de uma epoca.

Da fórma e erudição com que THEOPHILO BRAGA disserta sobre essa importante epoca da vida litteraria de Portugal, é desnecessario algo accrescentar-se ao nome feito que o eminente escriptor tem na litteratura hodierna da patria de HERCULANO e de FREI LUIZ DE SOUZA.

O erudito livro — *Garrett e os dramas romanticos* —, pela propria materia que n'elle se contem, pela distincção que o auctor produz em todas as minucias relatadas, é um trabalho fastidioso, mas util. Elle é encerrado com uma completa — *Bibliographia garretteana* —, esclarecedora, por muitos motivos, do valor litterario e do caracter de GARRETT, amesquinhado com generalisadas lendas deprimentes.

E eis como o fulgente historiador portuguez summúla, finalisando, a sua apreciação sobre o soberano dramaturgo de *Frei Luiz de Souza:*

«Quando affluiam de toda a parte as representações para que se trasladassem os restos mortaes de GARRETT para os *Jeronymos*, ercrevemos: «Não admira que a glorificação de GARRETT carecesse da impossibilidade do julgamento de um seculo, toda essa gloria official dos grandes homens do constitucionalismo desvairava as attenções para a obra de um liberalismo sem raizes na consciencia da nação. E até certo ponto pezou sobre a missão social de GARRETT um insistente desdem, por isso que a essencia da sua obra fôra levantar a nação pelo amor das tradições da bôa terra portugueza. Disse GARRETT uma phrase bem caracteristica: «A vida dos grandes homens é a historia das suas patrias. A sympathia social é que nos revela esta intima solidariedade, presentindo e antecipando mesmo os resultados da critica. Sómente traçando o quadro das modernas instituições portuguezas é que se vêm com nitidez os contornos da biographia de GARRETT. É a synthese de uma epoca em todo o seu esforço de renovação; é a expressão de uma raça ou de uma nacionalidade, no que ella tem de mais intimo, de mais delicado e original». A sua obra é uma fronteira moral da nacionalidade».

O valor, d'este modo, do vulto superior de GARRETT, é do mesmo grau de elevação do valor do profundo publicista que o celebra justamente. E, em tratando-se da historia da littera-

tura portugueza, a menos que a perversidade do escriptor sobrepuje a sua bôa razão, o nome augusto de THEOPHILO BRAGA tem de ser mencionado como o do portuguez mais sabio e mais consciente de seu proprio valor na actualidade. O seu nome só é todo o das lettras de Portugal contemporaneo.

(1906)

Uma theoria de critica litteraria

O que eu li. — Como produzi os meus livros. — Uma theoria de critica.

Repudío, systematicamente, o passado, e descreio, por completo, da historia, que, d'elle, a vaidade humana possa falar. Fundamentou essa descrença a opposição que levantei ao philosopho celebre de ROECKEN, ou a sua theoria extravagante sobre a historia: «Não é senão pela maior força do presente que deve ser interpetrado o passado; não é senão pela mais forte tensão de vossas faculdades mais nobres que adivinhareis o que, no passado, é digno de ser conhecido e conservado». Isto quiz dizer-me que a historia é producto do historiador e não este um producto elementar d'aquella, pelo que a historia é uma arte e não uma sciencia... E porque me oppuz ao criterio d'esse trecho do inspirador de *Zarathustra*, hei-de oppôr-me sempre, e com a maxima sinceridade de livre pensador, a todos os generos

de narrativa dos feitos humanos. Com maioria de razão, não sou apologista das auto-historias, ou das historias subjectivas, porque são mais romanescas do que doutrinarias e veridicas. Nada é mais condicional, pois, do que o relatorio succinto do quanto hei lido para a minha formação litteraria, para o que parodiando a maxima grega — o homem é a medida do universo — eu referiria: — o meu individuo é a medida da minha perfeição.

Outro tanto se passa no dominio da minha propria existencia do pensador que procuro ser, no qual não me preoccupei, até agora, com imitar ninguem, nem mesmo nas confissões do arthritismo, ao que se diz d'ella usando-se e abusando-se, a molestia predilecta dos intellectuaes...

Jámais recebi insinuação de qualquer ordem para percorrer as paginas de tal ou qual livro de litteratura ou tratado de sciencia. Seria ingratidão minha, entretanto, esquecer o concurso magnifico e soberbo de meu pae na minha formação intellectual. Seria falta carecedora de muito castigo olvidar-me d'elle que abriu deante de meus olhos os mais profundos mysterios do universo, esclarecendo-me com as multiplas explicações de sua sciencia predilecta — a historia natural. Seria perpetrar um crime não o mencionar entre os que mais poderosamente fizeram o meu eu de homem de lettras, e contribuiram para a minha liberrima cultura actual...

O QUE EU LI

Assim preparado, li e reli, como ainda hoje o faço, indistinctamente os prógonos dos classicos, dos romanticos, dos lyricos, dos hugoanos ou alevantados condoreiros, dos naturalistas da França ou da Russia, dos symbolicos — em qualquer das suas muitas modalidades ou feições, mais ou menos morbidas — dos naturistas e dos esthetas... Todavia, emquanto essas eram as minhas leituras preferidas ou favoritas, as sciencias philosophicas me subjugavam, não despresando eu as obras dos maiores operarios da humanidade scientifica. Por fim, tenho acompanhado, passo a passo, a campanha néo-romantica, que se inaugura, pomposamente, na Europa.

Sómente na leitura dos esthetas, porém, colhi qualquer motivo para viver as paginas do meu primeiro livro. A *Rosa Mystica* de JULIO AFRANIO foi o primeiro canto suggestivo que me despertou para a arte, que levei á conta, nas minhas estréas, de sacerdocio, e por causa do que exerceu forte influencia no meu espirito a obra de GABRIELE D'ANNUNZIO especialmente *Il fuoco* e *Trionfo della morte*, e a obra de MAURICE MEATERLINCK, muito principalmente *Les aveugles*, que conheci ainda em 1891.

N'este interim, infiltrou-se n'alma o pessimismo orgulhoso de FREDERIC NIETZSCHE, origem e

causa da minha primeira publicação, o *Eterno Incesto*, que foi barbaramente espancada pela critica indigena, muito competente em louvar-se no proposito de dizer mal de um iniciante bem intencionado (eu assim me julguei ser) e avesso a silenciar-se depois das bordoadas com que lhe esescovassem o producto intellectual... Combati, e ao mesmo tempo em que José Verissimo, fanfarronando o desprestigio do meu primeiro sonho, me nivelava ao *Ursus* do *Homem que ri* de Victor Hugo, eu o encarnava em *Quasimodo*, o bobo tocador de sinos da conhecidissima peça burlesca que é a *Notre Dame de Paris*... E só quando não encontrei um adversario condigno fiz silencio. Tal occorreu com um Carlos D. Fernandes, que dizem goza as calenturas da enxovía por um delicto feio, e cuja pagina triste arremessei ao despreso, não me prendendo a attenção que elle attribuisse ao auctor do *Eterno Incesto* os caracteres pathologicos dos paranoicos, n'uma copia despresivel das mais ingratas extravagancias de Max Nordau, ácerca de illustres litteratos de outro tempo e de agora... Mas, como eu fosse apedrejado por um louco não quiz com elle nivelar-me rebatendo as pedras, que mais tarde hão de testimunhar, como já agora, as torturas da minha peregrinação artistica... Desde que, entretanto, para Max Nordau, que tinha a competencia, quando nada de egual en-

fermo, cujas obras e opiniões se recommendam pela serena simplicidade superior com que são expostas, BEAUDELAIRE[1], EDGAR PÖE[2], VILLIERS DE LISLE ADAM, BARBEY D'AUREVILLE[3], HUYSMANS[4], MAURICE BARRÉS[5], OSCAR WILDE[6] e outros muitos, entre os quaes se acha o pontifice da Belleza, ou o escriptor britannico JOHN RUSKIN, são degenerados, loucos e paranoicos, que admirar, é claro, eu assim tenha sido qualificado, quando, como se entrasse em sua cellula ou no asylo de seu recolhimento, eu fui á presença, por intermedio de outrem, de um luxurioso doente, CARLOS D. FERNANDES, cavalheiro, como todos os outros reclusos, ao ponto de dar aos seus visitantes os predicados e adjectivos que mais se lhe ajustam?...

---

[1] «Poderá o egotismo monstruoso de um alienado exprimir-se com mais audacia do que n'essa observação de BEAUDELAIRE?», ou então: «Não ha necessidade de demonstrar extensamente que BEAUDELAIRE era degenerado». — Palavras de MAX NORDAU, no livro *O egotismo*, ed. brasileira, pag. 88.

[2] «...e apreciava, por exemplo, entre os escriptores, o mais abundantemente dotado mas alienado EDGAR PÖE»... Idem, idem, pag. 89.

[3] Op. cit., pag. 108.

[4] Op. cit., pag. 133.

[5] Op. cit., pag. 134.

[6] Op. cit., pag. 149.

Era chegado o momento de eu ensinar a mim proprio um culto mais novo: um musico, o maior de todos, RICHARD WAGNER e um poeta SAR PELADAN me interessaram sobejamente, e, agindo por influencia d'elles, com o que eu seleccionára nos que os precederam em minha leitura, escrevi o *Raio de Sol*, que se encafuou, até hoje, muito contragosto meu, no roda-pé de um jornal provinciano.

Passei, então, para o theatro extravagante de D'ANNUNZIO e de MEATERLINCK, d'este preferindo a *Monna Vanda*, e d'aquelle *Un sogno d'un mattino di Primavera*: eis os motivos de meu *Sê bemdita!*, que considero, aparte curaveis extravagancias de estylo, o meu livro mais esthetico[1]. Nas paginas d'aquelles dois pensadores encontrei o germen que me incitou para a melhor parte de meu trabalho. Adorei, incondicionalmente, a Belleza, nos seus próceres e nos seus precipuos elementos: arte, sonho e amor... Professei durante mezes, a religião do bello, que

[1] Contra este livro, um delirante fazedor de versos maus e mal inspirados, o sr. DAMASCENO VIEIRA, cuja sonilidade, embora que precoce, soltou, para o seu maior estrago organico, a sua mania de remoçamento, escreveu algumas linhas que eu levo á conta de matizes dos vapores de alcool com que se prepararam os aphrodisiacos e os elixires de *catuaba*... Eis um zoilo!... Corpo e alma entoxicados...

Gabriele d'Annunzio, em *Il piacere*, e Eugenio de Castro, em *Belkiss*, me ensinaram: o bello sobre todas as coisas.

Exgottei as obras completas de Honoré Balzac e de Émile Zola. E elles tambem deixaram vestigios na minha formação: attesta-os, de modo sobejo, o *Crises*, que veio a agradar a Max Nordau [1], apezar de todos os seus reconhecidos pessimismos...

E o que leio agora?...

Ainda e sempre os sonhadores excelsos de *La figlia di Jorio* e de *Les aveugles*, isto é, d'An-

---

[1] O illustre psychologo dr. Max Nordau escreveu-me sobre o *Crises* a seguinte carta alleman: «Paris, 30 dezember 1906. Hochgeehrter Herr und Kollege: Nach Ihrer sehr liebenswürdigen Widmung zu schliessen, darf ich Ihnen ja wohl deutsch schreiben, um Ihnen für Ihren ausgezeichneten Roman «Krisen» zu danken. Die Geschichte der Gründung, der Entwickelung und des Unterganges des «Estrepito» ist ein farbenreiches und kurzweiliges Gemalde brasilianischer Sitten, die sich freilich, wenigstens in der Hauptstad, kaum von denen der entsprechenden europeischen Schichten unterscheiden. Hochstens fallt ein forcieter Kosmopolitismus und ein snobischees Bemühen auf, über jedenneuesten Blodsinn in europeischer Kunst und Litteratur auf dem Laufenden zu sein. Die Gestalten von Audalio und Laura wird Ihr Leser nie vergessen. Für die wiederholte freundliche Erwahnung meines namens dankt noch besonders Ihr aufrichtig ergebener Dr. Max Nordau».

NUNZIO e MEATERLINCK; os realistas soberbos de *Germinal* e de *Eugenia Grandet*, — ZOLA e BALZAC; o soffredor de *De profundis*, e o pontifice da belleza — OSCAR WILDE e JOHN RUSKIN; ás vezes, paginas de PIERRE LOUYS, de ANATOLE FRANCE, de PAUL BOURGET, de todos os russos, essencialmente de GORKI e TOLSTOI; e todo o theatro de IBSEN e de SARDOU, grandioso este em *La sorcière*...

Afóra d'isto: todos os livros novos que consigo adquirir e assignalar com o meu nome e com as minhas notas, não poucas vezes muito longas e controvertidas...

COMO PRODUZI OS MEUS LIVROS

A minha iniciação, no mez de maio, mez das flôres exoticas, de MCMI, foi rubra e revolucionaria, como o 14 de julho da França renascida com os progressos das sciencias naturaes. A Bastilha que ataquei, derrocou, esmagando-se o seu defensor[1], no conceito dos seus conterraneos e dos

[1] Refiro-me a PETHION DE VILLAR, a quem me devo referir, de facto, mais largamente n'esta passagem de meu livro em que de zoilos me occupo.

Etiquetam-se (e perdoarão, porventura, os grammaticos, o inicio neologico d'esta pagina de combate?) de

mais lettrados de sua terra, sob o peso de sua propria imbecilidade. Rememoro a escandalosa polemica litteraria, em que bati, sem dó nem piedade, o pedantismo, a ousadia, o arrojo e a nullidade de PETHION DE VILLAR... E, deixando-o de rastros, a mendigar o conceito dos extranhos,

---

litteratos dous escriptores da Bahia — pae e filho — contra os quaes, sem nenhum arrependimento, me tenho levantado desde a minha estréa litteraria, quando o odio expontaneo do filho, açulado pela senectude morbida do pae, se antepoz, desastrosamente embora, á carreira que eu iniciava por entre os escandalos do desfraldar intemerato do pavilhão escarlate de uma escola nova — o symbolismo.

Trato de PETHION DE VILLAR (DR. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO) e de MARIO DE LAVEZZARI (DR. FRANCISCO MONIZ de ARAGÃO), descendentes ambos de uma familia antiga de varões illustres, cujos ultimos representantes, excepção de dous ou tres, inteiramente degeneraram...) Praz-me entre esses dois ou tres collocar o dr. GONÇALO MONIZ, moço de elevada cultura e reconhecido senso scientifico, cujos dotes de espirito e de conhecimento, com relação ao nosso meio social, lhe dão, ao meu vêr, as qualidades de um dos grandes eruditos da Bahia). O destino d'aquelles dois homens de lettras tem sido — para um na sua mocidade fantastica, aprisionado na fé de que foi um genio precoce, e para o outro, na sua decadencia senil, com toda a preoccupação do gasto que ingere aphrodisiacos para manter os preconceitos de joven — foi sempre entrecortado de aventuras ridiculas e de iterativos desastres. (Todos os que acompanharem, com interesse, o desenvolvimento das lettras na Bahia, devem estar ao par

quando os de sua patria o repelliam, fiz uma obra valiosa de inesquecivel caridade.

Pois foi com toda essa muito grande revolução que me iniciei, não ha seis annos ainda, quando eu só amava, como os meus mestres mais directos, a Cruz e Souza, Eugenio de Castro,

---

da polemica litteraria que se travou entre Achilles Donato (meu pseudonymo na revista de symbolismo litterario — *Mercurio* —) e Pethion de Villar, no decurso do anno de 1901, quando vieram a lume as minhas primeiras producções — que escandalisaram a burguezia intellectual da terra do Salvador, em que os Monizes degenerados querem dar cartas, e, estragados, intellectualmente, conservar o justo renome de seus grandes antepassados, cujo maior foi o dr. Francisco Moniz Ferrão, que não cesso de admirar). Ambos os dois, como diriam alguns sabios muito conhecedores de nossa lingua, são figuras preeminentes nas façanhas irreflectidas do pedantismo, na lubricidade felina das provocações traiçoeiras, nas infantilidades sentimentaes de suas paixões — o pae, apurando-se um inesgotavel na razão inversa da edade crescente, o filho, universalisando-se nas louvaminhas a escriptores do mundo inteiro, que lhe compensam a ousadia de ran da fabula, concedendo-lhe a graça de seis ou oito vocabulos de affectuosidade mal conquistada...

Nenhumas outras palavras melhor definiram já Pethion de Villar, o possuidor emerito do relogio de Napoleão Bonaparte, do que as de Walfrido Ribeiro, moço litterato que acompanhou, como secretario, a alma nobre de Domingos Olympio, este pranteado director da criteriosa revista *Os Annaes*, do Rio de Janeiro. Refe-

JULIO AFRANIO, STEPHANE MALLARMÉ e PAUL VERLAINE... Entretanto, pouco tempo depois, aprofundando-me em varios estudos, eu tinha assimilado a melhor parte da philosophia litteraria de FREDERIC NIETZSCHE. E, com a continuação de lêl-o, esse fecundo pensador me arrebatou, de vé-

---

ria-se elle ás truanices litterarias de um zoilo mineiro, de nome AUGUSTO FRANCO, o thuribulador excelso de SYLVIO ROMÉRO, de todos os presidentes da futurosa patria de GONZAGA. Então, WALFRIDO RIBEIRO me forneceu os seguintes criteriosos conceitos, dignos de todo o acato, porque só a verdade e a justiça, e só ellas, estão com elles. Eil-os: «Leiam o capitulo sobre as producções de PETHION DE VILLAR, que os senhores conhecem como o exhibicionista mais escandaloso e perfeito da raça latina. Esse artigo d'esse FRANCO foi naturalmente encommendado pelo cigano da Bahia. Ha n'elle, de principio a fim, a preoccupação do reclamo(?), o predominio da vaidade mais idiota. Esta chega, com aquelle, á tolice infantil de notar que um tal trabalho do tal VILLAR sahiu publicado em columna de honra do *Jornal do Commercio*, que o dr. EGAS tem recebido cartas de todos os homens illustres do mundo, e que um jornal allemão transcreveu, com palavras amaveis, um bello estudo do mesmo EGAS e que ZOLA escreveu que é um grande paiz um paiz que produz poetas como EGA, etc., etc.» (*Os Annaes*, revista dirigida pelo pranteado escriptor brasileiro dr. DOMINGOS OLYMPIO, artigo — *A Livraria* — no numero 8, pag. 129).

Mas um tal FRANCO foi arranjado por um tal EGAS, da mesma fórma que este foi creado para a estulticie humana...

ras, n'uma ascendencia intellectual, que tive em tudo as sensações das nuvens, desposando em toda a sua obra, alem da creação do *superhomem* — unica parte real e verdadeira de seu confuso systema.

N'este transe, pensei muito com o combatido escriptor do *Also sprach Zarathustra*.

Por effeito da convicção do *adlermensch*, tor-

E, assim, como uma symbiose em que o cogumelo dá incentivo á alga, para produzir, *per omnia res*, e esta, estralejando ovações intimas, dá áquelle a tranquillidade para ousar, para guindar-se e despenhar-se no abysmo, para subir até perder-se nas alturas incommensuraveis até subjugar todos os genios consagrados pela humanidade... e, assim, fascinam elles os olhos dos que pouco vêm (dos DAMASCENOS, v. g.), seduzem as almas dos CALINOS de nova especie, escravisando um grupo de inconscientes, que não sabem o que fazem, porque os adoram como a bezerros de ouro... Mas, reflectindo, agora, um pouco sobre a personalidade litteraria de MARIO DE LAVEZZARI, ou sobre a de PETHION DE VILLAR, ficarei n'isto, sem proferir nenhum paradoxo: estão ambos, de ha muito, como dous suinos tuberculosos, chafurdados no atoleiro da cabotinagem (mais um neologismo para ser perdoado) e da especulação; como dous maus artistas de arrebentados reportorios, na pena das vaias das plateias garotas, ou das condemnações da critica imparcial. Propôr-me-hei, de futuro, á demonstração d'isto para que, abitolados o merito do paronoico e a sandia do plagiario, se possa dizer d'elles, com uma expressão vulgar: — *são filhos de peixe, mas nasceram sem barbatanas...*

nei-me adversario encarniçado dos poetas, tanto quanto trasladei para a nossa lingua a pagina d'aquelle livro que d'elles se occupa, dando-lhes renhido combate. E arrojei-me n'uma plena e consciente actividade com o pensamento de curar o mundo de uma das suas doenças: o homem... N'este interim, foi quando me saciei n'um livro... o *Eterno Incesto*... Quão grande que foi a saturação da minha alma no odio á critica e á cohorte dos fantasmas que se arremetteram contra a minha estréa...

Li, então, os naturistas, especialmente Émile Verhœren, Saint Géorges Bouhélier e Maurice Le Blond. Ao verso livre, de que me tornei adepto com os symbolistas de todos os matizes, accrescentei o conceito do *superhomem* — renascença intellectual do homem — publicando o meu segundo tentamen de arte, o — *Raio de Sol* — romance que vale um trecho de calma do meu espirito.

Prosegui na minha formação artistica. Relacionei-me, não só com os da critica, bem como com todos os romances, dramas e comedias, de Balzac, Zola, Flaubert, e Camillo Castello Branco, alli a melhor parte do naturalismo francez, e aqui o mais heroico dos romancistas portuguezes.

Encantei-me com as idéas de renascença do helleno-latinismo, seduzindo-me os trabalhos con-

secutivos e amplos de Petrus Durel e Angelo de Gubernatis: para muitos que se iniciavam, com o lema latino de *Ad lucem*, produzi uma enorme serie de considerações, terminando por uma conferencia sobre *o passado, o presente e o futuro do helleno-latinismo em lucta com o germanismo*. Emquanto isto, do naturalismo francez resultavam para a minha formação duas fortes qualidades: o amor ao renascimento das artes latinas, de um lado, e, do outro, o conhecimento profundo da experimentação, que tentei usar como methodo no meu romance *Crises*, só agora passado da hybernação do folhetim de jornal para a latencia secular do livro.

Adeantei-me de facto, na genese do meu caracter litterario: adorei o bello mas não o idolatrei; quiz a belleza como um processo e não como um fim. Imaginei e reduzi á realidade de um novo volume um sonho novo: o — *Sê bemdita!* — que foi o periodo de maior transição para o que hoje eu quero ser: um religionario da arte, creação da belleza, um operario do ideal, producto do amor, e um combatente nas fileiras dos que apoiam o surgimento do *sobrehumano*, ou do *homem-aguia*.

A longa crise de decomposição litteraria que ha trinta annos assola a grandiosa capital do mundo — Paris intelligente, Paris centro cerebral da terra — insultou-me, quasi de surpresa, no momento

em que as obras de tres grandes esthetas influenciavam beneficamente sobre a fecundação de minha liberdade artistica—JOHN RUSKIN, GABRIELE D'ANNUNZIO e MAURICE MEATERLINCK. D'esta fórma foram estes os moldadores de minha organisação actual; elles me ensinaram a amar o bello espontaneo, a belleza livre, a arte dos simples que é a opposta á dos complexos que me caracterisou de começo. Com elles—eu penso firmemente—dia virá em que estarei redempto!...

UMA THEORIA DE CRITICA

Não se poderá levar, jámais, á conta de falta de solidariedade com o meu passado litterario, a theoria de critica que se fundamentou nos diversos capitulos do presente livro.

Ha palpitante em mim o desejo de renovarme sempre, mas conquistando, gradatim, modificações sinceras, que se estabeleceram n'um longo *fieri*, cujas epocas, ligadas e filiadas como os aros de uma mesma cadeia, constituem o meu evolucionismo na carreira das lettras, a minha evolução intellectual.

Actualmente, da mesma fórma de arte, quero exercer a critica, esquecendo-me, de vez, das aspirações commocionadoras de TAINE: deu-me orientação o methodo esthetico. Por elle a bel-

leza é uma prova, é uma experimentação, de onde sahirá, com a mais absoluta liberdade, mais da imaginação do que do raciocinio, o homem de lettras renascido entre os seus congeneres de raça latina. Para isto, estou admittindo a litteratura sem o imperio da metrica, sem o servilismo da medida — a soberania do verso livre; a humanidade sem o preconceito de sua inexpugnabilidade — o advento do superhomem na raça latina; a arte destituida do escôpro e do escapello — a belleza como a experimentação da propria arte; e a victoria da idéa ou a renascença do romantismo. Lembro-me de ter lido algures: «Os néo-romanticos não têm as illusões nem a ingenuidade dos seus irmãos mais velhos. Estes contentavam-se com palavras e julgavam ascender a muito alto quando cevavam as cubiças dos sentidos, as fantasias do orgulho revoltado. Os seus successores alimentados pela sciencia, aferrados á analyse, sabem a direcção que levam e porque a seguem. Auctoritarios ou revolucionarios, e no maior numero dos casos, ambas as coisas ao mesmo tempo, commentam friamente o *paucis humanum vivit genus* do velho poeta latino».

Isto posto, a critica faço como a doutrina da arte. Abomino, completamente, o exemplo de JEFFREY, que recebeu a WORDSWORTH com os rigores mais enganosos, reduzindo-o á lastima de

um mentecapto, a WORDSWORTH, que, não muito tempo depois, galgava o galardim de sua epoca litteraria na Inglaterra, onde hoje grimpa o maior dos artistas inglezes — RUDYARD KIPLING. E, como HEMSTERHUIS, posso e ouso affirmar, querendo assim designar o meu *processus* de arte e de critica, que, «a belleza é o que no minimo possivel de tempo desperta o maior numero de idéas». E o homem vive para ellas. De outra fórma, o artista póde passar a sua derrota, mas *sem noção*, segundo KANT, sem preconicios ou *reclamos previos*, conforme D'EMERSON. Tal, porém, jámais acontecerá com o critico; este, absolutamente não...

Bahia, 1907.

FIM

INDICE

INDICE